

Ano 1 - Edição 05 - Setembro de 2017



REVISTA LITERALIVRE ©

Literatura com Liberdade



Ano 01 - Edição 05 - Setembro de 2017
Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Revisão: Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: freepik

Site da revista:
<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive/comoparticipar>

Contato: revistaliteralive@yahoo.com

Página do Facebook:
<https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre>

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.

Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Direitos Autorais:

Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de “fair use” da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.



Página do Facebook:
<https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre>

Editorial

Trago para vocês a 5ª edição da Revista LiteraLivre. Graças aos autores que acreditaram em nossa proposta, nos confiaram seus trabalhos e ajudaram na divulgação, conseguimos alcançar 6.752 assinantes da revista no site (até agora). Um número ótimo, que mostra o alcance das publicações digitais, bem como a força da união entre os autores e o público.

Nesta edição, com escritores de várias partes do mundo, inclusive da Romênia, temos textos de todos os gêneros, com a qualidade e a variedade de sempre, fotos lindas, as sessões permanentes (*Coluna CULTíssimo*, *Haikai Engraçadinho* e *o Artista do Mês*), a parceria com o "Projeto Doce Poesia Doce", da Bahia e a chamada para o novo edital do "Projeto A Arte do Terror".

Muito obrigada aos autores participantes e aos amigos leitores que nos prestigiam; boa leitura!!

**Esta edição é dedicada a escritora mineira Norália Castro, uma alma talentosa que nos deixou em agosto, partindo para outra morada. Além de ter uma escrita versátil, ela me ensinou uma grande lição de vida e generosidade quando me estendeu a mão; apesar de nunca termos nos encontrado pessoalmente.*

Siga em paz, amiga querida, jamais te esquecerei!!



Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste número

Coluna CULTÍssimo.....	2
Autossuficiência Insuficiente.....	5
A Espera de Pantera.....	6
A Santa.....	7
Aberrações da luz.....	9
Aldravias*.....	10
Aleluia!.....	12
Chuva No Sertão!.....	12
Amor, Estranho Amor.....	13
Antes do Voo.....	14
Antropofagia Secular.....	16
Anu-preto (fotos).....	18
Anunciação da Primavera.....	20
Apocalipse.....	22
Arquétipos Mergulhadores.....	23
Artista do Mês.....	24
As Gotas Mágicas.....	26
Atenção às Perguntas.....	28
Boa Noite.....	29
Caçamba.....	30
Caleidoscópio Pinoquiolar.....	32
O carvalho.....	32
Carta ao caro Belchior.....	33
Desilusão.....	35
Desordem e Regresso.....	36
Devastação da Natureza.....	37
Dia Chuvoso.....	38
Entre.....	41
Epitáfio 2. A conversa.....	44
Estranho Na Madrugada.....	46
Eu Bebo Sozinho.....	50
Extremos.....	51
Fábrica de Gente.....	52
Flores de Papiro.....	53
Frase.....	54
Guardiões do Futuro.....	55
Haikai Engraçadinho.....	59
Horizonte:.....	61
Hospício.....	62
Kalimera.....	64
Lágrima.....	65
Lembranças Sem Rosto.....	66
Leonora.....	67
Luto.....	70
Luzia-Homem – marco zero do regionalismo.....	72
Morcego.....	76
Morte e Vida Nordestina.....	77
Não se Queixe, Cante, Dance, Escreva.....	80
Névoa.....	82
O amor de Lua.....	83

O Beco de Tília.....	84
O Inferno Assombrado Por Dúvidas.....	86
O Mendigo do Viaduto do Chá.....	89
O Menino.....	93
O Poço.....	94
O que penso, e os outros?.....	99
O Rei da Asa Branca.....	101
O Segredo.....	102
Parodiando Ferreira Gullar.....	107
Primeira Desilusão.....	108
Promessa.....	110
Qual a razão de escrever?.....	111
Querer.....	114
Resistência.....	115
Sem Razão.....	116
Senha.....	117
Seu Telefonema.....	119
Sobre o Tempo.....	120
Tarado de Fila.....	121
Trabalhinho.....	125
Viva o Extraordinário.....	128
Casablanca.....	130
Especial 75 anos.....	130
Doce Poesia Doce.....	136
Mulheres Pela Paz.....	139
LiteraAmigos.....	140

**Enviem seus trabalhos para a próxima edição!!
Quem já participou, pode participar novamente!
A participação é gratuita!!
Não se esqueçam de assinar a revista no site!**

Envie seu trabalho para:

revistaliteralivre@yahoo.com

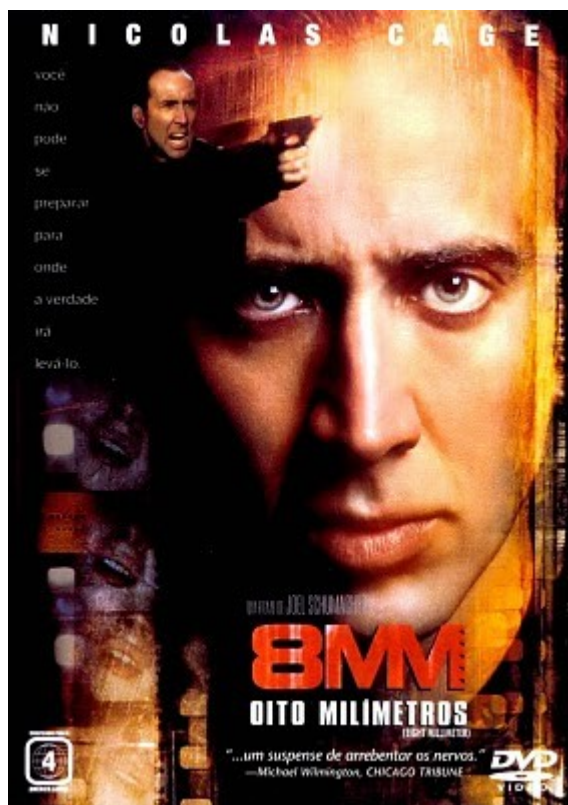




CULTÍSSIMO

Ana Rosenrot

Coluna CULTÍSSIMO



A Sr^a Christian, uma mulher rica e influente, ficou viúva recentemente e durante o inventário dos pertences pessoais de seu “distinto”

marido encontrou em um cofre algo chocante: um filme de 8mm onde uma garota é assassinada, um “Snuff Movie” (filmes onde estupro, torturas e assassinatos são reais), assustada, ela contrata o detetive particular Tom Welles (Nicolas Cage em sua melhor forma), investigador discreto, bem-sucedido, e pacato pai de família, acostumado com simples crimes de adultério, para descobrir se o filme é real e se a garota ainda está viva. Welles, movido pelo dinheiro que vai receber, aceita o encargo acreditando ser um caso simples, o que realmente é no início, mas o que ele não imagina é que precisará penetrar no submundo da pornografia por um caminho sem volta a fim de descobrir o paradeiro de Mary Ann Mathews, a jovem “aparentemente” assassinada durante o filme.



Em 8mm (8 milímetros), dirigido por Joel Schumacher e escrito por Andrew Kevin Walker (Seven), um homem comum mergulhará num mundo de masoquismo e sangue, numa Los Angeles de sexo, drogas e erotismo; ele contará com a ajuda de um balconista de loja de artigos pornográficos, o cantor fracassado Max Califórnia (Joaquim Phoenix), que mostrará a Welles a realidade dura e violenta daqueles que seguem para Hollywood com uns trocados no bolso e o sonho de se tornarem artistas famosos, onde muitos desaparecem sem deixar vestígios, iludidos com falsas promessas de fama e “dinheiro fácil”. Através de Max, Welles mergulha no submundo e conhece o diretor de filmes pornográficos Dino Velvet (Peter Stormare) (possível responsável pelo filme da garota), um homem estranho que produz filmes horrendos e brutais, estrelados por um perigoso homem

fetiche, o “Máquina” (Chris Bauer), que usa roupas de vinil e esconde o rosto com uma máscara.

Conforme se aprofunda na investigação e começa a se aproximar da verdade, Welles passa a se distanciar da família, seu lado sombrio começa a aflorar sem ele perceber (isso pode ser notado na própria fotografia do filme que vai se tornando “Noir”, onde a escuridão e a cor cinza vão predominando), sua repulsa vai se tornando atração, a obsessão e a insanidade vão tomando conta e ele começa a se transformar naquilo que mais odeia, colocando em risco sua vida e a de sua família.



Inquietante, misterioso, impactante, tenso, um filme para estômagos (e mentes) fortes, onde a pornografia e seu mercado de milhões é exposta sem medo, que nos leva a pensar sobre a decrepitude da sociedade, nos sujos segredos e fetiches escondidos por aqueles que “achamos” que conhecemos (muitas vezes nossos amigos e familiares), na depravação, abusos



e crimes calados com a força do dinheiro, da corrupção e do poder; um filme com enredo agressivo que te prende de forma agonizante do começo ao fim, mas que também serve para alertar; infelizmente, uma obra realista e atual que todos devem ver.

Obrigada e até a próxima!!



Sinopse: 8mm – 8 Milímetros (Alemanha, E.U.A. 1999) Tom Welles (Nicolas Cage) é um detetive particular que foi contratado por uma rica viúva, cujo marido faleceu recentemente. Sua missão é descobrir se o filme de 8mm onde uma jovem é assassinada encontrado no cofre do finado é um autêntico “Snuff Movie”. Se for verdadeiro, ela quer saber o nome da vítima para se redimir de alguma forma pelo crime que seu marido encomendou. Welles chega até a mãe da jovem e segue para Hollywood onde conhece um produtor de filmes pornográficos. Sua obsessão em resolver o caso o

afasta da própria família e ele acaba se envolvendo numa situação de extremo perigo.

Dirigido por Joel Schumacher –

Gênero: Policial, Mistério, Suspense **Classificação:** 18 anos



Para contato e/ou sugestões:

anarosenrot@yahoo.com.br

<https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot>



Autossuficiência Insuficiente

Adriano Vilas Bôas & Omar Sánchez



Autossuficiência Insuficiente

#72 - Consciência de Classe

<https://autossuficienciainsuficiente.tumblr.com/>



A Espera de Pantera

Daniela Genaro

São Paulo/SP

Novelo de lã em nossas manhãs.

Brincava a gata,
brincavam juntas as duas meninas,
desenrolando dias eternos.

No fim do novelo, o fim daqueles dias
e da brincadeira da gata com as meninas.

Elas voltaram, a gata ficou,
miando no silêncio, a saudade e a esperança.





A Santa

Luis Amorim

Oeiras - Portugal

A santa estava escolhida
E a candidata preferida
Para espalhar miraculosas
Accções maravilhosas
Teve vitória apertada
Sobre forte candidata
Como a tal adversária
Que quase a suplantava.
Era uma antiga corsária
Que disso se gabava
Mas o povo escolheu
Camponesa que não tremeu
Durante a votação
De tão longa extensão
Pela noite fora
Com acerto de hora
Pelo meio do concurso
Passando-se para o Verão
Sem direito a recurso
Da anterior estação
Pois o calor apertava
Apesar da nocturna gala

Com assistência de sala
Que tanto abanava
Leque que houvesse
Enquanto quem o tivesse
Perdido, só implorava
Por empréstimo que lhe desse
Ar fresco que pusesse
Seu ser mais refrescante
Para ir por diante
Na interessada conferência
De cerimónia para audiência
Previsivelmente numerosa
Pois ainda não haviam chegado
Os dados em registo editado
Como sondagem orgulhosa
De dar em primeira mão
Todo o expectador em consideração
Para a certa contabilização.
Mas eram muitos, certamente
E como eleitoral gente
Não perderam pitada
Da ementa apresentada



No final revelado
Com a vencedora ao lado
Do troféu correspondente
Estando bem contente
Com o triunfo pela metade
Pois a outra parte
Dependerá de sua arte
Em dar realidade
A situações tais
Como milagres ideais
Para glorificar de certeza
A jovem camponesa
De flores já coberta

Mas mantendo-se desperta
Desfrutando o momento
Com todo o povo atento
À santa eleita
Na perspectiva feita
De a ver fazer
Tanto milagre por entender
Como obra santificada
Em terra povoada
Por gente dedicada
Na sua condição
De enorme devoção.





Aberrações da luz

Mickael Alves da Silva

Iguatu/CE

Os bares por onde passo
São feitos de lixo e hipocrisia
A fealdade do mundo invade meus
olhos
Ou seria a fealdade da minha alma
invadindo a vida.
Contente com o amargor das sobras
Sopra minha sina em desrespeito ao
equilíbrio
Bravo meu corpo morto
Que respira a morbidez
Da chama do caos de agonia

Cirandas de máscaras:
"Tudo é tão falso
Tudo é tão perfeito"
Cada tango almejado
É um estrago na noite,
Quem dera houvesse prazer

Nos açoites que o tempo trouxe
Cada sonho alcançado
É despertar para um pesadelo
E cada segredo revelado
É um inimigo no peito
Então me negues agrado
Afago, respeito...
Pois a oração da minha alma
É que a verdade morra
No melhor momento

Mas...

Não me negue a fantasia
Pois a realidade é melancólica
Insuportável e cínica...
Não me furte a fantasia
Para eu não entender
Que a existência é existir só



Aldravias*

Amélia Luz

Pirapetinga/MG





**lamaçal
vidas
perdem-se
aflições
Deus
refúgio**

***Nota:** Aldravia, nova forma de fazer poesia. Seis versos univocabulares, emoção condensada com liberdade poética. Criada em Mariana/MG é a forma genuinamente brasileira de fazer poesia.





Aleluia!

Chuva No Sertão!

Edilson Leão

Urandi/BA

No chão esturricado, onde a poeira subia,
No lago seco que não tinha água para sequer a juriti matar sua sede,
Nem pro peão tomar um banho e após deitar em sua rede.
Vejo os respingos da neblina escorrendo através da parede.
A chuva chegou, milagre, louvor e festa pro lavrador.
Daqui percebo o voo artístico do beija-flor e demais passaradas
Mesmo com a chuva trazendo uma pequena enxurrada.
Se assim continuar, tomarei um banho, com água de cheiro,
E se perdurar o mês inteiro, saudarei esse janeiro,
Com penitência e a benção do divino Jesus.
Que me conduzirá até o altar.
Para com a Mariazinha eu me casar.





Amor, Estranho Amor

Rosana Rodrigues

Duque de Caxias/RJ

Essa estranheza de sentimentos
Esse burburinho no peito,
Essa solidão,
Se trata de amor?
Sutil, concreto sem se ver,
Pode passar despercebido e adormecido,
E ainda assim, ser amor.
Agressivo se com fome de reciprocidade,
Ansioso, afável
Doloroso se solitário,
mas ainda assim, amor.
Essa estranheza abstrata,
Amor , estranho amor.





Antes do Voo

Charles Burck

Rio de Janeiro

A morte parecia um arco-íris que se bandeou para os lados do firmamento, voou solta, bendizendo a vida

Mas amor chega antes, quando mal o sabemos distinguir, quando mal o percebemos, é o voo antes do existir do céu

Aprendi a fazer amor com a fusão dos astros,

O cio das estrelas a fomentar o gato, o rabo ao redor do pescoço e o rato a cantar o Barbeiro de Sevilha

O abismo ressaltado ao lado do prumo, o vazio que se impõe, um anseio do pulo equilibrando a alma que foi antes do corpo

O voo a enrolar os corpos com laços de seda, de sentir orvalhos ao rés da tarde quando ainda nem floresceram os olhos

O medo em voo difícil a calibrar as asas quando nem desabrocharam as penas,

O pássaro falou do medo, o amor de voar,

O amor consome o medo, quando não, entala na garganta da alma

A previsão do grito se desfaz no pó da secura do não ser

A queda livre a ameaçar a quietude do ar, a rota intensa dentro do silêncio do sono

Ao sono que chega, damos os sonhos



A compreensão do ato do amor não me traz alentos

A bruxa do mal de amar forja o ato de amor a costurar a boca do sapo

A lua nova que geme de vontade de ser cheia, os meus arrepios que correm noite adentro feito cavalos de fogos

E eu sozinho no vazio dos argumentos, ao fim do abismo

Assisto o mar de dentro a se quebrar do lado de fora.

<https://charlesburck.blogspot.com.br/>





Antropofagia Secular

Diego Teles

Ilhéus/BA

Em meio às músicas eletrizantes, nos conhecemos. Estávamos numa caixa obscura, fechada. As luzes piscavam coloridas, intercaladas com efeitos que proporcionavam certa disritmia. Nossos movimentos se tornavam pausados. Lá pelas tantas, madrugada adentro, evidentemente, já inebriados, fomos para um lugar vazio. Um beco. Um banheiro. Um carro. Não me recordo. Excitadíssimos, comecei o meu jantar.

O corpo sucoso servia-se à minha frente. Aquelas curvas, milimetricamente postas em seus devidos lugares, só aumentava minha fome. Ao menos assim me recordo dela. Prefiro acreditar que os meus olhos não estavam ludibriados pelas substâncias que compunham o prato de entrada daquela noite.

Ela me provocava. Deixava-me cada vez mais intumescido. Sabia qual seria sua sentença, mas me desafiava com mãos e boca. Deixei-a divertir-se um pouco, enquanto eu me transbordava em desejo, como se os papéis estivessem invertidos, eu a presa e ela o predador. Não por muito, vigorosamente, preendi minha mão direita em sua nuca e tasquei um beijo. Ardente. Arisco. Nossas línguas, ainda sob o efeito das músicas eletrizantes, agora dançavam descompassadas. Desgovernadas. A presa que em nenhum momento se mostrara arredia, fez menção. Tarde demais, já estava dominada. Que presa! Minhas mãos começaram a fazer o reconhecimento da carne. Passei por todo seu corpo,



enquanto ela se deleitava de prazer. Deixei a genitália por último. Assim feito, quando lá cheguei, umedecida, ela se desconcertou e soltou um gemido de liberdade. O sorriso estampado em sua cara me deu o aval para ir adiante.

Dei a primeira abocanhada na língua. Gostosa. Muito gostosa! Depois, algumas mordidinhas no pescoço e logo fui até a orelha. Então mordi uma, em seguida a outra. Os pelos do corpo dela ergueram-se. Mastiguei e engoli as orelhas. Fui demarcando caminho com minha língua até os seios, já desprovidos de qualquer proteção. Ela, toda desnuda. As mamas fartas. Estas eu mordi e ia degustando lentamente, observando os bicos postos nas auréolas, se enrijecerem, ao passo que me aproximava deles. Saboreei um por vez. Enquanto ela se debatia em prazer. A genitália inundava-se. A genitália. O apogeu do meu paladar. Não deixei o prato principal para o fim. Não podia correr o risco de saciar a minha fome antes de chegar até lá. *Manjar dos deuses* escondida entre o par de coxas succulentas. Comer a genitália nos proporcionou o gozo.

Parecíamos insaciáveis. Ela queria mais, e eu queria comer mais. Logo fui devorando tudo. Deglutir olhos, boca, nariz. Membros inferiores e superiores. Rins, intestinos, pulmão, útero. Ia mastigando e engolindo tudo. E o que restava dela ia desmanchando-se em regozijo. Foi sumindo aos poucos. Até que a comi por inteira. Órgão por órgão, só restando em minhas mãos o seu coração. Este, eu descartei.





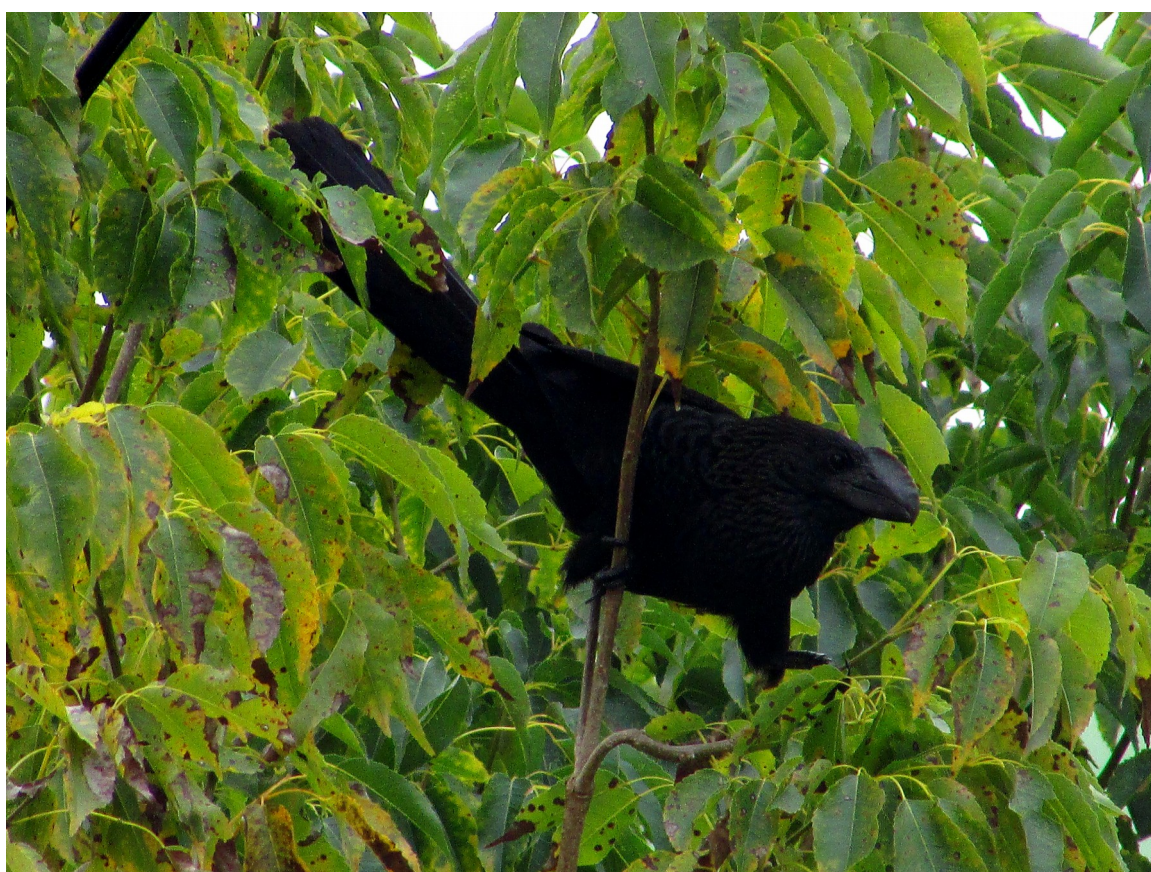
Anu-preto (fotos)

Leo Dias

Porto Alegre/RS

O anu-preto, (*Crotophaga ani*), também chamado anum-preto, é uma ave cuculiforme da família Cuculidae. Conhecido também como anu-pequeno e anum (Pará) e na região da Amazônia central é chamado de coró-coró.

Cercado por superstições, na região Sul do Brasil é conhecido como: Pelincho Preto, ou Porteiro das Sombras, que carrega a alma do gaúcho num último passeio pelos pampas.





<https://www.facebook.com/helldiving/>



Anunciação da Primavera

Ugo Soares

Juiz de Fora/MG

É nesses dias insossos
Nublados e carregados
De mistério
Que me ponho a refletir

Sobre a falta que me faz,
Não sei o que.

A mãe diria
Que era de Deus

Pois nada vale um coração
Sem fé

O pai
Logo acusaria:
É do trabalho

Pois mente desocupada
Serve apenas como oficina
Para o capeta

O melhor amigo

Ariscaria,
É a ausência da amada.

Mas, ao deitar
Longe das especulações

Dissolvidas no cansaço
Da bruma vespertina
Ameaçada pela noite

Bate um coração
Inquieto
Que

Apesar do diálogo
Com o olhar recaído
Sobre a beleza expressa
Nas distantes Minas
Do belo horizonte

Tenta
Na melancolia não se afogar



Se consolando

Com a viva

Lembrança

De um mergulho

Ensolarado

Nas águas da baía

De Todos os Santos

Ou Guanabara

<https://www.facebook.com/ugoleonardo.soares>





Apocalipse

Luiz Roberto da Costa Júnior

Campinas/SP

para Vladimir Maiakovski

As pálpebras
do jornal piscam
sob o ranger das folhas.

As fronteiras distantes
perseguem quando se
aproxima a tempestade.

O agitado mar da história
mostra as ameaças ao se tentar
atravessá-lo sem romper a esperança.

Fala-se de fato e não de verso,
quando se anuncia o soar da
trombeta para a Humanidade.

<http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr>



Arquétipos Mergulhadores

Sandra Maciel Barreto
Fortaleza/CE

Exploramos águas profundas
Ultrapassamos limites d' alma
E sem ar
Vivemos le petite mort
Por uma pérola

Resgatados para o mundo
Nenhum de nós se importa
O que queremos mesmo
É retornar ao nosso
Mais profundo lugar

Exploradores da alma e do mar
Vivemos para amar
Entre a vida e a morte
Preferimos amar
Porque morrer
Seria não encontrar você



<https://www.facebook.com/sandramaciel.barreto>



Artista do Mês

Márcio Apoca

Campo Mourão/PR

Miguel de Cervantes

Escritor e Dramaturgo Espanhol

(texto Ana Rosenrot)

Miguel de Cervantes Saavedra, escritor e dramaturgo, nasceu em 1547, na cidade espanhola de Alcalá de Henares. Cervantes foi soldado e ficou cinco anos em cativeiro na Argélia, após ser capturado por piratas; sendo resgatado por sua família.

Em 1585, publica sua primeira novela "La Galatea". Após seu casamento com Catalina de Palácios Salazar, ele começa a trabalhar como coletor de impostos do rei, tendo vários problemas com atrasos na prestação de contas com a coroa. Acredita-se que a primeira parte de "Don Quixote" tenha sido escrita durante sua estada na prisão, em 1597 e editada em 1605, alcançando sucesso imediato. A segunda parte do livro foi publicada em 1615.

Cervantes levou uma vida próspera e morreu em Madri, Espanha dia 23 de abril de 1616.

Suas principais obras foram:

- Dom Quixote de La Mancha
- Oito comédias e oito entremezes nunca antes representados
- A Numancia
- O trato de Argel
- Os trabalhos de Persiles e Sigismunda
- O cerco de Numancia (peça de teatro)
- O ciumento de Extremadura



Arte:
Márcio
Apoca

<https://www.facebook.com/apocamarcio>

<https://www.facebook.com/apocastudios>



As Gotas Mágicas

Maria Rosa de Miranda Coutinho
Joinville – SC

Enquanto a manhã de sol invadia o quarto desarrumado e um tanto pálido do pequeno Lucas, seu rostinho magro era analisado cuidadosamente com o toque dos seus dedinhos, refletido em um espelho depositado no alto da sua cama. Apalpava sua cabecinha tentando descobrir um jeito de sorrir, sem sucesso.

Do corredor veio uma voz familiar e o menino tratou de descer o mais rápido que pode de sua reflexão para ir ao encontro do seu super-herói.

— Trouxe sua arma secreta? — Indagou Lucas para o homem alto com uniforme branco.

— Sim Lucas. Com essa munição você estará seguro. — Respondeu, continuando a brincadeira.

O garoto ensaiou uma risada, mas aquela conversa não teria sido o suficiente para tanto. Voltou ao seu olhar sisudo e aos seus pensamentos, sem nada declarar. Estava decidido caminhar um pouco observando tudo a sua volta, quando num olhar mais atento pode ver chegando, ainda no final daquele longo corredor, a Lolô. Ela sim o levaria para o grande circo com seu nariz arredondado e vermelho. Tropeçaria nas almofadas com seu sapato comprido nas pontas e desajeitado. Com Lolô o dia seria bem mais divertido e conseguiria dar muitas cambalhotas em sua cama elástica. O menino sentiu-se tão forte que já



nem dependia da arma secreta do seu herói para protegê-lo. Foi saltitando de mãos dadas com sua palhaça, com quem planejava fugir para o mundo mágico da alegria.

Aos cinco anos, já compreendia o significado de um quarto branco e de um colorido. As cores surgiam então sempre quando Lolô chegava. Lucas se equilibrava no trapézio sem cair. Imaginava alcançar as nuvens e lá dormir um pouquinho para sonhar. Certo dia sonhou que o sol fechou a cara e um manto de chuva o imobilizou. Depressa pegou uma porção de pingos, o tanto que coube em suas mãozinhas, e os tomou de uma só vez. Aquelas gotas tinham um gosto amargo, mas fizeram com que seu corpo se tornasse mais leve e assim nunca cair.

Lolô era a única amiga que o levava para o picadeiro das risadas, suavizando suas dores e ignorando a ausência dos cabelos. Afinal, palhaços também têm pouco cabelo. São quase carecas.

As horas divertidas sempre passavam muito rápidas e assim que os palhaços agradeciam ao público, o espetáculo acabava.

No final daquele dia festivo, Lucas precisou da munição que o doutor Leandro prometeu, e por mais um dia o pequeno estaria protegido do ataque dos inimigos. Dormiu exausto com a respiração pesada. Talvez lutando para não ser resgatado do grande circo, cheio de cantorias, palhaçadas e gotas mágicas.





Atenção às Perguntas

Eduard Traste
Florianópolis/SC

- o que você faz? você
não trabalha? não estuda?
não toma banho? não se
barbeia? não escova os dentes
todo santo dia?
e peida sempre alto? e
arrota na mesa? e não vai
à igreja? e não acredita em Deus?
e bebe todo dia? e começa sempre
de manhã? e só termina
quando acaba
contigo? – ela não se calava
depois de ver de perto
minhas cuecas
sujas..

“baby,
sou no máximo
um mínimo
poeta, e olhe
lá..”

e quando ela olhou
eu me fui, ainda em tempo
desta vez..

www.estrAbismo.net





Boa Noite

Lucas Santos de Oliveira

Niterói/RJ

É chegada a hora, vai embora a luz do Sol e a Lua deita no céu pra ser cenário d'outra despedida.

Olhos semicerrados e essa voz rouca e tão doce

Me agradam com essa fala mansa apaixonada

Lança sua magia sobre mim acalmando as ideias como se fada fosse.

Te aconchego no contorno do peito que já é teu lugar de descansar a cabeça

Recito uma poesia que fale da vida e da sorte de amá-la

Ainda canto o refrão da nossa música de casal pra que não se esqueça

Escuta, tem pouco ritmo talvez não dê pra entender,
mas veja como tá agitado.

Eu fecho os olhos só pra poder sentir o frio na barriga que dá

Quando abro e o coração ta pulando por perceber que você ta dormindo do meu lado.

Amar assim é bom demais, traz a alma calma que a alma quer

Minhas noites seriam tão mais felizes

Se pudesse passar cada hora delas deitado com essa mulher.

Durma bem minha deusa, eu te amo. Tenha sonhos tão lindos quanto você

Saiba que além de namorado sou teu fã.

Vou ficar aqui vendo esse rostinho sereno dormir via Skype até o sol nascer,
Escrevendo uma poesia pra te fazer sorrir amanhã de manhã.





Caçamba

Victor Rosa

Ituiutaba/MG

Foi bem na hora em que abri a porta. O homem deu um tiro na mulher, me viu e saiu correndo. Eu tinha visto tudo. Mas, o que poderia fazer? Eu, um humilde aposentado, inofensivo, pacato e simples. Poderia jogar o corpo na caçamba do outro quarteirão, tirar aquilo dali, para não ficar um mau cheiro na frente da minha casa.

O que será que uma mulher já de idade, uma senhora, deveria ter feito para estar morta com aquela bala na cabeça? Não sei. E, pensando bem, prefiro não saber. Para que eu vou me envolver nisso? Eu estou dentro da lei e quero ficar longe de confusão. Melhor esquecer o que eu vi.

Depois do susto, fui ao bar, o mesmo de sempre, relaxar. Todo dia bebia algumas cervejas lá. Boteco de esquina, copo sujo, só tem frequentadores do sexo masculino, normalmente com barriga avantajada. Tenho esse direito, trabalhei muito na minha vida para desfrutar de tardes livres e relaxadas. Já era aposentado e não pretendia ter mais nenhuma preocupação na vida.

Já havia passado o trauma. Como de costume, joguei longas partidas de sinuca com os amigos. Já estava com a mente acalmada, quando aquele bêbado imbecil começou a falar que iria se candidatar a vereador, e que, se votássemos nele, ele investiria em segurança para a população, para ninguém se preocupar com assaltos e homicídios. Bêbado imbecil. Inevitavelmente, lembrei do assassinato que vi. Bêbado.



Nem sabia o que estava falando, coisas sem sentido. Imbecil. Queria esquecer aquele horrível episódio que eu havia visto mais cedo, e aquele sujeito não deixava.

Fiquei revoltado, e como já estava tarde também, resolvi ir para casa. Passei para conferir se o corpo ainda estava lá na caçamba, e estava. Cheguei em casa, cansado e pensei: “Será que ninguém pode ligar para a polícia para tirar aquele corpo de lá?”.

Tranquei a porta, fechei a janela, apaguei a luz e dormi.





Caleidoscópio Pinoquiolar

O carvalho

Raul Cazi
Itabaiana/SE

As raízes permanecem áureas puramente construtivas no seu desempenhar fabuloso de sustentar a árvore. Pois qual beleza não tem seu segredo, sua Pandora? Mas nada convém restabelecer a verdade, aquela que poucos veem, e, no entanto, é matéria essencial para o primórdio, o início do tudo. E o tudo não se vale de certa perfeição para atingir seu ápice, esse somente alcançado quando finda a vivência, assim não há beleza pura e gloriosa no concreto patamar do Carvalho, o que há é uma dissociação regida por uma mesma conclusão, no qual escolhe-se entre ceifá-lo para alimentar uma sublime lareira ou para torná-lo carvão e por conseguinte, alimentar uma manta de chamas qualquer. Portanto, a única razão do vislumbre de um carvalho seria apenas o quanto de carvão daria, renderia; Mas tudo isso se retém, quando algo maior rompe com a naturalidade do cotidiano, por que não entalhar a madeira, dar vida a uma obra cujo valor se expressa no quão sentimento é posto durante sua criação? Sim esse fora o primeiro passo, o primórdio das veredas vindouras e como todo primeiro passo, engloba uma ira sarcástica, mas não duradoura. Há um “q” de magia que quebra toda linearidade cosmológica e por isso não somos capazes de ver que embora racionais, nós humanos, não passamos de um Carvalho ainda prestes a germinar.



Carta ao caro Belchior,

Lig Aruom
São Luis-Maranhão

O que houve para tomares a decisão tão radical, a ponto de contrapor o mais elementar conceito que o define como um ente social por natureza e, logo, o viver junto ao seu berço, ao seu povo.

Também saber o que realmente aconteceu para fugires da terra natal, em busca de refúgio em lugares distantes, ao encontro da solidão e do anonimato.

Sei que jamais terei tua resposta, mas, pelo menos posso fazer algumas suposições ou quem sabe, buscá-las nos grandes pensadores contemporâneos ou de tempos alhures.

Compreendo que os motivos que te levaram a radicalizar, são muitos subjetivos, mas alguns são de interesses coletivos. Pois, esses fatos significantes que externastes através da poesia e colaborou na ocorrência de algumas mudanças e outras piores, apesar do teu prado.

Os pais, por exemplo, não continuam os mesmos, porém os rapazes latinos americanos, por não terem dinheiro no bolso, muitos também perderam a esperança do que se aprende aqui, não liberta da dependência tecnológica. Até o medo de avião aterroriza, mas ajuda a encurtar as distâncias e transporta o bem e/ou mal.

Jamais abordar assuntos de tua vida privada, quero sim, exaltar o potencial das letras e músicas que tanto colaborou para aguçar as mentes dos mais lúcidos, bem como para aflorar outros talentos para a percepção evoluída das questões sociais e políticas. Que deixou um grande legado para o povo brasileiro, apesar do aprendizado durante todos esses anos, não demonstrar muito avanço - ao contrário, houve retrocesso.

Não sei detalhar a incompreensão, mas o principal deles pode afirmar que é a falta de conhecimento devido à carência de estudos da história, sociologia, ciências políticas da própria e de outras sociedades. Essa negligência eleva a imensurável carência da consciência política que arrasta para o limbo, sem



perspectiva de vida digna, fadada a ser dirigida por pilantras profissionais travestidos pelo descaso e inércia que faz a população carcomida.

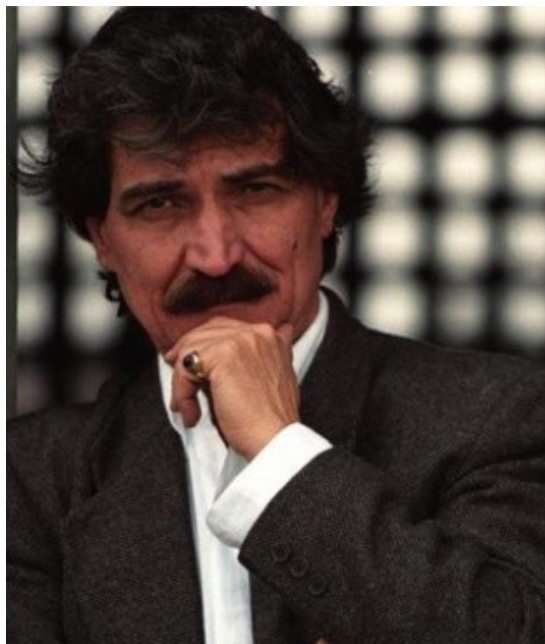
Quero saber também se essa decisão contribuiu de alguma forma, para essa tua última viagem?

Também, te digo que irei sentir tua falta, pois tenho certeza que preparavas alguma novidade, algo inovador, como foram as canções da década de 1970, as quais denunciava, de forma bem clara, a resistência às transformações, a falta de perspectiva do povo latino-americano e o terror dos conflitos globais que atingirá todo o planeta.

Suponho que o coração de tão sensível, não suportou a situação de agruras em que vive a terra brasilis, os conflitos que ameaçam a paz mundial, resultados de conflitos mal resolvidos pelas grandes potências. Ora tendem a aflorar como vulcões, que vomitando lavas uma vez, jamais inspirará confiança.

Fique na paz!

Porque eu, como diria Chico Buarque, continuarei aqui na terra, apesar de a coisa estar preta; se engolir muitos sapos pelo caminho e muita careta para ganhar-se o pão.





Desilusão

África Gomes
Luanda - Angola

Me apaixonei por te feito um louco
E tu correspondendo meu toque
Hoje perdidamente me encontro
Não consigo responder os porque
Porque, meu coração aceita migalhas e me machucar por Dentro
Sem o teu olhar doente fico.

Foi iludido como uma criança
Até, cheguei a pensar em Casamento
Sinto falta da tua presença
A sua ausência inunda-me de
Tormento.

Que desilusão
Es maldito coração
Porque sabes que ela não-nos vai-
Corresponder
Eu não quero dentro de me essa -rosa prender
Dediquei meus pensamentos a te -sem tréguas
E com isso sou pude colher magoas
O que devo fazer para sermos a luz- do mesmo sol??
Queria que fizéssemos parte do - mesmo lençol
Caia nos meus braços
Como a água que escoa feito chuva
Por favor até esse sonho me leva
Olha pra me, sem você sou um - conjunto de pedaços"!!



Desordem e Regresso

Edison Gil

Sorocaba/SP

Apelações sem éticas
nada proféticas
óbvias de regresso
de obscuras tentativas
e sem sucesso!
Antes um Quixote –
idealista e recesso,
que um realista
desabitado e possesso!

<http://fb.com/siredisongil>





Devastação da Natureza

Rosimeire Leal da Motta Piredda

Vila Velha/ES

Quando a natureza foi ferida,
a derme do céu foi atingida.
Vimos o sangue se espalhar.
Alcançou a hipoderme e o sangramento foi maior e grave.
O vermelho coloriu o céu.
As plaquetas se recusaram a fazer a coagulação,
curativo natural que para o sangramento.
As células de defesa estavam fracas com a poluição
E não puderam reconstruir a área danificada.
Ainda assim, numa tentativa de sobrevivência,
surgiu sinais mínimos de renovação.
Com a esperança de que com o tempo, haveria cicatrização,
prometia amanhecer com um novo céu.
Resignou-se com a sua situação.
O corte foi muito profundo,
a devastação, irrecuperável!
A pele que nasceu ficou diferente da original, formando cicatriz.
Os jardins, absorveram toda a dor,
pincelando todas as flores com o tom avermelhado,
representando o coração da natureza,
que bate cada vez com menor intensidade.

<http://www.rosimeiremotta.com.br/>



Dia Chuvoso

Eni Ilis Rivelino

Campinas/SP

Dia chuvoso, cinza. Faz diferença se cedo ou tarde? Não, não faz, porque a rotina segue seu curso como o ônibus. Num dia como hoje seria oportuno ter nas mãos um livro do Guimarães e seu sertão? Ter nas mãos, porque abrir o livro e deixar o olhar nele passear, é esforço que esse cinza do dia não deixa. Carregar nas mãos o sertão, um seco, uma poeira. Deve ser bom, carregar um livro de Guimarães num dia assim. Quem sabe da próxima vez em que o dia se repetir aventure-se. E agora? Olhar as gotas que escorrem no vidro ou olhar através do vidro e ver a chuva golpeando os passantes?

Passantes no dia chuvoso, cinza. Exceto aquela que chega e para e espera. Pés encharcados, guarda-chuva molhado fechado. Goteira a fazer-se em companhia incomoda. Passa um, passa outro e o esperado não. Guarda chuva fechado numa mão, caderno fechado na outra. Caderno fechado com os exercícios para a semana seguinte. Exercício fechado no caderno, mas ricocheteando na cabeça – dada situação x, qual a reação de y? feita a ação y, qual a consequência em x? Como inventar, saber, seguir? O barulho da chuva despencando também parece gritar esse 'como'. Gritar e esconder, porque o olhar não para de procurar a situação para registrar. Registrar para esmiuçar. Esmiuçar para imaginar. Imaginar para ter concluído a tarefa? Suspiro. Olha para a direção do ônibus que começa a avançar ante o sinal verde e vê cabeça encostada no vidro estriado com a água da chuva. Uma pessoa com a cabeça encostada no vidro da janela de um ônibus em movimento, é uma situação? Novo suspiro e a rua sendo percorrida por outros carros e ônibus, mas ainda não o esperado.

Tivesse um livro com o sertão, talvez não tivesse o peso que pesa esse dia. Tanto peso e cinza, gostaria de ver sombrinha vermelha a atravessar essa faixa



de pedestre, enquanto aguarda nesse ônibus que aguarda o sinal liberar o verde. Alguém com uma sombrinha vermelha como a personagem de Clarice que seguia para o almoço. Ah! Seria bonito. Quem sabe ainda, até descer veja alguém seguindo com sua sombrinha vermelha a abrigar-se dessa chuva, a seguir não se sabe para onde, a presentificar a personagem de Clarice. Ah! Presente que receberia! Ah! Sim.

A porta abre e pequena cascata de água cai. Sobem uma, duas, três pessoas com suas pressas e trilhas. Não falam, não se conhecem. Contudo, trazem sua música para o espaço que já tem seus fios de barulho. Bolsa que abre e fecha, sacola colocada no chão, passe liberado na catraca e a roleta – uma, duas, três vezes gira e gira em seu ruído. Ninguém sentou a seu lado. Ônibus quase vazio, aliás, cada qual segue sozinho como o trajeto, parece. Mais uma esquina, mais um sinal fechado. Ainda nenhuma sombrinha vermelha. Não será dessa vez, pensou ao puxar a corda para descer no próximo ponto.

Se um ônibus para e deixa desembarcar, outro segue mais lento para não espantar a água acumulada e torna a ganhar fôlego o que desequilibra alguns. Quase que o caderno fechado cai de sua mão. Melhor guardar na mochila, mas tão cheia, melhor não. Mochila no colo, caderno sobre a mochila, mão espalmada sobre o caderno fechado – eis um chão. Olhar a mão sobre essa superfície, certamente inspiraria algum poeta. Às vezes 5 minutos bastam, que dirá uma mão sobre um caderno fechado! Talvez aqui esteja a situação, nessa mão parada, que nada acolhe e prende. Mão em espera? Melhor olhar através da janela ou percorrer a água que escorre formando essas trilhas voláteis. Lá fora guarda-chuvas e sombrinhas se fechando, chuva rareando. Com sorte, ao descer, terá além do caderno seu guarda-chuva também fechado. Suspiro. Mais uma parada, alguém que sobe. E mais um.

Agora chuva fina, tão fina que parece poeira, mas não é. Andar que segue paralelo ao ônibus que também segue. Enquanto um vira a esquina, outro vai adiante. Com esse tempo não aparecerá nenhum Mercedes previsto pela



cartomante. Não há perigo, há o seguir normalmente nesse dia que está cinza e de tão cinza desperta o desejo de ficar no dentro só para poder olhar através de uma janela com seu vidro de cores e cores. Mas como até isso seria frio! Os vitrais precisam de luz! Ah, mas seria belo mesmo assim, olhar através da cor. Quem sabe esse cinza seja um vitral que logrou, vai saber. Ainda tem tempo, pode sentar e agora sim abrir o livro e passear o olhar em uma ou duas páginas.

E se tudo movimento, seguindo seu rumo, o ônibus também. E quem nele está. Pelo vidro da janela, o embaçado a desfocar o cinza, vira apoio para a cabeça – lembrou-se da cena que vira enquanto esperava? E a mão pousada no caderno fechado. Suspiro. Depois da esquina, levantar-se e dar o sinal e esperar para descer e seguir. Feito, simples assim. Outros ônibus e transeuntes passam e seguem. Não precisa se apressar, pode até sentar-se e agora deixar a mão mover-se e abrir o caderno, pegar a caneta e rascunhar o que poderá esmiuçar. Sim, só encostar o guarda-chuva e pegar a caneta na mochila. Pronto. Começar como se já soubesse o que estava a pensar, para a mão não se fazer de rogada e seguir seu caminho em escrita. Escrita em folha tão branca, tão distante desse dia tão cinza! Branco que machuca a visão e faz, sim, a mão parar porque o olhar se fecha e desvia. Desvia e busca na janela véu de cores. Quanto tempo assim? O suficiente para tornar ao branco da página e seguir com a mão. Uma, duas, três linhas escritas e já não precisa mais. Registro feito, semente lançada. Fechou o caderno e guardou a caneta. Respirou.

Dia cinza que se desmancha em noite sem estrelas.





Entre

Tatiana Angèle de Carvalho
Bordeaux - France

Nas coisas que eu tinha a obviedade de viver... de um dia vir a viver, existia uma distância. Entre mim e as coisas óbvias guardadas para minha continuidade, nessa distância, que a vida não tinha intervindo para que existisse, mas que eu sentia que era proposital, eu encontrava um amor apreendido; uma lição das mais difíceis, como as de matemática que não me faziam sentido, daquele quociente que conseguimos chegar com precisão ovalar, mas sem captar a lógica. Um amor delicado moldado no suor das minhas compreensões. Um amorzinho - no diminutivo não por ser pequeno - mas por ser menos natural; menos perfeito que um amor sem a distanciamento da observação. Era um amorzinho observado, um amor passo a passo, difícil de chegar, de encostar. Eu amava... Mas não abraçava; desse amor sem elogios que eu falo. Não tinha cheiro de amor, não tinha mudança de pulsação. Era meu amor que eu aprendia a suportar em cada solidão, em cada pessoa que dizia-ser amor, mas fingia-se. Era não só a aceitação de situações e pessoas; era amar as pessoas em cada situação, mesmo omitindo o que delas vinha de encontro.

Quando me machucavam, eu inventava mil desculpas na minha cabeça para justificar a ação dirigida a mim, e assim continuar a poder amar. Colocava-me nas costas a culpa para que com a culpa eu me sentisse na obrigação de continuar a compreender e a amar acima de tudo. Depois da culpa vinha a pena... muita pena do outro, que me feria na ânsia de acertar, de me ensinar, de educar, e mal podia com sua visão



entender que na dor nada se ensina, na vontade de estar sempre certo é que se veste o erro. Tinha pena de falsas intenções; sempre fui desconfiada. Eu via as intenções mais que ações e era por isso que em alguns momentos uma cacetada bem visível me doía menos que uma vírgula disfarçada posicionada em lugar estratégia, como objeto-palavra-indireta, feito manipulo-sua-ação.

Depois de um pouco crescer, eu entendi que não era na culpa, nem na pena; era na anulação de todos os sentimentos que o amor existia. Passei a não me colocar uma culpa inventada, passei a não dar-me desculpas, passei a não ter pena porque a pena me colocava a cima e eu não era acima nem abaixo; eu só queria ser o equilíbrio de não ser nada. Eu amava apesar de; eu entendia e deixava que a vida continuasse, eu guardava em mim uma esperança de que a vida tivesse sempre a lição certa a ensinar. Eu não me sentia tão sabia quanto a vida, eu era sua aprendiz de amor. Eu só era uma pequena observadora dos anseios alheios de dar sempre nome e sentido a tudo que se passa debaixo do céu. Eu não tinha sentido, em muitos momentos eu não via nem fazia sentido algum. Eu só ocupava um lugar que era meu por direito e que com o tempo aprendi a dar-me o direito. Queria ter o privilégio de um dia poder transformar toda e pequena magoa em palavra escrita. A palavra escrita é acima, é maior e mais próxima de uma perfeição amorosa do que a palavra falada. A palavra escrita é minha compreensão da palavra, é minha testemunha fiel; ela vai além da fala porque é o entendimento de um sentimento e não só sua expulsão corpo a fora. É a palavra refletida no espelho da maturidade, reflexo de minhas tentativas de ocupar o lugar do outro. O lugar do outro é difícil, ele nunca é o mesmo espaço, ele é ou maior ou menor que o meu; às vezes



arredondado quando sou pontiaguda, às vezes comprido demais quando sou achatada como sou. Nunca é o mesmo formato. Não é que doa o processo de caber, mas ele me condensa em mim, me tira as rebarbas de superioridade, me comprime no menor tamanho que eu possa ser sem deixar de ser eu mesma, e assim no menor tamanho, pequena no máximo é que consigo caber em todo e qualquer formato; é nessa minha insistência de adequação; nesse esforço de entrar, de encaixar, sobrar ou cortar, que encontro meu amor livre; o mais livre que posso ser; encontro a libertação de amar apesar de... apesar de tudo que penso, de tudo que sinto, de tudo que vi e ouvi; apesar de tudo que foi feito. Apesar das agonias é sentir-me sem medos; apesar da raiva é não ter magoas; apesar dos pensamentos é não ter definições; apesar do amor é saber amar. É amar-me ao mesmo tempo e do mesmo jeito que amo o outro; ainda que sem concordar-nos. É comportar no amor... uma verdade. E não há nada mais verdadeiro em mim que ser o outro durante um tempo que não me atrapalhe a continuar sendo eu mesma. E quando volto a mim sou eu mesma, um pouco melhor porque o lugar do outro ainda existe dentro de mim, continua vivo dentro das minhas memórias de amor.





Epitáfio 2. A conversa

Sandra Modesto

Ituiutaba/MG

- Pai?

- Pai?

- Tudo bem. Eu conto.

- Eu estou digitando. No aplicativo.

É pai, ah, depois te explico.

Se você estivesse aqui, haveria uma festa, hein? Setenta e sete anos.

Mas, você foi embora. Com apenas cinquenta e sete. Nunca me esquecerei de sua habilidade em descascar laranjas. Dava-me bronca porque eu feria as laranjas. Caraca, você enchia uma lavadeira e as cascas saíam inteiras. E de uma cortada só. Dava gosto ver.

Pois é. Eu até hoje não domino essa arte. Na cozinha eu sou um desastre e você tinha razão.

Não aguento ser dona de casa. Lavar louça então. Coisas do coração.

Mas, tem uma galera que me ama, uns mimos, sabe?

Você entende.

Ih, minha caligrafia continua horrorosa.

Ainda bem que eu só tenho cadernos pra prevenir eventuais casos. Mas, ninguém entende minha letra. Nem eu. Heheh!

Olha, não esquenta, corretor é incorreto. Doido.

Lembra quando você me perguntava alguma palavra pra que eu respondesse o significado?

Ai, ai, com medo de errar, eu pegava meus livros de português, dicionário, um tempo corrido. Ainda bem que agora tem o Google.



Não, pai, não é gol. É uma pesquisa online.
Por falar em gol, nosso Vasco não está bom não.
Fica triste não. Nosso time não é o problema.
Se tem mais?
Muito. O país anda esquisito.
Não, pai, no meu nariz não entrou um mosquito.
Haha, lá vem você com esse humor imortal.
Por aqui, a gente ama internet.
Chiclete? Não, internet. Ah, esquece.
Penso que seu aniversário hoje, teria um bolo enorme.
Eu? Escreveria um haicai pra você.
Talvez / um livro/ novo/ pra te contar/ um dia/
A gente/ vai/ se encontrar.
Por enquanto, é assim. Eu incompleta. Não estou reclamando. Vou
amando o que posso.
Vou vivendo. Meio agitada. Outras vezes cansada.
Agora, chega. A tela do meu celular está molhada.

<https://www.facebook.com/sandraluciamodesto.modesto>





Estranho Na Madrugada

Letícia Ucha

Porto Alegre/RS

Sábado à noite era o dia que os amigos encontravam-se no bar do posto antes de irem para a balada.

—Pessoal, sabe aquele vizinho que se mudou para a casa em frente a minha? Pois, ele anda cada vez mais esquisito... – Disse Nicole

—Lá vem de novo, você com essa história. Deixa para lá. Todo mundo tem suas esquisitices. – disse Camila dando de ombros, enquanto abria uma lata de refri.

—Tenho estudado até tarde, e vejo pela janela que ele sai no meio da noite, sozinho com uma mochila laranja aparentemente sem volume e quando volta ela está bem cheia. Ai, meu Deus ela está vindo para cá. – disse Nicole apreensiva. Camila vira-se e vê somente Alberto e Enzo, os dois amigos que ambas aguardavam na lanchonete.

—É aquele que está com a mochila laranja.

—E aí, onde será a festa hoje? – pergunta Enzo em tom entusiasmado.

—Hoje tem festa da Administração naquela danceteria perto de casa. – disse Camila

Nicole observava atenta a todos os passos do homem. Este pega um café e vai sentar-se na mesa ao lado onde os quatro amigos estavam. De canto de olho, Nicole aproveita que o sujeito levanta para pegar uma revista e vê que de dentro de sua mochila está aparecendo um cabo de faca.

O homem chega e pergunta porque ela está olhando tanto para suas coisas. Nicole responde:

—Perdi minha lente de contato, estava procurando ... Ela saltou de repente, pode estar por aqui. –disse gaguejando.

—Hum... Conheço você de vista, somos vizinhos. Meu nome é Ezequiel. Prazer.



—Nicole, prazer. – respondeu com a voz trêmula.

—Vamos pagando porque temos ainda que comprar os convites para entrarmos na festa. –disse Alberto.

Nicole despediu-se e saiu. Enquanto abasteciam o carro, viram o homem saindo da lanchonete. Uma das repartições estava semi-aberta e ele deixou cair um saco plástico sem perceber.

—Olha, o cara deixou cair algo. Temos que avisar, pode ser algo importante. Ei, espera – disse Camila.

Ezequiel não percebe que era para ele o chamado e segue a pé seu caminho. Ao se aproximarem viram que o saco estava furado e pingando... gotas vermelhas.!

—Credo, será sangue?. – disse Nicole enquanto via de longe a figura daquele homem estranho desaparecendo no meio da noite na penumbra da rua mal iluminada

—Vamos abrir! – disse Camila.

—Você não tem noção mesmo. Imagina , deixar nossas digitais.

—Vamos parar com isso agora! Se for algo suspeito falamos com a polícia. – disse Alberto já abrindo totalmente o saco plástico.

- São ossos! - gritou Nicole ao ver.

—Quieta! O cara pode voltar e nos perseguir depois. Vamos, falar com o meu primo Augusto que é médico ele saberá dizer que tipo de ossos são.

Enzo, ligou para o primo que estava de plantão naquela noite. Combinaram de encontrarem-se no hospital.

Chegaram e contaram pessoalmente a história para Augusto. Ao olhar os ossos, Augusto franze a testa com ar sério e diz :

—Vocês precisam saber de algo muito sério : esses ossos são.... de animais. Posso garantir que não são ossos humanos. Fiquem tranquilos disse Augusto com leve sorriso irônico e completou: -- que suspeita maluca de vocês.

—Já que você tem certeza ficamos tranquilos. Desconfiamos porque afinal alguém andar armado com facão e saco pingando sangue é estranho. – disse Enzo.



—Bem , eu vou ter que seguir no meu plantão. Despediram-se.

—Gente agora a essa hora não terá mais convites para festa. Vamos ver um DVD em casa mesmo? O que acham?

Todos resolveram ir para casa de Nicole que tinha uma enorme coleção de filmes.

Ao chegarem lá , encontraram os pais de Nicole desesperados.

—A Alice sumiu. Passamos pelo quarto dela, e está vazio. Já procuramos por toda casa.

—Já viram se ela está no jardim. A última vez que ela teve sonambulismo foi encontrada próxima da piscina.

—Sim, já procurei. Nem me lembre disso, depois deste susto a piscina está sempre com rede.

Nicole virou-se para os amigos e falou:.

—Meus pais ficam assustados mas ela sempre aparece. Vou ter que ajudá-los.

—Estamos de carro podemos ir também.

Foram todos à procura de Alice. Os faróis do carro iluminavam as ruas do bairro. Na praça avistaram um homem agachado. Roupas pretas, pouco cabelo , barba longa e ...

—É ele. O homem da mochila está na praça. – grita Nicole

Aumentam a luz dos faróis e veem que uma moça de cabelos longos e castanhos e pijama rosa estava deitada. Olharam melhor e vieram que era Alice quem estava deitada na grama da praça.

Nicole saiu correndo desesperadamente em direção a Ezequiel. Seus três amigos a seguem.

—Solte a minha irmã ! – disse aos berros.

—Calma, eu estava passando por aqui e a reconheci. Estava tentando pegá-la no colo para levá-la até a casa de vocês. Não faria nada de mal. Falando assim, você até me ofende.

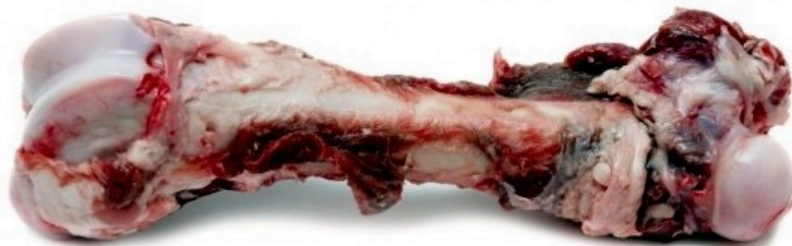
—Você sai todas as noites com essa mochila cheia de ossos e você quer que eu pense o quê!? – disse Nicole em tom de acusação.



—Não sei nada sobre o que você está falando. Eu apenas sou um homem que sofre de insônia e saio à noite para ajudar as pessoas. Embora não tenha que lhe dar satisfações, costumo dar ossos aos cães de rua que encontro. Apenas isso.

Vire-se você mesma para tirar sua irmã daqui. – disse Ezequiel afastando-se e gesticulando muito.

—Vamos avisar seus pais que encontramos sua irmã. – disse Alberto. Ligaram e levaram Alice para casa que continuou dormindo sem perceber nada do que havia acontecido.





Eu Bebo Sozinho

Vitor Luiz Leite

Rio de Janeiro/RJ



Eu bebo sozinho!
Mas a meretriz ainda está na cama,
de sutiã e solitária polaina.

Eu bebo sozinho!
De pé, debruçado no balcão.
Caído de costas provocando o
rufião.

Eu bebo sozinho,
e me distraio facilmente com o suor
do copo.
E troco as pernas ao sair procurando
um novo foco.

Eu bebo sozinho...
e trato mal a mocinha da cantina.
E apanho de quem dela se servia
antes mesmo do meio dia.

Eu bebo sozinho:

Amanheço com a boca seca.
Tomo banho na rua
arrastando o peito na sarjeta.

Eu bebo sozinho!
Mas não lembro se estava assim
ontem.
Pois eu apaguei antes de terminar a
escada
e fui acordado por um garoto ou
um homem.

Eu bebo sozinho...
e ele me despertou com um tapa.
Contou sobre a moça ferida
que no primeiro degrau sangrava.

Eu bebo sozinho?

Bom... Mas nem sempre foi assim.
Um dia eu tive companhia.
Era a loucura que sorria para mim!



Extremos

Aparecida Gianello dos Santos

Martinópolis - SP

As palavras dele sobre a tal aparição, certa vez, em sonho lúcido, ainda pululam minha mente, tornando meu imaginário ainda mais fértil. Bastava começar a falar que eu logo entrava na roda de ouvidos atentos e olhares fixos. Todos nele. Prolixo, se agradava em contar tudo, tintim por tintim.

Era um lugar, dizia, de um verde só, numa internada bonita, onde tudo aconteceu. Estava lá, parado, ninguém por perto, quando foi se achegando um bando de ovelhas. Atrás, um moço, bem-apessoado, roupas limpas, sandálias nos pés, escritinho às figuras lá da igreja. Bateu no chão uma, duas vezes com seu cajado, parou sorrindo branco, branco: "Se quiser me seguir, faça o que eu estou fazendo!", me falou assim, com estas mesmas palavras. Quando quis responder, o moço: "Faça o que estou fazendo!", e se foi, levando suas ovelhas e todo aquele verde de doer os olhos. Foi que acordei pra vida, disse, e agora está aí, com ideia fixa, certeza de que era o próprio Cristo.

Se alguém tinha dúvidas, não era eu, jamais duvidei. Obstinado, fez direitinho como lhe mandou o moço. Derrubou plantação, ergueu igreja, virou pastor. O povo se ajuntou feito formigas no doce, virou multidão. Naquelas bandas não se falava noutra coisa agora. Mas não demorou esse mesmo povo, que em nada diferia das ovelhas na sua burrice, deu de empacar. E ele foi se agonizando, agonizando, até que largou de mão. Foi-se embora pra bem longe, procurar internada bonita lá no extremo sul. Abriu negócio de tosquia. Deu sorte.



Fábrica de Gente

David Ferreira de Carvalho
Piracaia/SP

O dia é curto
A noite é clara
Apenas para aqueles
Que conseguem ver em vislumbres
O que chamam de grande mistério da vida
E se decepcionam
Porque não há mistério algum
Que tudo é inventado pelo homem
Que o próprio homem, um dia
Ao se tornar consciente
Se inventou
E aí não parou mais
Hoje há tantas coisas inventadas
Que não conseguimos mais enxergar
O que é real, do que é inventado
Somos todos produtos da grande fábrica
De fazer gente





Flores de Papiro

Leandro Martins de Jesus

Itapetinga/BA

As minhas flores não tem caule
Não tem folhas nem flor
Minhas flores não são verdes
Nem multicolor

Minhas flores são negras e secas
Grafite em papiro
Palavras e signos

Minhas palavras, tuas flores
Lágrimas e risos...
Palavras minhas: esconderijo.

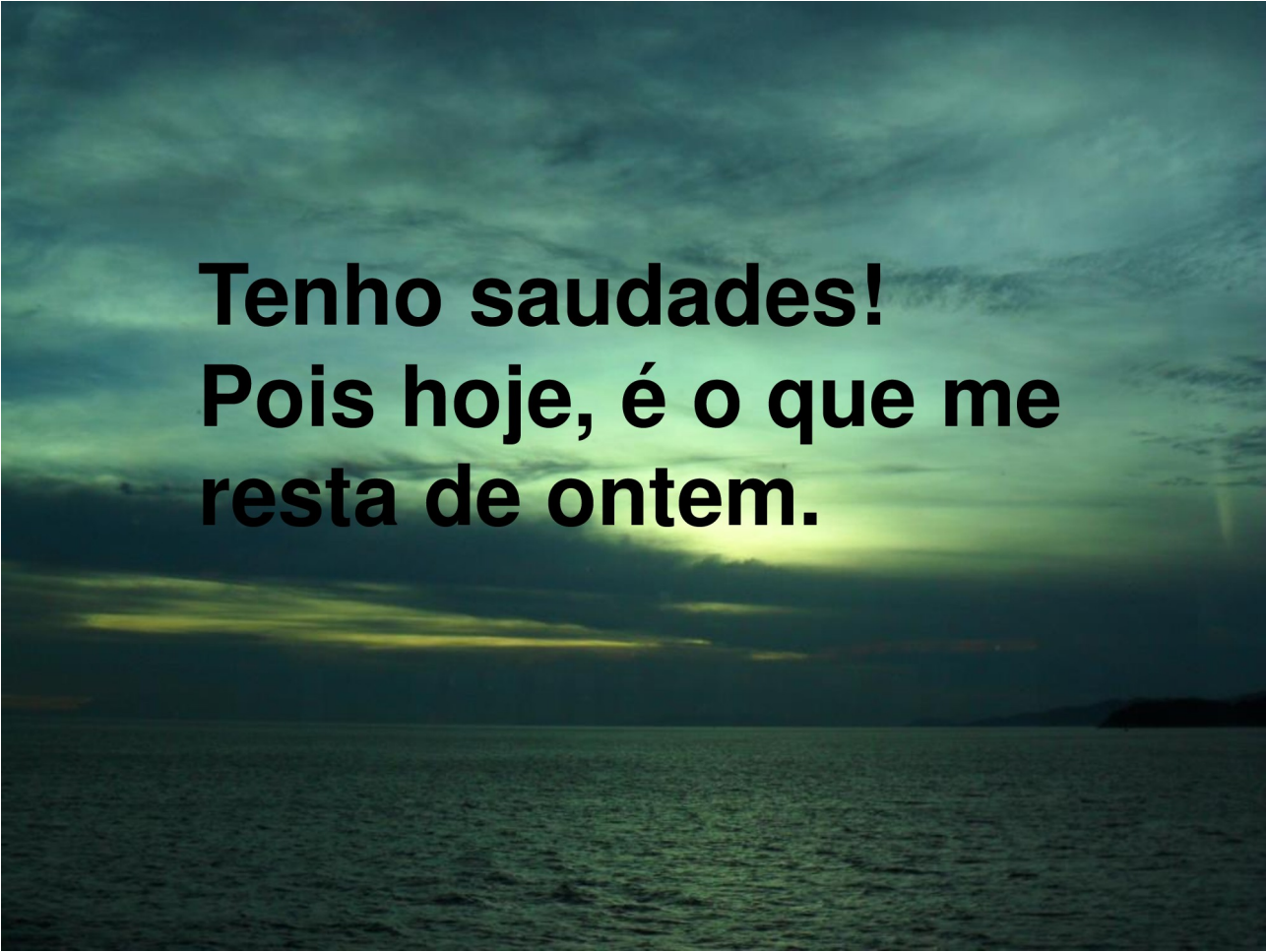
<http://www.recantodasletras.com.br/autores/leandromj>





Frase

Ricardo Moncorvo Tonet
Amparo/SP



**Tenho saudades!
Pois hoje, é o que me
resta de ontem.**



Guardiões do Futuro

Gerson Machado de Avillez

Rio de Janeiro/RJ

Na Sede da Tempus no futuro, Brasil. um monitoramento permanente e — Mestre, o foco está contínuo da linha temporal era mantido exatamente no ano de 2017, vindo o para constante avaliação deles caso Rio de Janeiro! – Vociferou um dos uma anomalia surgisse colocando o cadetes, Ving Jones, até então tempo deles em perigo. Nunca nada desiludido.

aparecia, pois criam que o que — Ótimo! – Respondeu Dominic aconteceu, aconteceu e nada poderia – Envie uma sonda, preciso de dados alterar o passado, mas sim alternar por ainda mais... Dayane Conrad está dimensões que seriam efeitos das exasperada cobrando... supostas alterações. Mas isso mudaria Ving o fez pressentindo que ele quando um alarme soou. seria o enviado ao lugar do espaço e tempo.

O supervisor Dominic Kaspar retirou-se de sua instrução matutina a novos cadetes e dirigiu-se até o setor O cadete Ving Jones fora lançado no responsável pelo monitoramento. Os passado como quem fosse um macaco homens que monitoravam estavam ao espaço, em órbita. Viu sua acostumados ao entediante trabalho, realidade se desfazer desvelando um pareciam embotados numa letargia horizonte cinza de construções entre comentários tecidos numa ácida poluídas. Poucos dias após passou a ironia sobre a condição deles nos seguir os passados do sujeito fonte da porções do estudo do tempo holístico à anomalia, realizando leituras que o expectativa de algum acontecimento deixava num inusitado incógnita. O que os tirassem do tédio. Mas o clima homem havia alcançado um tipo de que se descortinou com o chegar de consciência capaz de alterar a Dominic era dum misto de euforia e realidade de algum modo. Ving Jones, espanto. Exacerbados os homens o viajante novato resolveu aproximar-intercalavam vociferados na sala se para estudar mais de perto e o que enquanto buscavam triangular a descobriu o deixou ainda mais posição do espaço e tempo em que desconsertado. uma anomalia fora detectada.

Aquela consciência havia alcançado a transcendência não no — Sigam o fluxo oposto das ondulações que localizaram a fonte da sentido de inteligência multifuncional, alteração. – Disse Dominic de modo mas ampliando sua percepção e contido ao contrário dos demais. intuição a patamares que extrapolam

Os homens assim fizeram o sensorial, algo do qual alguns do indicando que a fonte estava em tempo vindouro denominava como um meados do século XXI proveniente do tipo de 'Síndrome Celestial'.



Sobretudo expressou um inexprimível por palavras. O infinito autodomínio que ia além do controle não pode ser definido por uma dos batimentos cardíacos, mas de questão semântica, a definição é modo a conseguir modular a própria finita, limitada, o infinito não. Ele frequência com que vibram as precisou raciocinar fora dos moléculas de seu corpo por meio de parâmetros comuns do pensamento suas ondulações mentais e do humano, um pensamento não domínio da mente sobre o corpo, paramental onde o todo era um, e o porém, lhe concedendo assim um um era o todo, singular.

domínio também sobre a matéria. Por O problema era que sua visão ter manifestado uma consciência compreendia não somente o para trás alterada passou observar o universo e o a frente do tempo, mas as além de si mesmo, além da horizonte variáveis laterais dos acontecimentos de visão intemporal do agora, assim, de modo contemplativo a reflexos de uma vez compreendendo que o poder mundos paralelos. Ali era o ponto o de prever o tempo futuro implica qual convergia sua força de escolhas necessariamente a capacidade de que salpicavam todas variáveis prever também espaços não possíveis aos mundos marginais conhecidos muitas vezes, pois o espaço tangíveis de sua realidade, que era e o tempo estão entrelaçados; ele capaz de alternar seus passos por começou a ver além do que os olhos realidades escapando a linha temporal viam de modo que para ele o futuro comum como atalhos a mesma. não era mais o futuro e, o passado, Desaparecendo ao alterar sua não era mais o passado ao frequência aos demais mundos compreender que o passado, presente tangíveis, que para ele apenas e futuro ao estarem interconectados descortinava o véu que era aquela sua consciência gradualmente se realidade. Seu nome era Theodore tornava não linear numa quase Anderson.

omnisciência. O presente não mais era a Theodore Anderson era fração ínfima do agora o qual tudo perseguido pela discriminação de acontecia, mas apenas o ponto de quem o achava ser esquisito por ser percepção individual desse horizonte diferente, assim ele começou a de visão intemporal que se ampliava "escorregar" por estes atalhos, para com o elevar e desvelar de sua fugir da perseguição que era consciência. Passou então não ver mais submetido. Mas Ving Jones como distinção de onde terminava o presente inexperiente que era resolve segui-lo e começava o futuro, e quando este se o fingendo de soslaio, porém o cara tornasse passado, era tudo uma só que parecia mais pressentir não linha simultânea onde tudo acontecia somente o futuro, mas ler mentes, o ao mesmo tempo ainda que com uma abordou pouco tempo depois. relação linear. — De onde você veio? —

Passo então ele a vislumbrar o Indagou ele bloqueando sua infinito como uma entidade de possível passagem.

contemplar total, mas ainda Agora é o fim, pensou Jones que



gaguejando proferiu.

— Na...nada, meu senhor.

— Não minta! — Disse ele de modo sucinto puxando a manga de sua roupa desvelando um equipamento intraduzível aquele tempo, em seu pulso.

Jones não conseguiu guardar segredos daquele homem e tão logo se viu relatando tudo o quanto sucedeu até chegar a ele contrariando ordens expressas de seus supervisores. Perplexo, Anderson apenas ouviu atentamente tudo o quanto ocorria até que o interrompeu dizendo.

— Acha ser do futuro? Lhes digo que muitos num futuro mais distante que o seu serão como eu. Sou o primeiro de muitos, mais o último de poucos.

Jones tentou argumentar novamente os motivos de sua missão que, caso sobrevivesse, seus superiores, Dominic Kaspar e Dayane Conrad, os comeria vivo. Suando frio disse.

— Compreenda... — Disse enxugando o suor de seu rosto com a mão. — Ao contrário das graduais e lineares mudanças ocorridas na realidade através das pessoas comuns, você de alguma forma as faz de modo não linear e abrupto. Você é um vidente que não somente premedita sua realidade como a altera, pois as frequências de suas moléculas e a entropia é diferente ao da realidade que está inserido.

— Vidente? Por acaso está me vendo com uma bola de cristal? Sou um profeta do inevitável, o último deles. — Respondeu. — Já eu duvido o que sejam.

Naquele momento, no entanto,

um homem espreitava próximo a eles e parecia, ao se esgueirar perto, ouvir o que falavam até que fora abordado abruptamente por ele quando dois homens saíram de um carro. Anderson sentindo a inocência em Jones o puxou de supetão indo para de trás de uma Kombi para de repente achar-se naquele mesmo lugar deserto. Ao olhar o visor de sua pulseira tecnológica observou que após aparentemente atravessar o veículo os sinais eram de um sutil salto de realidade, imperceptível aos olhos mas saltava aos olhos naquela tecnologia de leitura transtemporal. Theodore Anderson de algum modo conseguiu alternar realidades por brechas e falhas nas mesmas.

— Você não compreende o que está em jogo realmente, não? Aqueles eram representantes das sombras, embaixadores do inferno o qual todo mal e injustiça são, aquelas entidades que espreitam e ocultam-se em cada sombra como parte do mesmo.

— Talvez esteja falando dos Mothmans. — Repercutiu Jones — Aquilo são sombras de um futuro mal que assombra a realidade ao longo dela. Mas não tínhamos registros...

— Fique quieto! — Interrompeu ele. — Veja. — Disse num murmúrio baixo.

A frente, naquela realidade incomumente deserta Jones olhou diretamente para uma sombra que parecia se alongar mais que o normal, contra a posição do sol naquele instante. A sombra gradualmente parecia contorcer sua forma ante a luz de modo disforme a posição do poste o qual a projetaria, assim mostrou-se

ter garras como numa mão negra



tenebrosa de longos e nodosos dedos. — Me chamaram de louco, mas se estou então você também está pois vê o mesmo que eu. — Murmurou Anderson.

— Normalmente eles não são visíveis, mas frutos de uma anomalia sem origem, ou muitas origens, segundo Stoneset. — Repercutiu Jones tentando racionalizar aquilo tudo, mas, no fundo, estava tão temerário que apenas disfarçava seu medo.

Anderson deu um sorrisinho desdenhoso e então, repentinamente, puxou novamente e deparou-se no mesmo lugar que saíram agora repleto de pessoas. Tonto Jones caminhou ante os olhares curiosos de terceiros que passavam, passou ele então a questionar as próprias ideias do que seria aquele cara. Por mais que esforçasse não conseguia formar uma opinião clara e imparcial até que Anderson havia desaparecido.

Jones fintou novamente sua pulseira disfarçadamente buscando compreender o que aconteceu e notou

que o influxo inicial ao puxa-lo para a realidade alternada lhe concedeu a tornar o fluxo normal da realidade como se fosse apenas uma anomalia estabilizada e absorvida pelo sentido daquela realidade. Buscou então por sinais de Theodore Anderson, mas nada indicava sua presença discrepante com seus efeitos desconcertantes para eles.

Ao retornar a base, Jones não sabia se relatava que quebrou uma das regras centrais de revelar-se em público e para oriundos de outro tempo. Limitou-se então a relatar o que aconteceu quando fora abordado omitindo este fato. Mas que por uma incompreensível adequação do tempo sua presença, por fim, culminou na possibilidade do futuro o qual provinha como fortuito acaso descortina possibilidades que excedem o aparente. Mas aquela suposta "anomalia" que seria Theodore

www.gersonavillez.jimdo.com





Haikai Engraçadinho

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

**Quer que a lua apareça?
faz um cafezinho
e ofereça**

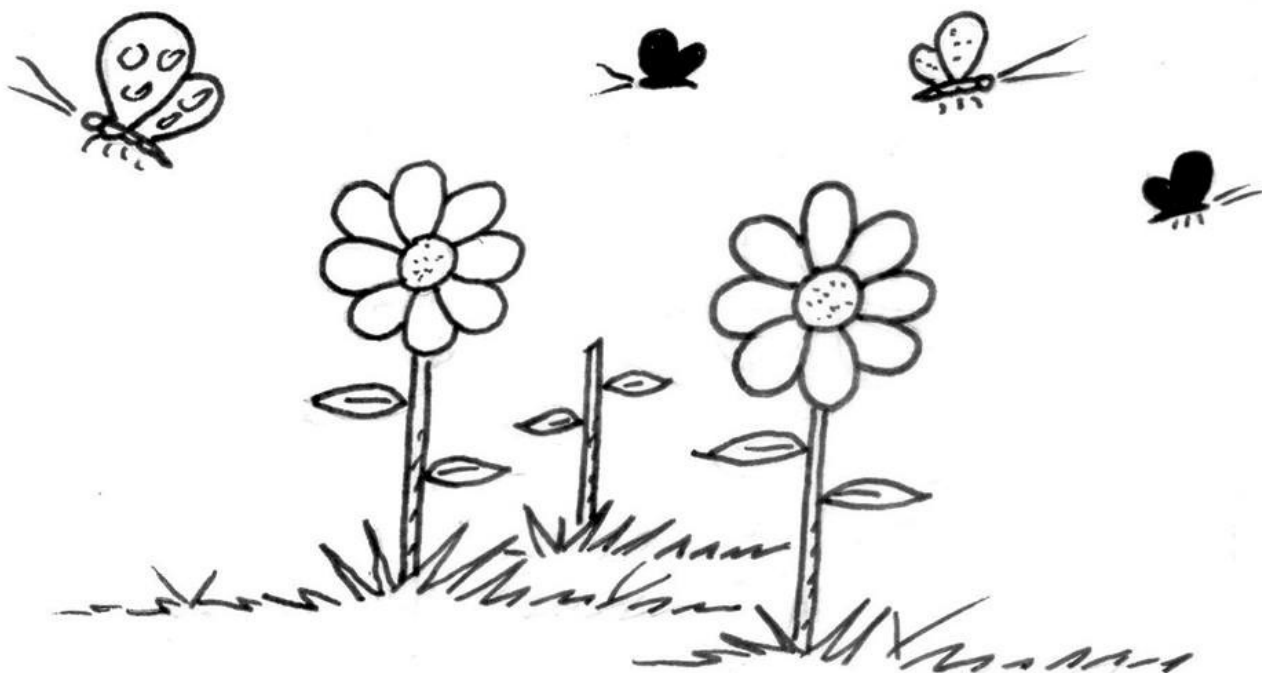




HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

**Faminto de amor
correu ao jardim
comeu uma flor**





Horizonte:

Tomás de Oliveira Bredariol

Rio de Janeiro/RJ

Desenha-se um monte
Coberto de densa mata
É fim da tarde
Passarinhos passeiam no céu
Contando a sua infinitude
Atrás: as últimas cores do sol
Ninguém gosta da escuridão
O escuro é sólido e triste
Mas carrega uma sóbria solitude
Está frio
Já mora em meu peito
A insustentabilidade do silêncio
Preciso da luz
Antes que ela se acabe
As sombras trazem o desespero
Não há mais claro nem escuro
Não se sabe nem mais o que é a cor
E tudo que ouço
É um senso de urgência
No mais belo suspiro da luz
O seu último.
Horizonte.



Hospício

Agoulart

Cachoeiro de Itapemirim/ES

Tranco-me em meu quarto
Apago a luz.
Observo da janela
Para onde a humanidade se conduz.
O planeta está uma loucura,
Fomos tomados pela insanidade.
A intolerância reedita a ditadura.
O ser humano perdeu a
humanidade.
Destruir para reconstruir,
Talvez seja a solução;
Posto que agora tudo é banal;
E questionar, talvez seja fatal.
Não existe mais um código de
conduta moral
Perde-se o respeito à família, e
brigam entre si as religiões.
Corrupção e disputa pelo poder; é
normal.
E irmão matando irmão em todas as
nações.

Caminhamos perdidos na
contramão.
Vivemos a Era da Intolerância.
O planeta é um grande hospício
Guiado por mentes doentes e
plenas de arrogância.
Abro os jornais e choro!
Fratricídio, Feminicídio, Infanticídio.
Ligo a tv, abaixo o som e oro.
Genocídio!
Taras, manias, tráfico, Holocausto,
guerra!
Tristeza, pobreza, revolta e dor.
A corrupção impera.
Perdemos a honra, a dignidade:
Somos a fera?
São-nos impostos infinitos
estressores.
Nossas almas estão repletas de
nojo e agonia.
Estamos à mercê de uma legião de
opressores,



Que se beneficiam com a criação de sabedoria.
cada nova fobia.

Homofobia, xenofobia, e tantas
mais fazem apologia ao ódio.

Pedofilia, Zoofilia, Necrofilia.... É o
fim!

Voce entende?

Então explica para mim.

Criamos no planeta o ciclo do vício.

É o começo do fim? Cavalos
coloridos, apocalipse, zumbis?

Homicídios, suicídio: suplício!

Eu ainda aposto em arcanjos, anjos
e querubins.

Assim peço à força maior a cada
noite,

Que nos de fé, coragem e

Que nos liberte do açoite

E nos livre de toda essa agonia.

<https://www.facebook.com/Poemas-Postais-1120608161343411/>





Kalimera

Ovidiu Marius BOCSA

Romênia

Ao longo da praia, algumas meninas de biquíni estão feliz tomando um banho de sol.

Coloque as mãos nos olhos! Eles são tão lindos! Bem lindo.

Olha, agora estou cego. Com os olhos fechados, mantenho seus olhos.

Bem, então vamos às compras em Zakintos! Eu sei que é muito legal.

Pergunto ao vendedor misteriosamente: Bem, podemos tentar todos os chapéus?

Então, nós rimos. Você tem olhos verdes como os gatos brincalhões.

A loja tem muito nada e eu finjo que tudo é maravilhoso.

Especialmente, depois de visitar todas as lojas. Além disso, o pub está cheio.

Comida romântica: água fresca e biscoitos e ... descansamos.

Tenho medo de perder a bolsa. Eu digo: Surpresa! Sobre o quê

Voltando a pé? Aventura ... Nós perdemos o trem.

E, podemos correr entre as quentes gotas da chuva.

Ou, melhor, eu deixo você cozinhar com o sol quente

Como um bolo de placa queimada sem perdas. E, como um trocadilho,

Eu acrescento: minha querida Kalimera, cheia de graça ...

Olha: eu sou o rei Za! E ... eu faço um rosto.

Eu levo você como meu escravo ou talvez como terceira esposa

Para ter muitas crianças como uma tartaruga: toda a vida.

Então, melhor eu pulo da montanha neste mar!

Mas, não consigo imaginar nenhuma manhã sem você!

Então, devo manter sua mão para não fazê-lo. Nós jogamos.

Uau! Quero dançar com Zorba: o dia inteiro!



Lágrima

Fernanda Soares Junqueira

Ribeirão Preto /SP

Ser a lágrima em movimento
ávida de luz
submissa à paixão
Navegar teu corpo nu
debulhar a razão
Fluir voraz correnteza
na tentativa de te amar

Licenciosa é a água santa,
extensão do mar
a escorrer dos olhos
Essência e bonança
unidas na lágrima
Tua encosta a me aportar
reverberando teus braços
na tentativa de me salvar

Cabe à lágrima
a proeza dos poetas
emergindo do abismo.





Lembranças Sem Rosto

Nilde Serejo

São Luís/MA

Onde será que deixei
Os anos felizes que vivi
Lembro-me que era feliz
Mas não lembro o porquê
Hoje, apenas me resta a lembrança de uma alegria sem rosto
E a saudade de um tempo sem registro
Hoje, nem lembrava de mim
E agora me pergunto em silêncio
Quantos anos já vivi?
Só sei que tenho 97 anos
Estava escrito no bolo que com prazer comi
E olhando cada rosto
Alguns já esqueci
Mas ainda lembro que fui feliz
Só não recordo os anos que vivi

<https://www.facebook.com/NildeSerejoOficial/>





Leonora

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

A ideia persiste, tenho que escrever sobre Leonora. Tantas vezes durante este último ano tão penoso e vazio para mim... Preciso ocupar o espaço físico de Leonora, dando-lhe um sentido maior. É necessário que se faça outro ser dentro de mim. O rumor de suas palavras, durante a noite já não é o suficiente para consolar meu espírito que sofre tantos sobressaltos. Sim, muito eu teria a dizer sobre o modo de ser de Leonora. Embora tenda a acreditar ser muito difícil falar sobre Leonora. Sua forma frágil e imperatriz de ser; seus devaneios e sua mansidão, o pacato e o agressivo olhar. Creio então, desnecessário salientar a dificuldade que tenho de formular conceitos, sejam eles quais forem sobre Leonora.

Há nas minhas lembranças estranhos hiatos. Fixaram-se, ao mesmo tempo, coisas insignificantes e extraordinárias. Depois vem um esquecimento quase que total. E essas recordações aparecem-me sempre emaranhadas e esmaecidas. Nada se organiza em minha memória. Daí o motivo de nada poder escrever sobre Leonora. Pego seu retrato e olho-o com zelo, observo que meia metade, um quarto daquilo que houvera sido, já está retraçado pela traça. E percebo que não tenho mínima capacidade de escrever sobre Leonora. É quando um grande remorso e uma dor tomam conta de minhas entranhas, então choro convulsivamente a melancólica lembrança de Leonora. Nesse instante imploro aos deuses que devolvam minha Leonora. Mas eles nada me dizem como resposta. Eu sei desta impossibilidade, então volto a cair em um pranto ainda maior e durmo numa inconsolável tristeza. E quando acordo estou mais triste ainda e decido que escreverei de Leonora o que Shakespeare escreveu de Desdêmona; Cervantes divagou sobre a Dulcineia Del Toboso para o seu Quixote e Guimarães Rosa cantou de Diadorim e Riobaldo. Porque, realmente, sou desprovido de talento para escrever sobre Leonora. Mal faço anotações sobre sonhos exóticos, encontros impossíveis como os que tive à meia-noite de amanhã. Em que sobrevoava o Monte Everest, içando Leonora e sua carruagem de fogo, rebocada por 12 cavalos e suas 48 ferraduras de prata, salvando-a do degelo movediço da montanha. Por isso tomarei outro rumo. Tentarei descrevê-la naquilo em que fui cúmplice, como se um diário



fosse. Para quem não entende de nenhum estilo literário, forma melhor não há. No entanto, não fosse minha parca sabedoria faria de Leonora uma heroína. Assim como Salomé, Uma Sherazade, uma Olga, uma Anita Garibaldi ou quem sabe, uma lenda budista, uma deusa grega, um ente folclórico. E por que não uma Ana Karenina? Só por que também foi suicida? Aliás, Leonora não foi à estação aquela tarde para me matar. Ela apenas foi avisar que tudo já estava pronto, que eu poderia voltar. Mas, a cena que ela assistiu foi fatal para o desenlace do ardis montado. Sua investida contra mim já estava no “script” desenvolvido pelo elenco da trama.

Agora estava eu ali, sentado no mesmo banco, na mesma estação, esperando o mesmo trem. Sendo alvo de olhares de desdém e perguntas indiscretas, entre os passantes. Cada um tentando imaginar meu drama... Estaria eu com fome?... Desempregado... Doente... Por quem sofro, por quem choro?... Não, não venham me perguntar. Porque não direi que é por Leonora que choro.

- Está vendo ali?...
- Estou. Mas, será que está chorando mesmo ou é impressão minha?
- Está chorando, sim!
- Coitado!...

Mas, sua discreta personalidade a qual cultivava um gênero não muito difundido de elegância, de uma intimidade invisível, cheia de pudores, se recusava a qualquer forma de ostentação. No seu conceito, uma forma incontestada de soberba. Guiava-se Leonora apenas pelo sentido poético. Lembro-me com alegria no coração sua forma gentil de ensinar às estrelas a brilhar. Embora tivesse sido de uma poética violenta, às vezes. Pois que, ainda estava muito vivo em minha mente; e é apavorante a lembrança de Leonora me enterrando todo o corpo na areia salgada da praia e sair a fazer compras na feira de artesanato local. E vale lembrar que Leonora era extremamente fissurada por quiromancia e cartomancia. Embora todas as suas adivinhações fossem fulguradas nas imagens dos mitos fenícios, e não nos meros símbolos dos anjos das cartas e das linhas das mãos. Assim sendo, Leonora via em mim um ótimo instrumento para experimentar suas previsões e prognósticos místicos. Quando ela voltava do passeio e via minha cabeça vermelha como um açafrão suado e, imbuída dos poderes da deusa Astarteia, cuja divindade empresta suas energias através das pedras seixos dos rios, e delas, Leonora fazia uso para decifrar previsões modulando o calor das pedras em meu rosto quase espectral, - estes eram, inclusive, alguns dos arcaicos ritos da prostituição sagrada, que era muito comum na Babilônia de Nabucodonosor e



que Leonora usava em nossas orgias sexuais. E isto, ela fez logo que desenterrou meu corpo da cova de sal, onde eu, moribundo, quase morto, jazia moído e cozido; e aproveitou para quebrar o resto dos meus ossos. - Então predizia, sussurrando ao meu ouvido, em tom metafísico e transcendental que a morte da geometria estava próxima e que o mundo já tinha data certa para seu fim.

Estes são apenas alguns poucos fragmentos da personalidade de Leonora. Eu não tenho o menor ressentimento em acusar Leonora de anjo ou demônio. Porque nela, era fácil se perceber distintamente duas formas de caráter. Leonora tinha a nítida intenção de demonstrar que, se hoje era uma amanhã seria outra. E isto me fascinava ao mesmo tempo em que me aterrorizava. E tal demonstração era convincente. Uma taça de vinho em suas mãos tanto poderia ser uma bela cena vê-la sentir o buquê do vinho pelas bordas da taça, como terrível era vê-la comprimindo-a até espatifá-la, deixando-a em cacos dilacerantes numa mistura infernal de vinho, vidro e sangue, contraindo o rosto em angústia para em seguida seus olhos se iluminarem demonstrando alegria infantil. Leonora, Porém, sempre se fundamentou na solidão e na ausência de sentido das coisas. Disse-me Ela, certa vez, em tom amargurado: “não se conformar com minha ausência... E por mais incrível e estranho que pudesse parecer, o que se fazia mais presente era justamente a minha não presença. E que era apavorante assistir impassível a ausência de algo ocupando todo o seu espaço. Um verdadeiro oco existencial”. Nosso estar junto era assim: ilusório e enganador. Não éramos nada um para o outro. Apenas cúmplice de uma existência angustiada e cheia de anseios. Leonora era lúbrica, libidinosa, verdugo, fada e musa. E apesar de tantos e tantos predicados, das virtudes e dos vícios, Eu nunca soube o que escrever de Leonora. Apenas engasgo em seu nome... *Leonora, Leonora, Leonora...*

E me penitencio por tê-la consumida em vida e Ela a mim em morte. Por sentir-me emaranhado na teia da persona que fora Leonora. Que mesmo na distância de sua morte ainda empareda-me em seus artifícios. Rendo-me, pois, prostrando-me, sucumbindo-me.

paulolaspalmas@yahoo.com.br



Luto

Susana Leonor Neves Campos

Guarda – Portugal

Viver num sentimento de constante angustia em que o acordar por vezes é um suplício emocional. E no comer, a dor descansa por momentos, pela traição do conforto noutra local do corpo que não o coração.

Arrastam-se os pés sem rumo nas percetivas de que o dia seguinte será melhor ou mais confortante, pela tua falta.

Sinto-me como se ao puzzle do meu corpo faltassem algumas peças que me abandonaram... de forma eterna. O meu corpo esse não se consegue sustentar sem essas peças vitais que me fazem viver, só posso sobreviver.

A morte essa palavra dura que faz perder tanto, insiste em se tornar presente todos os dias em mim. Pela falta da voz na entoação das palavras, as tuas palavras que se soltavam num riso contagiante.

Como explico à tua filha que a abandonaste no momento que choraste pela primeira vez?

Sinto-me a querer fugir do que me faz lembrar de ti. Porque já nada faz sentido quando visito a tua casa. E, nessa altura não consigo aprisionar o meu sentimento mais profundo e as lágrimas soltam-se.

Como explico às tuas filhas que choro por ti quando todos lhes pedem para não chorar?

Digo-lhes o quê nessa altura? O que digo a mim?

Só sei escrever a dor em poesia que depois é esquecida em pastas dentro de pastas para que ali se aprisione e não volte a mim.

As minhas alegrias e conquistas ficam a vaguear pelo meu pensamento porque já não sei qual a forma de contigo as partilhar.



Entendo agora que a morte é cruel e faz escassear as memórias dos momentos que vivemos juntas. Sei agora que perder quem gostamos é como que perder uma parte de nós e que não se consegue colocar um adesivo porque a cola solta-se com o tempo e a saudade vem de forma mais persistente.

Claro que o que vivi contigo fez de mim, a pessoa que sou hoje e independentemente das nossas diferentes escolhas apoiava-mo-nos. E, agora eu caio constantemente, tropeço somente no recordar da entoação da tua voz que de forma aliciante me dizia que tudo ia correr bem.

Mas sinto sempre que não me chega e que não me conforta e o meu peito sabe-o muito bem porque não descansa.

Eu não me lembro de termos combinado sair deste mundo cedo. Lembras-te?

Porque acho que te antecipas-te cedo demais e não te despediste de mim.

Eu Procurei-te porque sabia que algo tinha acontecido. Falamos um dia antes e tu disseste-me que estavas bem. Mentiste-me ou foi para não me preocupar mais ainda?

Não me avisaste de imediato que tinhas sido mãe novamente e que não estavas bem. Mas agora confesso-te a minha ansiedade na espera do teu telefonema me levou a recluir, ainda mais, por ti.

Sei agora que a morte se vai repetindo várias vezes enquanto vivemos e isso demora, de facto, até morrermos definitivamente.





Luzia-Homem – marco zero do regionalismo

Gilmar Duarte Rocha

Brasília/DF

Na transição do romantismo para o realismo, no panorama da literatura brasileira do final do século 19 e início do século 20, registra-se com clareza a forte influência da escola europeia, a francesa, em especial, a inglesa e a portuguesa, sobressaindo entre os lusitanos Eça de Queirós e este, por simbiose, também influenciado por Flaubert e seus correligionários.

Tangenciando esse novo e criativo estilo de compor prosas, onde predomina a fidedignidade da realidade, o objetivismo, o materialismo, a veracidade, o universalismo e cientificismo, surgia no Brasil um gênero congênere, denominado de naturalismo, onde o prócer desse apêndice do realismo seria sem sombra de dúvidas o cearense Domingos Olímpio (1850-1906), natural de Sobral, bacharel em Direito pela Universidade de Recife, tendo feito carreira como jornalista, promotor público e deputado pela Assembleia provincial cearense.

Trabalhou algum tempo no Pará e, por motivos profissionais, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde exerceu advocacia e escreveu sobre assuntos políticos e literários para diversos periódicos da então capital federal.

Após publicar algumas obras de ficção, dramas de teatro, livros de história e biografias, que não obtiveram muito êxito de público, lança à luz, apenas três anos antes de sua morte, o romance Luzia-Homem, que seria sua obra definitiva e um símbolo na trajetória do naturalismo-realismo, corrente literária que teve outros escritores de revelo como Inglês de Souza (Contos amazônicos; Os missionários), Aloísio de Azevedo (O mulato; O cortiço), Raul Pompeia (O ateneu), Adolfo Caminha (Bom crioulo) e Aderbal de Carvalho (A noiva).

Luzia-Homem, além de trazer todos os ingredientes do naturalismo, como a relação nem sempre harmoniosa entre o homem e a sociedade, descrições



minuciosas, problemas sociais e patologias humanas como crime, traição e adultério, insere no contexto literário brasileiro o romance de região em toda a sua profundidade, descortinando para o leitor – cosmopolita em sua maioria – um habitat desconhecido e o modus vivendi pessoas de um lugar que ele (o leitor de então) apenas imaginava em lenda ou, para aqueles que leram Os sertões, de Euclides da Cunha, publicado um ano antes, a transposição em novela da segunda parte da magistral epopeia euclidiana. O livro de Domingos Olímpio conta a história de uma bela e rude mulher retirante da seca, que se estabelece na cidade de Sobral no ano de 1876, já na época um oásis de prosperidade no meio do deserto árido, desolado e carente do nordeste do Brasil. Ela transporta na sua bagagem a rudeza e a austeridade da mulher sertaneja, pouco afeita a tarefas preconcebidas para as moças da cidade, o que a faz, de imediato, objeto de comentários jocosos e ínvios, como:

"Aquilo nem parece mulher

fêmea", observava uma velha alcoviteira e curandeira de profissão. "Reparem que ela tem cabelos nos braços e um buço que parece bigode de homem..."

Era o tipo de mexerico recorrente entre as damas do lugar, sem contar avaliações singulares, como a do personagem Paul, "um francês misantropo e excelente fabricante de sinetes", como o define o autor:

"Passou por mim uma mulher extraordinária, carregando uma parede na cabeça"

Hipérboles como essa gravitam em todo o enredo, pois Luzia não se limitava a tarefas domésticas, afeitas a mulheres de origem humilde da época, como serviços caseiros de limpeza; cozinha; plantação e regado de hortas; cuidadora de animais de quintal; fazedora de renda; artesã de artigos de palha, cipó e barro e outras coisas similares. Luzia não: era vista ora conduzindo numa tábua sobre a cabeça cinquenta tijolos arrumados para uso numa obra; ora carregando no ombro uma enorme jarra d'água com peso equivalente a três potes; ou



removendo sozinha uma soleira de granito da porta de uma prisão, trabalho recusado por peões robustos e de boa compleição física; enfim, tinha afinidade com trabalhos hercúleos, mais adequados a tipos rijos e másculos.

Mas Luzia, embora fizesse questão de ostentar esse invólucro, trazia no seu âmago a candura e a doçura da mulher, qualidades que lhe eram acrescidas por uma beleza agreste, diferente, exótica, que chamava à atenção de homens sensíveis, como o personagem Alexandre, por quem devota um amor platônico, como também por homens desprovidos de sensibilidade alguma, como o rude e escuso soldado Crapiúna, que passa a persegui-la desde a primeira vez que a encontra. Em princípio paparicando-a com palavras de bajulice e lisonja. Depois, com missivas de cunho fanático e doentio:

"Minha Santa Luzia – Esta tem por fim unicamente dizer-lhe que há de se arrepender da sua ingratidão, e quem lhe diz isso é o seu amante fiel até a morte – Crapiúna"

Por fim, quando o homem vê que o seu amor obcecado não tem retorno, não é correspondido, passa a ameaçar o seu objeto de desejo com expressões de ranço de ódio e vingança:

- Foi o diabo que te atravessou no meu caminho. É a última vez que me empatas, peitica do inferno!

Enfim, afora o enredo ser regado de invidias e emulações; de encontros e desencontros de sentimentos; de artimanhas e ardis; de devoções e covardias, o escritor acaba construindo um amplo painel de personagens brotados do horror da seca. Uns, sôfregos por uma vida de honradez; alguns, calejados e conformados com o mormaço e a aridez de oportunidades; outros, deformados pela cultura incipiente e ausência absoluta de civilização. Com efeito, uma obra espantosa para os padrões literários da época e que, por certo, serviu de norte para uma geração talentosa de letrados nordestinos que despontaria trinta anos depois. Gente da casta de José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge Amado,



Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e outros. Aliás, todos eles bem orientados pela doutrina sustentada por Gilberto Freyre, *"que defendia a emancipação da literatura brasileira dos laços que a prendiam ao estilo europeu de costurar peça de ficção,"*¹ laços esses que nem os modernistas de 1922 conseguiram romper, já que a base da escrita deles tinha como esteio o futurismo do italiano Marinetti. Em relação à crítica, o romance Luzia-Homem, embora considerado clássico e de grandeza incontestada, foi recebido com algumas reservas por parte dela, *"o principal defeito do romance consiste no desnível entre a concepção e execução, na grandeza daquela, na franqueza desta"*, como observou Lúcia Miguel Pereira. *"Em Luzia-Homem há defeitos, do autor, da escola, da época. Psicologia fraca, frequentemente demasiada crueza, nem sempre adequado, às vezes vibrante e excessivamente requintado"*, como atestou Afrânio Coutinho, embora ele

próprio tenha arrematado *"que o romance tem lugar certo na galeria do regionalismo brasileiro"*, opinião também corroborada pelo escritor e crítico Sérgio Milliet.

Por conclusão, ainda que haja imperfeições estruturais na composição da peça Luzia-Homem – o que se poderia dizer assertivamente do romance O cabelo, do carioca de nascimento e pernambucano por adoção, Franklin Távora, que pecou pela descontinuidade e pela redundância, o que impediu, na minha modesta opinião, que o seu produto galgasse o posto de gênese do romance regional –, o livro de Olímpio configura-se definitivamente o marco zero de um gênero rico em probabilidades para a criação de tipos humanos e de horizontes vastos e infinitos para expansão das asas da imaginação, como Guimarães Rosa bem o materializou.

1- ABC de José Lins do Rego – Bernardo Buarque de Holanda – Editora José Olympio



Morcego

Poeta Arara Azul

Quando nasci;
Depois de chorar sorri;
E hoje me pergunto;
O que estou fazendo aqui?

Tem dias que acordo;
Com vontade de acabar;
Do sofrimento me livrar;
Com quem desabafar?

Sou morador de rua;
Ferido por longas batalhas;
Esperança me conduz;
A seguir a caminhada;

Nesse voo com morcegos;
Confesso tenho medo;

Quero lhes revelar;
Um velho segredo;

Quem me trouxe até aqui;
é o tal egoísmo;
chamas que levam;
humanos ao abismo;

Ouçá irmão essa voz;
Estenda sua mão;
A caridade é o começo;
De luz na escuridão;

Cada gota de minha lágrima;
Deixará de ser amarga;
Se você me ouvir;
Me faça de novo sorrir!?
Sou humano estou aqui!





Morte e Vida Nordestina

Roziele Lima Silva

Bahia

Chegou nesse tenro sertão
Um moço desconhecido
Vindo de bandas do norte
Tendo um semblante sofrido
Era ele um viajante
Um busca de qualquer abrigo

Vindo já creditado
De tanto sofrimento no mundo
De ver os animais tendo fome
Morrer ou ficar moribundo
Tendo tanto sofrimento
Que lhe deixava sisudo

Esse pobre homem
Era um simples viajante
Tinha uns tinta e poucos anos
Mas a velhice lhe era constante
Pois tantos foram os sofrimentos
Que arruinaram seu semblante

Chegando aqui no sertão
Bem na seca do nordeste
Encontrou um rancho velho
Bem no meio do agreste
E deu um bom dia a dona
Uma mulher cabra da peste

Bom dia minha senhora
Que mora nesse lugar
Me informe por gentileza
Onde posso me arrancar
Onde arrumo um trabalho
Para minha vida aqui tocar

Me diga pois já andei
De longe nesses caminhos

Vi tanta coisas tão tristes
E hoje estou tão sozinho
Me sinto um cão sem dono
Um pássaro sem ter ninho

Não tenho mais uma família
Pois a seca quem levou
Morreram de fome e sede
Nem o cachorro aguentou
Perdi minha mulher e meus filhos
Pai mãe e meu avô

Atenta aquela senhora
Estava a lhe escutar
Ao contar a sua sina
O que tive que passar
A seca, a fome e a dor
Também presentes naquele lugar

E ela disse assim
Sinto não poder ajudar
Pois a seca aqui chegou
E a muito come esse lugar
Aqui mesmo so tem emprego
Pra covas poder cavar

Será que lhe ensinaram
Como um morto rezar?
Como tirar ladainhas
Como cordel decorar?
Como passar muitas noites
Em velórios gente consolar?

Será que o senhor entende
O drama de ter que ver
Todo dia um enterro



De quem não tem o que comer
De também não ter comida
E só esperar o dia de morrer?

Eis que o meu marido
Que não tem o que fazer
Aprendeu a rezar morto
Mas não tem o que comer
Pois nenhum dinheiro aqui
Nos faria sobreviver

Pois não temos onde comprar
Arroz ou mesmo feijão
Macarrão ou qualquer verdura
Farinha, biscoito ou pão
A seca comeu tudo
Destruiu todo o sertão

O pobre viajante
Comovido de escutar
Ficou triste e pensativo
O que poderia falar
Tudo que já vivera
Também estava naquele lugar

A dor, o choro a morte
A tristeza e o sofrimento
Também estavam presentes
Os abutres que não perdem tempo
Voam raso na campina
Em busca de algum alimento

Aquele homem pensou
O que faria então
Ali só tinha emprego
Para velar algum caixão
Resolveu aceitar e ficar ali
Melhor que sozinho no mundão

Minha senhora com respeito
Prefiro ficar aqui
Tirar uma ladainhas
Orar pra um morto sorrir
Preciso de algum lugar

Pois não tenho pra onde ir

Vou fazer esses trabalhos
Embarcar nessa profissão
Viver aqui nesse lugar
Enquanto eu tiver obrigação
Pois a redondeza inteira
Não tem outra condição

Aquela senhora então
Lhe convidou a entrar
Não podia lhe oferecer café
Muito menos uma xicara de chá
Pois a seca era tamanha
Que a água estava a acabar

Ela então lhe relatou
Um pouco do seu sofrimento
A dor de perder um filho
Por não ter alimento
A dor de uma perda
Pois a gravidez não teve sustento

Contou sobre as agruras
De uma vida tão sofrida
Que ninguém ali era feliz
Uma vida desiludia
A tempo que a seca
Tirou de todos a vida

Estavam vivos sim
Mas vivendo estavam não
Desde o início da seca
Ser ter nenhuma plantação
Faltando água e comida
Faltando alegria no coração

Qual então era o sentido
De não ter na vida prazer
Viver uma vida tão dura
Destinados a sofrer
Tendo a apenas a certeza
A espera de morrer



Ele então ficou
Pensante e desconhecido
Chorou muito velórios
Consolou mulheres e maridos
Se acostumou com a seca
Com o povo tão sofrido

Arrumou uma outra mulher
Pra tentar ter na vida amor
Mas a fome, a dor, a seca
Tiraram da vida o sabor
O desgosto as agruras
Sua mulher também levou

Quanta sina nesse mundo
Aquele pobre nordestino
Sofrido, cansado e triste
Desde que era um menino
Via a cada dia
A dor de quem estava partindo

Desejou pra si também
A morte e o morrer
Desejou que acabasse
Tudo que estava a sofrer
Desejou com sua alma
Mas não viu acontecer

Quanto mais queria
Acabar seu sofrimento
Mais ficava forte
Tinha mais conhecimento
Tinha muitos amigos
E um pouco de alimento

Então chegou um dia
Em que aquele sertão mudou
Foi depois de tantos anos
Depois que o mundo se acabou
Começou serena e fraca
Mas logo se intensificou

Choveu por longos dias

Dia e noite sem parar
Teve rajada de vento
E relâmpagos para assustar
Aquele poderosa chuva
Veio tudo transformar

Quem cantava ladainhas
Aprendeu a ser pintor
Ser padeiro, ou pedreiro
E a vida melhorou
Pois a riqueza da chuva
Aquele lugar transformou

E assim é todo ano
No nordeste essa sina
Acreditar ter esperança
Sempre com muita estima
Pois essa é a realidade
Da morte e vida nordestina





Não se Queixe, Cante, Dance, Escreva...

Isabel C S Vargas

Pelotas/RS

O Mundo atual é repleto de informações. São informações que, muitas vezes as pessoas não sabem lidar e se angustiam. O mundo é célere, não só pela velocidade das informações, mas pela competitividade. Conseguir um emprego se constitui em uma "via sacra " para quem procura, pois, o número de candidatos é imenso e com candidatos cujo currículo é pequeno e outros que extrapolam nas habilidades requeridas. Então, quem tem pouco não é contratado e quem tem muito também não porque as empresas não querem pagar altos salários para quem é muito qualificado. As famílias fazem uma verdadeira ginástica para atender os filhos, a casa, os empregos. Se a mulher trabalha é difícil por ambos saírem, se só o marido sai é, igualmente difícil porque o orçamento não fecha na receita e despesa. Tudo gera estresse. Como minimizar isto, se não sobra para um programa fora, uma janta em família, um cinema, uma saída no final de semana. E, se há doença? Muitos tiveram de abandonar os planos de saúde, tem de enfrentar as filas nos atendimentos de saúde pública.

Esta gama de citações acima, mais o trânsito caótico, a violência, a falta de segurança, o desemprego, o tráfico, a impunidade, os salários atrasados vão minando a saúde mental e física dos indivíduos. Isso é um panorama de norte a sul do nosso país. Quando o indivíduo percebe, isso se está em condições de sanidade para perceber, tornou-se uma pessoa angustiada, estressada, negativa e queixosa. É comum lidarmos com pessoas negativas, pesadas, de difícil convivência, porque só reclamam, só enxergam problemas. A realidade pessoal os tornou assim.

Como fazer para mudar esse panorama que se apresenta tão difícil. Às vezes, não é necessário dinheiro, mas, ser uma pessoa resiliente, capaz de suportar a pressão e, se recompor, achar uma saída.

Quando a pessoa se torna negativa em excesso, isso é sinal de doença e adoecer quem está na sua volta, familiares, amigos. Os que podem se afastam, porque é extremamente difícil suportar uma pessoa assim. É



preciso orientar, tirar o foco negativo, sugerir atividades terapêuticas e gratuitas que assim as queixas cessam.

A música é uma atividade maravilhosa. Se a pessoa tem som, rádio, televisão, celular onde possa escutar música, cantar, dançar isso se constitui em uma excelente terapia. Melhora ainda, procurar as comunidades de bairro onde é possível cantar em coral, ir a bailes, se divertir em atividade de grupo. É uma prática regular e indicada para os idosos que melhoram radicalmente, cessando a sensação de inutilidade, depressão, as queixas de dores, tudo pelo isolamento que muitos vivem. Outras atividades excelentes são a caminhada, que melhora as condições físicas e ajuda a pensar, elaborar os pensamentos, autoconhecimento e, a outra é colocar os sentimentos para fora. Escrever se constitui em um processo maravilhoso de catarse. Tudo melhora.

Procurar um novo aprendizado é bom. Pintar, costurar, trabalhos manuais, estudar, seja um idioma ou fazer o que não conseguiu em outra época.

O importante é a pessoa descobrir uma atividade que a faça interessar-se por viver e não reclamar. Encontrar algo que dê prazer torna a pessoa mais feliz. A atividade física, o futebol, o cinema, a caminhada, são excelentes para os homens, assim como aprender um instrumento, enfim, empreender buscas para tapar o buraco emocional instalado.

Terapias são recomendadas, como massagem terapêutica, aplicação de reiki, artes marciais e também buscar um pouco mais de espiritualidade, o que não é, necessariamente buscar uma religião específica, mas ser mais grato pelo que tem, em vez de se queixar pelo que não tem, ser solidário, saber colocar-se no lugar do outro, fazer caridade doando seu tempo a alguém que precise de um pouco de companhia ou necessite aprender algo que essa pessoa possa ensinar.

Viver com amor e prazer é muito importante.

http://www.recantodasletras.com.br/autor_textos.php?pag=5&id=24215



Névoa

Hilário Aires

Batatais/SP

São aqueles dias
dias de nunca
dias de nada
o que se acabou
definitivamente se acaba

Como se uma rua vazia e escura
me atravessasse
e tudo fosse esquecido
como se não tivesse partido
naquela viagem

Dias sombrios
de nunca mais para sempre
de nada do que se foi
um adeus sem saudade
esquecido num coração gelado
mas que dói mais que tudo



<http://poesiatalcoisa.blogspot.com.br>



O amor de Lua

R. Pagã
Recife/PE

O amor de Lua se desdobra
Ao acaso
Onde, deitada no jasmim de alma nua,
Sua face iluminada, o carmim se insinua,
Realçando a vida que pulsa!

As margens do rio e do mito,
O amor de Lua
Apresenta-se em pingos e no ritmo derradeiro,
Segura no seu pulso suplicando,
Aos semblantes-amores e o
Existente desejo inteiro!

O amor de Lua é confessado num
Lento movimento
No sussurro doce e delicado por ela,
Plena que se denomina Helena...
Desajeitada na rua expressa sua paixão,
Selado pelo cálido afago e tensão de um beijo.

<https://medium.com/@raphathaysa>



O Beco de Tília

Ana Lúcia Magela

Monte Alegre do Sul/SP

Não era um beco qualquer. Lá havia alguma coisa de muita estranheza. Começava do lado esquerdo da casa de nossa avó Biquita e, até onde se sabe, sumia-se na mata fechada. Vovó tinha uma casa assobradada, cheia de quartos que nunca consegui conhecer por inteiro. Lembro-me da grande sala, de uma mesa enorme (ou parecia tão grande pelo meu pequeno tamanho?) escura, de jacarandá. Um papel de parede que tenho fotografado em minha memória, com cenas de caça em florestas, já um tanto encardido pelos anos exposto, mas que ainda conferia uma certa nobreza aquele antigo palacete, já em ruínas. Não conheci o lugar no seu esplendor. Naquele tempo de prosperidade, embora já findado o ciclo do ouro, a extração era de minério de ferro. A cidadezinha tinha crescido em torno do pico do Cauê. Todos os meus tios trabalhavam para a mineradora. Ainda havia muita mata nativa que a mineração devastava. O beco era um caminho escuro e úmido, onde vicejavam samambaias gigantes, avencas e musgos. Muita recomendação dos adultos para que, nós crianças, não embrenhássemos naquele beco. Cheguei, certa vez, até onde nascia o riachinho, um fiapo d'água que devia se ir aumentando até chegar sabe-se lá onde. O chão de pedras era escorregadio, intercalado com a terra vermelha. Bambus chorões debruçavam-se sobre o caminho e barravam a luz do dia, num lusco-fusco de poente, mesmo quando ainda era de manhãzinha. Aranhas teciam suas teias e incomodavam a passagem com aquelas enormes redes, quase invisíveis, que faziam cócegas quando nelas nos encostávamos. As proibições de lá entrarmos não eram maiores que as tentações da curiosidade infantil. Aproveitávamos quando os adultos se recolhiam para a sesta, depois do almoço, para nos arriscarmos em nossa aventura de descobertas. Assim, catalogávamos mentalmente os variados insetos, alguns peçonhentos, como as lagartas de fogo e as gorduchas e cabeludas "mede-palmo". Sapos variados e pererecas pulavam com a nossa presença e era divertido assustá-los. Nada de vida que se movia nos era temerosa. Mas as excursões se tornavam mais excitantes quando o sol se punha. Ali era a hora de mais mistério e eu me esgueirei, sozinha, para o beco. Fui até onde começava o charco, o lugar dos miasmas. No ar um cheiro de lodo e plantas submersas, decompostas. Por que o beco tinha o nome de Tília? Era um caso que os



adultos contavam á boca pequena. Uma menina morta tinha sido enterrada no charco, mas ninguém ousava falar sobre ela - a Tilia. O sumiço da menina fora há muito tempo atrás e houve especulações se teria sido assassinato ou suicídio. Deste "causo" só ficamos sabendo muito depois. O sol se deitava bem devagar naquele dia que teimava em não anoitecer. Segui inebriada pela aventura, a respiração contida e o coração aos pulos. Medo? Dominado. Os últimos raios do sol iluminavam brandamente o interior do túnel de chorões. Meus passos eram lentos, escolhendo onde pisar para não escorregar. Parei pensando ouvir um ruído, uma voz. Não! Era uma música! "Minha mãe me penteou, minha madrasta me enterrou, pelo figo da figueira que o passarim bicou". Ouvi com nitidez aquele canto que se repetia, repetia... Estática permaneci, não sei quanto tempo e então vi, saindo do meio do pântano, uma imagem nunca esquecida. Uma criatura pequena, uma menina? Desgrenhada e suja de lodo que emergiu num redemoinho e sustentou-se no ar, sempre girando. Girando e cantando. Não dava para ver seu rosto, só o vulto. Assim permaneceu e, de repente, num movimento centrípeto, subiu ainda mais no ar e desmanchou-se como uma chuva de areia, caindo no charco e o canto silenciou-se. Quanto durou aquele silêncio? Impossível saber. Grudada no chão permaneci esperando mais alguma surpresa que não veio. Contar o acontecido? Nem pensar. Ficou guardado como mais um segredo dos muitos da minha infância. O mistério permaneceu. Teria sido mesmo Tilia? Vislumbres de uma imaginação fértil de uma menina curiosa? O beco de Tilia hoje é uma rua pavimentada e o pico do Cauê só uma lembrança. A mineração acabou, os tios ficaram desempregados, vovó Biquita morreu. E Tilia e seu redemoinho?





O Inferno Assombrado Por Dúvidas

Ricardo Ryo Goto
São Paulo/SP

Para Carl Sagan

"O medo de coisas invisíveis é a semente natural daquilo que todo mundo, em seu íntimo, chama de religião." - Leviatã - Thomas Hobbes

"Os homens jamais fazem o mal tão completamente e com tanta alegria como quando o fazem a partir de uma convicção religiosa." - Blaise Pascal

Os defensores da tese de que grande parte dos crimes cometidos hoje em dia resulta, em última instância, da privação alimentar, negligência dos pais, falta de educação e oportunidades de lazer e do desemprego estrutural que atingiram essas "vítimas do sistema" podem estar certos até o ponto de erigirem suas opiniões como um dogma, mas quem arca com as consequências do delito, grave ou não, somos nós, responsáveis diretos ou não pelas mazelas sofridas por esses "anjos decaídos".

No fim das contas, todo crime vira caso de polícia, e todo autor de uma infração comporta-se racional e friamente mesmo ao cometer atos de extrema e gratuita violência.

Tornamo-nos, sem exceção, reféns desses diabinhos em dia de "halloween", e não temos jamais a opção entre "gostosas e travessuras". Bons e maus, ninguém é poupado nessa guerra de todos contra todos.

Quando o depoimento do assassino entremeou-se de detalhes inesperados, o escrivão fez questão de me pedir para ouvi-lo.

-O que há de novo ?

-Escuta só, delegado...

-...os membros da Santa Inquisição tinham vindo especialmente para julgar a mulher acusada de bruxaria. Por mais que ela negasse, eles a incriminaram de manter relações com o demônio e de aliciar outras tantas para atingirem o mesmo fim...

-Que foi ? Está contando o enredo de um filme ?

-Não, é um sonho.

-Dele ?



-Sim, na véspera do crime.

-...e sem lhe darem a menor chance de defesa, incumbiram o carrasco de açoitá-la antes de cumprir a sentença de morte na fogueira em praça pública. Depois de morta, a Igreja confiscou-lhe os bens.

-Isso serviu de estímulo para o crime ?

-Aparentemente sim.

-Quer dizer que o sujeito tem um pesadelo onde se pratica um "ato de justiça" e ele se vê forçado a repetir o procedimento como se fora destinado a "cumprir uma missão" ?

Puxei o escrivão para o lado e perguntei se o indiciado estava sob efeito de drogas.

-O exame toxicológico deu negativo. Estava sóbrio e lúcido durante o latrocínio.

Li o boletim de ocorrência: "A 31 de outubro de 20..., M...sem residência fixa, 30 anos, branco, invadiu o consultório médico à rua... onde se encontravam 4 pessoas, a médica F..., a enfermeira J... a paciente D... e o porteiro B...Assustados, ao verem o assaltante de arma em punho, puseram-se a gritar, ao que aquele reagiu desferindo coronhadas na cabeça das vítimas e falando para que se calassem. Ordenou que lhe entregassem dinheiro, cada um dos 4 passou-lhe carteira e bolsas. Perguntou à paciente o que fazia ali. Esta respondeu que fora interromper uma gravidez. Ele então trancafiou 3 deles no banheiro e mandou que a médica se despisse. Como esta se recusasse, ele a agrediu, rasgou suas roupas, com as quais imobilizou suas mãos às costas e a estuprou. Enquanto a violentava, disse-lhe em alto e bom som: "este você pode abortar, porque é filho do demônio". Depois de consumado o ato, espalhou álcool pela sala, móveis e sobre a médica. Ateou fogo, e fugiu a pé. Diante dos gritos da médica, o porteiro arrombou a porta do banheiro liberando as 2 mulheres. Enquanto a doutora era socorrida, o alarme era disparado e uma viatura da polícia chegou em torno de 10 minutos. O criminoso foi detido nas imediações do bairro e conduzido a esta delegacia. F... foi levada ao hospital S... com queimaduras em mais de 80 % do corpo, não resistiu aos ferimentos e veio a falecer".

-Que ironia. Nosso "amigo" deu de cara com um antro de "bruxas". E se não fosse pela corrupta parceria entre a polícia e as clínicas de aborto clandestinas, provavelmente ele não teria sido preso em flagrante. De qualquer modo, a "fazedora de anjos" foi promovida a um novo cargo num outro patamar do inferno. Jeito estranho de se fazer "justiça".



M..., ouvindo meu comentário, sorriu com ar de dever cumprido, sem demonstrar arrependimento.

-O sr.acredita em reencarnação ? - perguntou-me o escrivão.

-Por quê ?

-Talvez o sonho tenha sido lembrança de outra vida.

Vi-me, por um instante, transportado à condição de parapsicólogo, filósofo, teólogo ou coisa parecida. Quis reprimir minhas dúvidas mas não aguentei a sensação de perplexidade que me invadia.

-Afimal, no sonho ele era o inquisidor, a feiticeira, o carrasco ou mero espectador ?- indaguei.

-Era o marido da ré. Ele mesmo a delatara às autoridades eclesiásticas depois de saber que ela o traía com seu melhor amigo.





O Mendigo do Viaduto do Chá

Regina Ruth Rincon Caires

Araçatuba/SP

A moeda corrente era o cruzeiro. A passagem de ônibus custava sessenta centavos. O ano era 1974.

Eu trabalhava no centro da cidade, em um banco que ficava na Rua Boa Vista. Morava longe, quase ao final da Avenida Interlagos, e usava diariamente o transporte coletivo. Meu trabalho, no departamento de estatística, resumia-se a somar os números datilografados em planilhas e mais planilhas fornecidas pelas agências do banco. Somas que deveriam ser checadas, e que eram efetuadas nas antigas calculadoras elétricas com suas infernais bobinas, conferidas e grampeadas nas respectivas planilhas. Não fosse o café para espantar o sono durante as diárias e rotineiras oito horas de trabalho, nenhuma soma teria sido confirmada.

Era uma época menos violenta. Havia assaltos, furtos, mas com uma incidência infinitamente menor que a de hoje. Não havia caixas eletrônicos, não havia cartões de crédito ou de débito. Os mais abastados faziam uso de talões de cheques, e os remediados, feito eu, carregavam dinheiro vivo. Minguado, mas estava ali.

O meu dinheiro ficava em casa. Na bolsa eu carregava apenas os trocados das passagens de ida e volta. Numa repartição da bolsa, fechada com zíper, eu sempre colocava uma reserva de dois cruzeiros, a título de precaução para alguma pequena emergência. A comida eu levava de casa, não havia despesas maiores no dia a dia. Todas as compras da semana eram feitas na feira de Santo Amaro, aos domingos.

A metrópole sempre está em construção, mas naqueles dias o centro era uma escavação só. Com a construção do metrô, as enormes retroescavadeiras, os gigantescos guindastes, as malditas britadeiras com seus trêmulos operadores, tudo somado remetia a um ruído enlouquecedor, trazia um desassossego sem medida. Caminhar por ali era angustiante.

Certa manhã, cruzando o Viaduto do Chá, deparei com um vendedor ambulante que oferecia selos e envelopes de carta. Como o meu estoque havia acabado, fiz a compra usando a pequena reserva de emergência que carregava na bolsa. Sim, tínhamos o costume de escrever aos amigos e parentes distantes e os serviços dos Correios eram a forma mais barata, segura e eficiente de comunicação.

Na escada que ladeia o Viaduto, trajeto que eu fazia diariamente na ida para o trabalho e na volta para casa, encontrava sempre um homem cego, com uma perna amputada, a mendigar. Estava sempre acomodado no degrau mais



alto da escada, rente ao muro que sustentava o corrimão. O movimento dos pedestres era intenso na escadaria, e, muitas vezes fiquei em pé, atrás do mendigo, aguardando um espaço para passar. Movimento que piorava na hora do *rush*.

Interessante como o mendigo fazia parte da paisagem. Aquele homem fazia parte daquele lugar. Não consigo me lembrar da escada sem a presença dele, lá, no alto. Reparava que sempre colocava as muletas perfiladas junto ao muro, de maneira a não atrapalhar os transeuntes. Eu não sabia como ele chegava até ali, não sabia onde morava, não sabia como se alimentava... Eu o cumprimentava na ida e na volta, nunca deixei de dizer bom dia e boa noite. Isso mesmo, boa noite! Quando passava por ali, na volta do trabalho, mesmo com a noite chegando, o homem continuava lá, no mesmo lugar.

Numa sexta-feira, subindo a escadaria, pensei que, apesar de ficar tocada pela fragilidade do mendigo, pela sua situação miserável, nunca havia colocado uma moeda para o pobre homem. Enfiei a mão na bolsa, peguei as moedas que estavam lá e as coloquei na lata que ele segurava nas mãos. Ao ouvir o barulho do níquel, ele agradeceu. Respondi ao agradecimento e segui o meu caminho.

Terminado o dia, era chegada a santa hora de voltar para casa. Na escada do Viaduto, no mesmo lugar, o mendigo. O movimento de pessoas era aterrador. Passei por ele, dei boa noite, e desci espremida na multidão.

Já na fila do ônibus, abri a bolsa, abri o zíper do compartimento da reserva... Não havia reserva. Depois que comprei os envelopes e os selos não fiz a reposição. Puro esquecimento... Meu Deus, como eu voltaria para casa?!

Passei os olhos pela fila, pessoas estranhas, como sempre. Atrás de mim já estavam perfilados inúmeros passageiros. E eu ali... Sem expediente, sem saber o que fazer. Se fosse qualquer outra pessoa, poderia até pedir para que alguém pagasse a passagem, contaria a história. Mas não eu. Nunca!

Saindo da fila e vendo a noite chegar cada vez mais rápido, fui entrando em pânico. Não demoraria muito e naquela parte da cidade não haveria mais pessoas nas ruas! E eu, o que faria?!

Desesperada, não vislumbrando outra saída, pensei no mendigo. Eu havia dado a esmola naquela manhã, eu poderia pedir o dinheiro de volta. Não! De volta, não! Eu poderia pedir a ele o valor da passagem como empréstimo, e o pagaria no dia seguinte. No dia seguinte, não! Na segunda-feira... Fui pensando nisso e andando na direção da escada. Será que ele ainda estaria lá?!

Apressei o passo e aos trotes fiz o caminho de volta. Quando olhei para o alto e o vi lá em cima, no mesmo lugar, fiquei feliz, aliviada. Quero dizer, um pouco aliviada porque o pior ainda estava por acontecer. Eu teria que negociar com ele um pequeno empréstimo, que situação! Eu nem sabia como iniciar a conversa.

Quando cheguei ao topo da escada, eu estava ofegante, suando em bicas. O suor descia pelas costas e empapava o cóis da saia... Sentei-me no



degrau abaixo do dele, e fiquei recostada no corrimão por alguns instantes. Não sabia o que falar e ele não podia me ver! Relutei, ensaiei, preparei e num arroubo disse:

- *Senhor!*

O pobre homem levou um susto tamanho, estremeceu e jogou os braços à frente, como que para se defender. E aí fiquei ainda mais desconcertada, se é que poderia.

- *O que aconteceu?! – disse ele, muito assustado e querendo uma explicação daquele grito.*

- *Senhor, por favor, eu não queria que o senhor se assustasse. Sou assim mesmo, toda atrapalhada, sem jeito...* – eu disse.

O homem, sem compreender nada, ainda se refazendo do susto, deu uma ajeitada no corpo, e virou o rosto para o meu lado, guiado pela minha voz.

E eu continuei:

- *Senhor, preciso da sua ajuda, mas nem sei como começar a falar...*

O mendigo, com muita serenidade, disse:

- *Dona, fala com calma. O que está acontecendo com a senhora? Pode ter certeza de que vou ajudá-la.*

Então, comecei a contar que trabalhava ali no centro, que passava por ali todos os dias, e que naquele dia havia dado uma ajuda a ele, contando com a reserva de dinheiro que na realidade não havia... O homem ouviu atentamente, e me disse:

- *Eu conheço a sua voz. É a mesma voz que me cumprimenta todos os dias. Eu tenho esse registro.*

Encabulada, num constrangimento sem tamanho, confirmei:

- *Sim, eu sempre cumprimento o senhor... Mas agora preciso de ajuda para ir para casa. O dinheiro que lhe ofereci hoje era exatamente o valor da minha passagem. O senhor poderia me fazer um empréstimo e eu devolveria o dinheiro na segunda-feira?! Prometo que pago, sem falta!*

O pobre homem riu, solicitamente estendeu a latinha com algumas moedas e disse:

- *Dona, pega aqui o que a senhora precisa e não vamos falar em pagamento, está bem?*

Fiquei vermelha quando vi a lata bem perto dos meus olhos. Olhei as pessoas que passavam por ali... Meu Deus, o que estariam pensando?! Como reagiriam quando eu metesse a mão na latinha para pegar as moedas? Será que pensariam que eu estivesse roubando o mendigo?!

O homem, que mantinha o braço erguido balançando a lata, disse:

- *Vamos, pega as moedas!*

Aflita, envergonhada, mas sem outra saída, enfiei a mão na lata e peguei sessenta centavos. Com a outra mão, toquei a mão dele e a abaixei. Assim ele entenderia que eu havia retirado as moedas.

O mendigo deu um tapinha carinhoso na minha mão, e docemente



tentou me acalmar, dizendo:

- *Vai, dona! Segue o seu caminho, está tudo certo.*

- *Obrigada, meu senhor! Na segunda-feira, sem falta, eu acertarei esse empréstimo. Pode acreditar!* – falei.

Desci a escada numa ansiedade danada. Só pensava em entrar no ônibus, em desaparecer da frente daquelas pessoas, em voltar para casa... O movimento dos passageiros já era muito menor, e com isso havia assentos livres. Exausta, joguei o corpo sobre um deles. Ajeitei a bolsa no colo, e, inevitavelmente, caí no choro. Chorava pela aflição do momento, chorava pela generosidade do mendigo, chorava pela solidão na multidão, chorava... Queria chorar.

Na segunda-feira, saí mais cedo de casa, saldei minha dívida depois de uma longa conversa e de muita insistência, e descobri que ganhei mais um amigo. Ah! O nome dele é Pedro...





O Menino

Renato Pires

Massapê/CE

Na rua
O menino
Estava.
Calado estava.
Quieto e sujo.

Olhos de desespero
Corpo-dor
Medo da espécie
Que não liga
Pra sua própria espécie.

Hoje
Já não o vejo mais
(futuro rapaz?!...)
Não sei.

Sua vida tornou-se sombria
Fria.
Lutou quanto pode lutar.
Devagar
Venceu as noites
E, talvez, tenha tornado-se alguém na
vida
Pelo auxílio de uma mão amiga...
Ou tenha, como
Tantos
Outros
Meninos
De rua
Sucumbido ao egoísmo e
Indiferença
Da sua
Própria espécie.



O Poço

Alberto Arecchi

Pavia - Itália

Um poço no deserto é como uma cova em forma de funil, afundada no chão onde a camada da água chega perto da superfície, e deve ser mantido limpo pelos moradores, para que a areia não chegue a enterrá-lo. Na cova, geralmente cresce pelo menos uma palmeira de tâmaras. É como um sinal, você pode vê-la a distância e ajuda o viajante cansado, sedento, exausto, para encontrar o ponto de água. Também proporciona um alimento rico e completo. Um provérbio conta que um homem do deserto é capaz de comer durante três dias, com apenas uma tâmara. Sob a palmeira, uma poça miserável de água suja e salgada é "o poço". Um refresco valioso e vital para os peregrinos que viajaram centenas de quilômetros através das charnecas mais desoladas e ficam desde há dias sem a última gota de água. Nenhum palácio na terra pode valer o que vale essa água, cheia de areia e viscosa, para as gargantas queimadas que conheceram os ventos do planalto. Muitos não sabem que nem o poço, nem o oásis e a palma podem sobreviver, se não for pelas mãos que mantêm sempre aberto aquele funil, livre da areia, graças a uma geração após outra de "guardiões do poço". Não há arquivos ou bibliotecas, mas por milhas e milhas, ao redor, os velhos com roupas coradas de anil, com um véu que protege o rosto do olhar dos estrangeiros impuros, poderiam dizer por memória a lista completa dos viajantes que têm bebido aquela água suja e salobra, ao longo dos últimos mil anos. Passaram príncipes, generais, peregrinos, pregadores, bandidos e pobres viajantes. Eu estive lá, também, há muitos anos.



Nada podia moderar o vento frio que atingia a planície rochosa do "deserto dos desertos". Dezesseis anos antes, uma árvore quase petrificada, indicando o caminho às caravanas ao longo de séculos, como um farol no mar vasto, fora deitada abaixo por um motorista de caminhão, que talvez "não tinha visto". Então, em seu lugar, havia uma espécie de cabide gigante de metal, paródia sombria e sarcástica da árvore do passado.

Por fim, a uma distância incalculável, eu vi a mancha escura da palmeira, refletida pelas camadas de ar quente e transformada em miragem. Cheguei exausto ao pequeno oásis, relaxei meu passo e fiquei sobrecarregado pela nuvem de poeira que eu mesmo tinha levantado. Corri para a poça da água, mas a achei seca, só um pouco de terra escura revelando a presença de umidade no solo. A decepção foi enorme, mas felizmente tinha comigo o equipamento necessário para cavar. Descansei por um momento na sombra da palmeira, e dei a minha contribuição para a preservação do pequeno poço. Cavando a terra em torno dele, cheguei a um metro de profundidade, antes de a água começar a juntar no fundo, gota a gota: cerca de meio litro de água suja, mas quase boa para se beber. Com um pouco de paciência, eu era capaz de aumentar as reservas, saciar minha sede e renovar - ao mesmo tempo - a vitalidade do ponto de água.

O vento tinha deixado cair algumas "mãos" de tâmaras. Assim são chamadas as inflorescências da palmeira e cada pequeno fruto é chamado de "dedo". *Deglet nur*, "dedos de luz", é o nome para aquelas mais brilhantes e cheias de açúcar, as melhores como comida para o homem. Aproveitei esse dom da natureza e comi umas tâmaras.



A seguir, um sono remunerador me apanhou. Adormeci, envolto na capa ou albornoz de lã, que me havia protegido do vento e da areia ao longo da viagem. Um sono pesado, na companhia de velhas memórias e dos fantasmas do lugar, importantes como em um castelo escocês. Não sei quanto tempo durasse, ou se alguém tivesse chegado ao oásis, enquanto eu estava imerso no sonho. Sonhei com um elefante - ou talvez um mamute - correndo de probóscide alta e levantando baforadas de água de um lago cheio de plantas aquáticas. Olhei para ele e não fugi. Então me carregou um guerreiro feroz com a armadura negra, armado com uma lança e cimitarra, com um capacete de alta ponta. Ainda me lembro de seus olhos de fogo olhando para mim, cheios de ódio - ou de ira divina? - e oíço ressoando em meus ouvidos o grito de guerra dele.

Passavam caravanas carregadas de ouro e couro e de objetos preciosos carregados em pequenos cavalos nervosos conduzidos pelos servos pretos. Então vi muitos dromedários carregados com ouro, eram o cortejo de um grande rei negro indo para o leste, para a Meca dos crentes.

É compreensível que fiquei surpreso e um pouco assustado, acordando, ao encontrar-me no meio de um grupo de saqueadores do deserto que estavam cozendo carne de carneiro num fogo de ramos secos. Tinha-me despertado a fumaça acre da gordura, chiando sobre as chamas e as brasas. O líder do grupo, vendo-me com os olhos abertos, me ofereceu chá com hortelã. Era um bom sinal: oferecer chá é uma declaração de hospitalidade e amizade. Com gestos, e com o meu conhecimento limitado da língua dos nômades, nasceu uma conversa



divertida.

Qualquer um que atravessou o deserto sabe que de essas conversas em torno do fogo nasceram muitos mitos coloniais, mas também algumas grandes "descobertas" etnográficas. Livros inteiros escritos sobre os costumes, tradições e lendas dos nômades, foram baseados em entrevistas e histórias interpretadas por autores acadêmicos, que tinham muito pouco conhecimento do idioma em que se expressaram seus parceiros. Então, assim se espalharam muitos mitos sobre os homens do deserto, muito mais fantásticas do que as verdadeiras histórias deles, que dizem apenas de bruxas, duendes e fantasmas. Assim nasceram histórias de viagens extraterrestres e de conhecimentos extraordinários, conservados nos arquivos do deserto, em um mundo onde a memória só é garantida a partir da tradição oral, como era costume na época de Homero.

Após o cozimento, a carne do carneiro foi parar no prato comum entre os convidados, deitados em um círculo. O jantar foi servido por boatos e histórias, em um dialeto que logo soou aos meus ouvidos como um ruído de fundo, e os meus pensamentos começaram a viajar. Eu mudei de posição ligeiramente e revirei os olhos para o céu. As folhas da palmeira eram movidas pelo vento, que tinha rapidamente refrescado o pequeno oásis. No tapete de veludo negro do céu, as estrelas brilhavam como diamantes puros. Eu procurei as constelações de que eu me lembro da forma: os dois Carros, Órion com o cinto brilhante, o Auriga em forma de pentágono... Naquela noite, com meus olhos voltados para o céu, vi as estrelas cadentes mais belas, através de um céu claro e preto como tinta.



Adormeci em paz com o mundo, na noite fria do deserto. Na manhã seguinte, eu estava sozinho, envolto em meu albornoz. No terreno, no oásis todo, nenhuma impressão, nenhum traço visível. Ao redor da poça de água renovada havia cheio de vida: besouros e escorpiões, chegando para saciar sua sede. Em seguida, foi a vez dos lagartos. Mais tarde veio mesmo um casal de pássaros, chegando até lá por quem sabe qual distância.

Uma semana depois, eu soube que o ponto em que parei era chamado *Hassi djenún*, "o poço dos espíritos", e que ninguém havia encontrado água aí por pelo menos quinze anos. Somente a palmeira tinha sobrevivido, chegando com as raízes a algum fluxo misterioso subterrâneo. Nunca soube se os assaltantes eram homens, viventes ou *djenún* (duendes, aparições), ou ainda imagens do meu longo sonho restaurador, depois de um copo de água suja e uma tâmara mágica. Gosto de pensar que em algum lugar lá fora, no grande deserto, um velho velado ainda se lembre do meu nome, distorcido na pronúncia local, do *rumi* (homem branco) que um dia dera nova vida ao poço dos espíritos.

www.liutprand.it





O que penso, e os outros?

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

Os pensadores deixam seu legado a quem interessar possa. A gente examina e assimila, ou rejeita. Faz tempo que abandonei o hábito de avaliar as coisas e separá-las em dois arquivos, as certas e as erradas, porque entendi (aqui na minha maneira de ver), que isso não existe. Sei que existe para a maior parte das pessoas, e respeito, mas isso foi desprogramado do meu sistema, acho que por desuso. Hoje assimilo o que me falta para continuar construindo meu caminho, e apago o que não me serve. Provocar é induzir ao erro. Ao erro de responder, de debater e argumentar, tentar infiltrar uma idéia na cabeça de alguém, querendo que esse alguém veja as coisas como você vê. Isso é uma bobagem. Você diz o que pensa e quem toma conhecimento das suas avaliações, afina-se com elas ou não, compartilha com você ou não, acompanha sua trilha ou não. Ninguém convence ninguém de nada. Quem têm convicções de suas ideias, não as debate, nem tem necessidade de defendê-las. A busca pelo debate é um impulso causado pela incerteza, pela necessidade de afirmação de algo a cerca do que não se tem muita convicção, é um impulso movido pela inquietação da dúvida. Exceção ao debate socrático. Este é o único debate que tem como base a dúvida consciente, a certeza de que nada se sabe, e o desejo de elaborar junto com o grupo escolhido algumas conjeturas. Essas conjeturas são apresentadas quase como um pedido de “convença-me do contrário”, desconstrua minha ideia, “apresente-me seu ponto de vista...” Porque é o ponto de vista do outro que me falta



para que eu possa conhecer melhor o que há em volta. Um exercício de elaboração participativa, entre pessoas convidadas a dar sua contribuição para elaboração de algo maior do que apenas uma opinião. Os adeptos de Sócrates eram convidados a emprestar seus olhos para que todos pudessem ver através dos olhos dos outros e assim poder crescer. Coisa elegante, generosa e efetiva, movida pelo respeito e pela admiração daquilo que se opõe a mim, que é diferente de mim, o outro, o próximo, ou seja, tudo o que não sou eu.

Perde quem tenta transformar algo tão precioso, que é o outro, o diferente, o que não está contido em mim, o complementar, o que ainda me falta, em uma réplica do conhecido, do manjado, do mastigado e digerido, um clone do eu. Este não cresce, não rompe suas limitações, não ultrapassa fronteiras e morre enterrado no próprio umbigo, não desperta, não vive.

paulolaspalmas@yahoo.com.br





O Rei da Asa Branca

Aquele que fez da sexta-feira 13.
De azar em Vira e Mexe.
Que cedo aprendeu com Januário.
O forró pra alegrar dores do sertão.

Teve amor, conflitos e revolta.
Resolveu deixar tudo pra trás.
Sem notícias para parentes.
Nove anos do Exército de Crato.

Até abraçar o Rio de Janeiro.
Improvisa ritmo de sobrevivência.
Melodia altos e baixos.
De novo choro em risos.

Em dedicação a Dança Mariquinha.
Compasso do canto sem protesto.
Falando a situação do nordeste.
Bamboleia a música popular.

De sabiá voou o pessoal.
Guerra e abaio apaixonado.
Se fez acácia amarela.
Casa de pai pra filho.

Arquiteto de letras e sanfona.
Constrói universo do baião.
Perambulou véio de paz
A vida de viajante.

Do grande Rei da Asa Branca.
A coroação de Luiz Gonzaga.
O primeiro e único jargão.
Pelas festanças juninas.

Do Brasil e mundo.
É dança do tempo.
Pra todo que relampeia
Pra sempre e sempre.

Beco da Preta



O Segredo

Gabriel Araújo Dos Santos

Campinas/SP

Ali em Nossa Senhora dos Acordados, com a demolição da velha igreja, todo o mobiliário, quadros e imagens de santos e demais peças sagradas tiveram acolhida nas casas dos fiéis, até que o novo e espaçoso templo ficasse pronto.

O esquife do Senhor Morto e dois confessionários foram ajeitados numa deca-dente casinhola de pau a pique pertinho dali, cujos fundos, de tapumes improvisados que faziam as vezes das paredes derreadas, davam para um imenso e sortido pomar, palco de constantes incursões da meninada.

Certa feita eu e Lindolfo, meu colega do grupo escolar, depois de demorada andança a caçar passarinhos e subir nas árvores, detivemo-nos para descansar rente aos tapumes da casinhola.

Sem trocar palavra, nos deliciávamos com os frutos cujo sabor não havia rival no mundo, e o coração batia a mil, tal o receio de sermos apanhados surrupiando coisas do alheio.

Foi numa dessas vezes que percebemos uma espécie de choro vindo do interior da casinhola. Um choro manso de mulher, baixinho, entremeado de queixumes que vez ou outra se viam interrompidos por uma fala que quase inaudível.

Curiosos, ouvidos atentos - logo concluí, e creio que igualmente meu amigo Lindolfo - era o vigário atendendo alguém no confessionário colado ao tapume.

Antes nunca tivesse estado ali e ouvido o que ouvi.

Invadiu-me uma sensação que eu não sabia bem definir: se de decepção ou de pecado - ou tudo junto -, e passei a carregar um segredo que no meu entender a ninguém podia ser posto a claro. Nem ao padre, em confissão.

A inocência principiou por morrer em mim...

Era como se eu estivesse sendo expulso do paraíso, o contraditório do mundo se revelando em toda a sua crueza.



Para não deixar magoado meu amigo Lindolfo, fui categórico ao afiançar-lhe que não dera para entender nada dos cochichos, e que eu não fazia a mínima idéia de quem era a penitente.

Foi a partir de então que ele se tornou uma criatura arredia e taciturna, afastando-se cada vez mais de seu grupo de folguedos, e me evitava o quanto podia.

Foram-se rareando minhas idas à sua casa, quando a mãe, a D. Genoveva, co- bria-me de agrados e me servia fatias de queijo e tacos de rapadura de que eu dava conta em três tempos.

Mulher humilde e por demais religiosa, orgulhava-se dos cuidados com que lava- va e passava os paramentos sagrados da igreja. E o esposo, Seu Zé Quem Dera, submisso à vontade de Deus, vivia de bicos, aquela vida dificultosa, mas sem reclamos, que não era a sua habitação – considerava pecado grave queixar-se da sorte. Sineiro oficial da igreja, não ganhava nada – “meu patrão é Deus” – justificava-se com humildade. Os olhos brilhavam quando o padre o elogiava no seu ofício divino – “um dom”, dizia o vigário.

Com o tempo, instruído pela mãe nas coisas do Altíssimo, Lindolfo, sempre recolhido nos subterrâneos de seus infortúnios, não saía da igreja, tornou-se coroinha e acolitava o padre nas importantes liturgias. E nas visitas pastorais às freguesias das redondezas, estava sempre a acompanhar o vigário em longas e cansativas marchas a cavalo.

Parecia antever o seu destino, cujos meandros já principiavam a se delinear.

Depois de prolongada ausência do lugarejo, de onde me ausentei jovem ainda, retornei para rever os amigos e desenterrar velhas raízes, e a intenção era ficar por lá muitos e muitos dias.

Da antiga geração - podia-se contar nos dedos - uns partiram para o descanso eterno, e outros se ausentaram - como eu - e ali nunca mais voltaram.

Coincidiu de naqueles dias ter sido lançada a candidatura do velho Lindolfo, que nos seus mais de 60 anos fora empurrado para a política, coisa engendrada pelo partido do qual saiu candidato.

Aqueles do meu tempo vieram todos me cumprimentar, e não escondiam a satisfação por eu aparecer justo no dia da homologação da candidatura do



meu amigo de infância, que a toda hora me pegava pelo braço e saía a me apresentar às novas gerações. Um trunfo para ele, já acalentando minha presença no primeiro grande comício de sua campanha.

Com a experiência de meus cinco mandatos de vereador e dois de prefeito na progressista cidade de São Pedro dos Ausentes - além de uma legislatura de deputado estadual -, viam em mim um poderoso coadjuvante para a vitória do partido no renhido embate eleitoral.

Lindolfo, agora Lindolfo da Barra, graças a um arranjo do vigário casou-se com Leontina, filha de rico e poderoso fazendeiro e minerador, transformando-se em cidadão respeitável e de muitas posses ao herdar do sogro, além de grandes fortunas, também o acrescente de "Barra" ao nome, indicativo da região onde situavam suas propriedades que se perdiam de vista.

Entre um aperitivo e outro e aquela fartura de tira gosto, o ânimo foi tomando corpo e as apresentações igualmente.

Havia de ver o entusiasmo da velha guarda, que apressada para desenterrar lem-branças beirou o inconveniente. Foi quando um dos presentes, João Saracura - apelido em função das pernas finas e por demais compridas - buliu no que sucedera ao vigário, morto em circunstâncias nebulosas, cujo assassino jamais foi descoberto.

O ambiente ficou carregado - aquilo de troca de olhares dissimulados -, mas a tagarelice de Marca Sol, tipo atarracado - para não dizer obeso -, de diminuta estatura, cara re-donda e vermelha, retornou as coisas nos eixos.

Olha aqui, Zé Sossego, olha quem está entre nós! -insistia Marca Sol ao retardatário - Zé Sossego era sempre o último a chegar.

Zé Sossego fazia parte do chamado grupo do falta pouco - que a qualquer hora podia bater as botas - eis que igualava comigo e o Lindolfo em idade. Entretanto, parece que a natureza foi pródiga conosco, pois enquanto as chamadas gerações jovens viam-se apáticas pelos cantos da ampla sala do comitê, as de avançada idade animavam o ambiente, aquilo de contar causos e até rodopiar pelo salão quando o conjunto do Chico Pega Bode fazia a alma reviver.

Lembra! - continuou o hilariante Marca Sol - lembra do Mané Desmaio?

Não, coitado, deixe isso pra lá, deixe o homem descansar em paz - interferiu o velho Lindolfo.



O inusitado foi na despensa.

Mané Desmaio, flagrado pela mulher quando assediava a Gerusa, empregada da casa, simulou um desmaio e a boazuda tentou ampará-lo.

Não se sabe como é que ele arrumou para cair largado e bater com a cabeça na panela de ferro que escapulira das mãos da assediada.

Depois daquilo, já não era mais o mesmo, foi encolhendo na expressão – quase não falava – e diminuindo de estatura, até que virou nada, e morreu, coitado.

E os amigos diziam: “o que não faz uma panela, hem!” – só que a panela era apenas um detalhe.

Depois, a curiosidade quanto à reação da viúva quando o caixão baixasse à sepultura. Um rio de lágrimas ou um rosário de vitupérios?

Nem um, nem outro. Ela desmaiou.

A maledicência continuou: de ódio ou de amor?

E todo mundo queria lembrar os tempos da infância, da adolescência e da entrada para a vida adulta.

Muitos dos presentes comichavam de vontade de remexer nos acontecidos obscuros da vida das pessoas.

Pensava comigo: vamos devagar com o andor que o santo é de barro. E era mesmo. O Lindolfo, por exemplo...

Quando lidávamos na sapataria do Quim Zé - um senhor já de idade e que levava vida em sobressaltos financeiros - ele, o Lindolfo, remunerado por peça trabalhada, tinha o disparate de acrescentar duas, três ou quatro unidades a mais na lista dos sapatos em cujo solado dava o acabamento, e o bem intencionado Quim não atinava pela coisa.

E a turma ficava a lembrar dos apelidos, e Josimar da Dina, ali presente, já foi ficando ressabiado. E não deu outra. Todo mundo se lembrou: Boca de Traíra!

Não se sentiu ofendido. Do contrário, riu à beça.

- Bons tempos! – falava a todo instante meu amigo Lindolfo, com o que todos concordavam.

- Na minha campanha – continuava ele – vou bater forte para o retorno da moral, da ética e dos bons costumes. Bons costumes, sim, bons costumes



principalmente na família, que está cada vez mais indo por caminhos tortuosos e desprezando os valores cristãos!

Palmas e mais palmas!

Animado com aquilo, suspirou fundo e falou, ressuscitando o velho refrão: “Naqueles tempos, éramos felizes e não sabíamos...”.

Não, não era a expressão da verdade!

Lindolfo não era uma criatura feliz, pelo menos depois daquele dia em que eu e ele nos sentamos ali rente ao tapume da velha casinhola.

Tudo porque, é custoso dizer, era a sua mãe a penitente que se achava no confessionário.

E tem mais.

Toda a conversa no confessionário girou em torno da vida do menino Lindolfo, ela rogando ao padre um futuro menos incerto e sem sofrimento para ele, filho único, cujo pai seria o próprio confessor...





Parodiando Ferreira Gullar

Gilberto Moura
São Luis/MA

Como dois e dois são quatro.
Às vezes a vida não vale a pena.
Porque o pão é muito caro.
E a liberdade muito pequena.

Os teus olhos já não são claros.
E a pele não é mais morena.
A poluição prenomina no oceano.
Esgoto polui a laguna que era serena.

Não existe mais tempo de alegria.
O terror se sucede, não apenas acena.
A noite ainda carrega o dia
Mas o colo não é mais de açucena

Sei que dois e dois não são quatro.
Sei que às vezes a vida não vale a pena.
E o pão ainda continua caro.
E a cabeça do opressor muito pequena.

Ainda com métodos iluministas.
Preconizados por Nicollo Maquiavel.
Sem educação e saúde é só vexame.
Prevalece a ação insana e cruel

A arma agora é outra.
A vergonha também é pouca.
O poder do biltre patriarca.
Fez dessa terra uma arca.

Em surdina algum ainda almoça.
Recorre-se ao poder do judiciário.
Troca-se o velhinho pela sua moça.
E os maranhenses vão ao calvário.

Como dois e dois são quatro.
A vida ainda pode valer à pena.
Se no próximo confronto.
O povo ir à revanche do desacato.



Primeira Desilusão

Sonia Regina Rocha Rodrigues
Santos/SP

Inocente de tudo, sem nunca antes ter amado alguém, apaixonei-me por um homem casado. Creio que seria inevitável. Aí estava a mão do destino.

A mulher dele era uma megera - autoritária, prepotente, sempre insatisfeita, a reclamar de tudo, a exigir o sangue daquele marido infeliz.

O medo de ser descoberta impedia-me de rir, de brincar, por vezes até de respirar. A situação tornara-se de tal forma intolerável que resolvi esclarecer de vez a questão e propus-lhe a fuga, em uma carta apaixonada.

Que ele deixasse aquela bruxa horrível que lhe atormentava a existência, que viesse comigo, que se dedicasse só a mim, e por aí afora eu prosseguia declarando o meu amor nos termos mais românticos.

À noite, ao despedir-me dele, coloquei a carta no bolso de dentro de seu paletó; ele prometeu que a leria mais tarde, que eu esperasse pela resposta na manhã seguinte.

Mal dormi, tanta era a expectativa.

No café da manhã do dia seguinte, ela, que geralmente dormia até mais tarde, estava ao lado dele. Assim que me aproximei, ele pôs-se a rir, repetindo para ela trechos da minha carta.

Meu coração culpado congelou de pavor.

A decepção, a dor, a confusão...como descreverei o meu espanto? Pois ele então não me amava?

Em meio às lágrimas, eu via os pedacinhos da carta caírem ao



chão, à medida que minha rival a rasgava devagarinho, com um sorriso perverso.

Apagava-se o meu sol, a minha vida perdia a razão de ser, e ele...
ria!

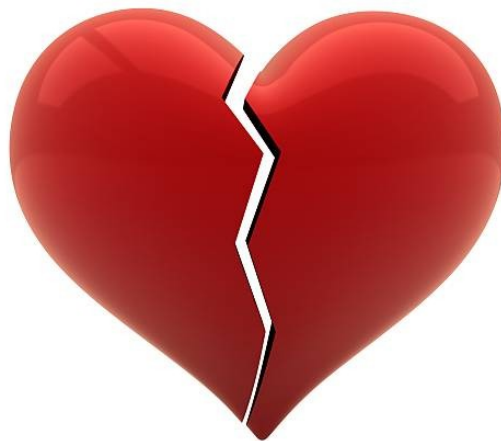
Inacreditável!

Indiferente a meus sentimentos, ele acenou em despedida, deixou a sala e saiu definitivamente do cenário.

E fiquei exposta, desamparada, vítima de uma tragédia tão antiga quanto banal.

Até hoje não compreendo como o meu primeiro amor pôde abandonar-me assim, indefesa, ao capricho da vingança de minha mãe!

<http://soniareginarocharodrigues.blogspot.com.br/>





Promessa

Reinaldo Fernandes

Brumadinho – MG

A filha está sentada no leito, observa a mãe. Lá fora, o sol começa a se pôr, para além do Ibirapuera. A tarde se finda. Dia quente de outubro.

- Promete, minha filha?, pergunta a mãe, parecendo acordar. Promete?

Ela acarinha o rosto da mãe, segura as lágrimas, seu olhar dirige-se à janela por onde entram os últimos raios de sol. O dia vai acabar.

- Promete?, insiste a mãe.

-Prometer o que, mãe? Descansa... estou aqui do seu lado.

A mãe esforça-se para fitar-lhe os olhos, parece vê-la distante, há quase dezessete anos de distância, quando ainda dava seus primeiros passos. Lembra-se de suas irmãs, pequenas, brincando de boneca na sala, também pequena do barraco. Eram mais três. Um faleceu num acidente trágico de moto; outra de meningite. A terceira irmã, "vida loca", sumiu na vida, nunca mais dela teve notícias. Ficou a caçula. Ficou sempre, cuidando dela, dando força, amparando-a até àquele momento.

- Descansa, mãe. A senhora vai ficar boa.

- Promete se cuidar, filha? Promete fazer o autoexame, ir no médico, ver se você não tem essa doença da sua mãe? Promete pra mim, filha, promete! Só se você prometer eu posso descansar em paz.

Ela abraça mais uma vez a mãe, seus dois seios tocam o único que restou da mãe. A mãe lhe aperta forte, ela corresponde. "Prometo, mãezinha!", cochicha no ouvido de sua heroína, aquela a quem mais amou, dedicou praticamente toda sua vida a cuidar. Ficam ali, assim, até que ela percebe que a mãe já não mais a aperta. Foi o último abraço de um amor cúmplice.

Ela passa a mão pelo rosto da mãe, fechando-lhe os olhos. Depois fecha a janela, apaga o que restou do sol. Acabou o dia. Acabou tudo.



Qual a razão de escrever?

Gilmar Duarte Rocha

Brasília/DF

Poucos autores tiveram em vida o reconhecimento do valor de sua obra literária, e muitos poucos ainda alcançaram esse galardão e lograram algum tipo de êxito financeiro. Poucos autores tiveram em vida o reconhecimento do valor de sua obra literária, e muitos poucos ainda alcançaram esse galardão e lograram algum tipo de êxito financeiro.

No primeiro enunciado, podemos citar alguns nomes de homens/mulheres que viveram de letras, produziram em média ou larga escala, lograram valorização, mas não dispuseram de expressivo retorno pecuniário em vida. No plano internacional podemos citar os exemplos de Robert Louis Stevenson, Walt Whitman, Ralf Waldo Emerson, Albert Camus, Miguel Ángel Asturias, Ilya Erenburgh, Júlio Cortázar, Alberto Moravia, Gertrude Stein e Ezra Pound. No plano nacional, por limitação natural de mercado de leitores, esse romaneio é proporcionalmente mais extenso, onde pode-se listar Graciliano Ramos, Olavo Bilac, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Clarice Lispector, José Guimarães Rosa, José Lins do Rego, João Cabral de Melo Neto e o melhor de todos, Machado de Assis, que, embora tivesse vivenciado a glória e colhido em vida os louros da sua genialidade, não ameahou fortuna suficiente para ser vizinho dos contemporâneos afortunados – se fosse essa a sua vontade –, que residiam em palacetes e solares no Botafogo, no Leme, na Urca, no Catete, ou ter proventos suficientes para investir em debêntures de empresas que emergiram a todo vapor após a política de expansão de mercado de capitais do governo Deodoro da Fonseca, sob a batuta do então ministro da fazenda Ruy Barbosa. Viveu como pode, viveu bem e faleceu realizado em sua modesta residência do bairro do Cosme Velho.

No segundo enunciado, os dos literatos que obtiveram êxito crítico, editorial, mercadológico e financeiro com o coração ainda batendo no fundo do peito e os pulmões filtrando ar a pleno vapor, começaria o elenco internacional por Sir Walter Scott, Alexandre Dumas, Charles Dickens, Victor Hugo, Júlio Verne, Mark Twain, John Steinbeck, André Gide, Pirandello, Graham Greene, García Márquez, Vargas Llosa e terminaria pelo mais bem-sucedido de todos: William Shakespeare, na minha modesta opinião. Como tudo na vida do bardo inglês é envolvido de lendas e mistérios, consta-se que tendo sido dono de companhia de



teatro, de teatro e tendo recebido À guisa de simulação, se um 1/10 afagos em profusão da corte dos direitos autorais auferidos com elisabetana. a venda de sua obra principal, e

Dentre os brasileiros, mais, se os royalties de uso de enquadram-se nesse faustoso rol imagem e patente do seu cavaleiro apenas dois nomes: Jorge Amado e errante fossem embolsados, o Érico Veríssimo. Paulo Coelho, o escriba espanhol decerto teria mais exitoso literato tupiniquim do condições de ser dono de uma das ponto de vista de mercado, fabulosas e valorizadas ilhas financeiro, quase um *popstar*, ainda baleares.

não foi aprovado pelo crivo Há casos similares ainda em inexorável da crítica especializada Europa de tempos mais recentes, em rotular padrão de qualidade a como o tcheco Franz Kafka, que um homem de letras. pouco antes de falecer, ainda em

Contudo, infelizmente, condição de autor pouco conhecido, contudo, há escritores que autorizou o seu amigo Max Brod a produziram verdadeiras gemas atirar na fogueira todas as suas literárias; prosa e/ou poesia obras, inclusive o clássico O amalgamadas com diamantes e processo. Felizmente o seu dileto, rubis; epifanias, iluminações e lúcido e verdadeiro amigo não deslumbramentos sob a forma de cumpriu o insano desejo do letras, e que não tiveram a primazia falecido. Há outros exemplos como de ver o trabalho reverenciado (e Marcel Proust, Rimbaud, Jane remunerado) ainda em vida. Austen, as irmãs Brontë, Guy de

No círculo ultramarino os Maupassant, Edgar Allan Poe, este exemplos são vastos, principiando último cada dia mais lido e cada dia pelo criador da maior obra-prima da mais usado como parâmetro na prosa ocidental, O engenhoso arte de construir histórias de fidalgo Dom Quixote de la Mancha, qualidade temperadas com Miguel de Cervantes – inclusive especiarias que demandam sucesso contemporâneo de Shakespeare – via de regra, como suspense, terror que nasceu, viveu e morreu e mistério. Nenhum deles gozou, financeiramente aos trancos e no plano terreno, da fama e das barrancos e não vislumbrou, nem benesses que dela decorre.

uma réstia de luz sequer, do No Brasil, como já foi sucesso estrondoso que o seu maior mencionado, muita coisa boa já foi produto (o cavaleiro enlouquecido e produzida aqui; trabalhos febril do planalto central da reconhecidos e laureados de Espanha) faria de forma progressiva diversos autores; muita medalha, e geométrica ao longo dos séculos. insígnia, condecoração, divisa, no



entanto, ganhos financeiros, que conturbada vida (morreu louco são abundantes em escritores da num sanatório) e, de acordo com atualidade, mormente dos países de críticos atuais, sua produção ainda língua inglesa, passaram ao largo da não foi devidamente balizada e maioria deles. avaliada.

Um escritor nosso, em Enfim, escrever é uma arte, e especial, teve uma trajetória sui- o artista literário não pode ficar generis: Lima Barreto. esperando láurea porque ela

O carioca Afonso Henriques de poderá vir ainda em vida, sob a Lima Barreto (13.05.1881- forma de condecoração, sob a 01.11.1922), ou simplesmente Lima forma de condecoração e benefícios Barreto, independente dos pecuniários, poderá não vir, poderá problemas financeiros, de saúde vir na posteridade e por aí vai.

(dele e da família), do alcoolismo, Em suma, o literato tem que conseguiu produzir peças de ficção ter em mente que ele é um ser de extrema qualidade literária, escolhido por Deus para cumprir amparado sempre na linha da escola um desígnio que lhe foi conferido; realista – então vigente na época -, cumprir com satisfação e onde Machado de Assis era o sinceridade; sentir-se sempre feliz expoente maior. Escreveu obras do naquilo que faz; ser íntegro, naípe de Recordações do escrivão honesto e irrequieto; e estar Isaías Caminha, Vida e morte de antenado constantemente, M.J. Gonzaga de Sá, Clara dos Anjos procurando amalgamar as lições e a sua obra-prima O triste fim de aprendidas com mestres do Policarpo Quaresma. passado com as inquietudes e

Apesar do enorme talento e desafios que a vida lhe oferece em certa produtividade, não auferiu o profusão. Creio que seja essa a mínimo reconhecimento durante principal razão de escrever. Ah! Os vida, apesar de elogios esparsos de louros! As pecúnias! Serão sempre acadêmicos da época. Teve sua obra bem-vindos. Se vierem. reconhecida muitos anos após a sua





Querer

Carlos Azevedo
Santa Marinha do Zêzere
Baía- Portugal

O ancião avista o sol
E corre a banhar-se nele
Sente-se remojado pouco a pouco
E vai lançando fora as mágoas
Em morno relaxamento
Desejaria misturar-se na onda
Penetrar o astro rei com a alma
E ir por aí dentro até ao centro
Para depois se incendiar
Acabando com o frio do existir
Deixou o corpo definhado
E já é facho luminoso
No novo reino, ao rubro,
Tenta guardar algum tempo
Para escrever suas memórias
Não do passado distante
Mas do tempo que ora cavalga
E que teima em escapulir
Verte na tela reluzente
Diversos carateres cintilantes
Que contam uma história de pasmar
E são o documento imaginário
Do que se pode fazer com o querer...



Resistência

Marina Moreno Gentile

São Paulo-SP

Sou liberdade, paixão por
gente,
a multidão é meu céu, é chão,
o grito de resistência faz
parte,
meu canto tem esta função.

Não nego meu sorriso,
não nego minhas raízes,
não nego minha matriz.

Tão natural quanto meus
cabelos,
é a poesia, a vontade de cantar,
ver a minha mensagem espalhar.

Escute minha música,
reflita nas minhas mensagens,
para ser feliz é preciso saltar,
pelo vale profundo da coragem.





Sem Razão

Sem Razão

Aldenor Pimentel



Ernesto nunca teve educação
nem qualquer outro direito
desde sempre, todos lhe foram negados

Um dia, Ernesto não se conteve
olhando direitos que nunca teve
cuspiu na mão que o esmagava

Ernesto perdeu a razão
gritou contra a mão que o calava
de berço pobre, cansou de ser pobrezinho
quem nunca se levou pela emoção
ali deixava a razão de lado

Mas, cá entre nós, pensando só com a razão,
no seu lugar, muitos fariam o mesmo
e com razão
e digo mais:
e até mais.



Senha

Ramon Carlos

Florianópolis/SC

Nas vibrações das mazelas
Ruídos místicos das docas
Congestionaram a viela
E os ecos foram de carona
Para rua sem saída
O soturno gritou por silêncio
Enquanto fazia a barba deitado
Pedi-me opinião sobre seu cavanhaque
"É um formidável retentor de buceta"
Peguei na mão dela e atravessamos a rua
Caminhamos até um vendedor de garapa
"Dois com limão"
Aguardamos toda a engenharia
Seu vestido bronze com relevos pitorescos esvoaçava
Como as asas de um filhote recém-chocado
Seu olhar que podia parecer periclitante
Mirava com louvor as sombras das árvores
Vitrines embaçadas pelo vapor íntimo
Paguei R\$ 10,00, um copo maior que o outro
Ela sugeriu sentar para beber, concordei
Do outro lado via-se um museu fechado
Uma balança de farmácia, um vendedor de toalhas
O outro lado é uma miragem em construção
Falei em comboios atenuantes
Expliquei o retentor do soturno
Disse-me dos ladrilhos suportando pesos
E afundando em partes
Também dos rins equalizando os termos
As luzes aos poucos contestavam o pôr do sol
Ao passo em que as cigarras afinavam os acordes



Para um blues de rejeição
Petulante, afirmou que daria fim aos meus cravos do nariz
"Meu nariz não tem cravos, o que vê são medalhas"
Nos beijamos como uma batida de porta
Afirmativa, barulhenta e significativa
Jogamos os copos no lixeiro azul
Nos ladrilhos homens sem querer voltar pra casa
Em casa, mulheres sem querer que os homens voltem
Arsênio injetado por um farmacêutico grego
Pelo meio da Hercílio até o mercado
Adiante
Um lugar nos espera
Com um gato que parece Carlitos
Derrubando prendedores de varal
Para ficar acomodado
Com uma melancia pela metade
Com os sons de uma cidade que previu o dia
Todo esplendor de uma lâmpada queimada
Sob estrelas vermelhas
O soturno barbear da catarse
Retentores em tanques de guerra
As mazelas, os deleites, os ecos e ruídos
Ainda dormiremos juntos
E acordaremos nus, com a janela semiaberta
Ouvindo o sempre pontual vendedor de ovos caipiras



Seu Telefonema

Lenilson de Pontes Silva

Pedras de Fogo/PB

Basta-me um telefonema
Alivia o longe e deixa-me leve...
Quero uma conversa serena
Quero que sempre me leve
Mas não quero só isso.

Palavras ouvidas,
Fazem-me sonhar a todo instante
Desmancha os males
E nos une mesmo distantes

Quero sempre isso.

Quero que me ligue sempre...
Nos dias mais escuros,
Acalma meus pensamentos,
Serei um soberano Netuno
Que intensamente tornei-me.

Quando me liga,
Meu coração vai recebendo sua doce voz
Pelo ar percorrendo
Entrelaçando-me
Ao doce escorrendo.



Sobre o Tempo

Tim Soares
Florianópolis/SC

Eu vejo o tempo passar para todos
Cruel para todos os homens
Com seus abismos, dragões e demais feras
Homens antigos na dor
Estufando o peito para a incisão
E depois para a sutura
Homens carentes
Com seus desejos
De apoteose
Homens doentes
Com sua sede
De caos
E para mim.
Homem que apenas anseia
Mais
Muito mais do tempo.





Tarado de Fila

Cláudia Cristina Mauro
Guaratinguetá/SP

Dia quase terminando, mas ainda faltava para fechar a noite, uma passada na farmácia. Tentei não me inquietar, enquanto observava a quantidade de pessoas na minha frente. Naquela hora era comum e farmácia virou point contemporâneo, logo vão oferecer cafeteria e loja de 1,99 nelas. Comer, comprar e sair com seu remédio. Nem sei como ainda não pensaram nisso.

Não havia muito o que fazer. Poderia ir embora e fazer as compras outro dia, ou poderia fazer respirações profundas, enquanto aguardava.

Observei as pessoas e foi com pesar que percebi a dependência de medicação no mundo contemporâneo. Vejo a quantidade de faixa preta que vai saindo. O que nos tornamos?

— O próximo, por favor!

Sou tirada de modo abrupto dos meus pensamentos sobre a medicalização do ser humano. Volto à realidade. Não, não sou a próxima. Sorrio para o moço ao meu lado, é a vez dele.

— Pode ir — disse o moço.

Houve um instante de choque e eu respondi meio sem voz:

— Obrigada.

Saltei na atendente, talvez com receio de ele voltar atrás em sua decisão.

A situação tirou o meu eixo. Estonteada, tentei fazer os meus pedidos a atendente.

O que foi isso? — pensei presa àquele atordoamento que não melhorava, insistia em me estremecer. A constatação do fato foi chocante.

Um ser humano me deixou passar na frente!



Recebi uma gentileza de desconhecido!

Fiquei cheia de felicidade por deparar com semelhante cidadão. Não conseguia sequer olhar para ele. Podia cair em pranto! Agradecida, voltei à respiração, já que precisei novamente recorrer a ela, visto que a boa moça me atendia tal qual um jabuti. Antes da lentidão dela me desesperar, recomecei as respirações.

Outra fila, a do caixa conseguia ser maior. A única que se divertia ali era uma criança fofa, que ao aguardar, atacava as balas e chocolates pendurados. Outros compulsivos, aumentavam suas cestinhas com vitaminas e cremes. Até dei uma olhada num protetor solar, mas me contive. Esperar faz bem ao estabelecimento.

Um moço, cortador de fila, bufava na minha frente, irritado com a espera, como todos. Neste caso, ou vai embora, ou espera. Mas o moço queria reclamar, como é comum nos brasileiros. Parar em qualquer lugar é correr o risco de ouvir insatisfação do povo. Muito difícil ouvir algo bom e positivo.

Lá pelas tantas, o bufador virou-se para mim, a fim de jogar seu lixo tóxico. Bufei de volta, mostrando que não queria receber aquilo, mesmo por que não acho que reclamação vai fazer a fila andar mais rápido. Quero paz! Já estava também lidando com a longa espera sem reclamar.

Só para ele está difícil?

Voltei a mim, tentando deixar produtiva a espera. Imaginei se todos ali estivessem bufando. Se cada um achasse que sua doença é pior, ou que está com fome, frio, cansaço, ganha mal e assim vai. Não que muitos não estivessem pensando nisso, comparando-se ao desgraçado a sua frente.

Chegou a minha vez e fiquei animada. Sou toda sorrisos para a caixa, que contou com alegria como se livrou de uma gripe que não desgrudava dela. Outro do meu lado, reclamava para moça do caixa. A culpa era dela. Foi ela que organizou o serviço de atendimento.

É muito comum de brasileiro reclamar para o trabalhador de um



estabelecimento, que não é responsável por estas questões que tanto estressam o brasileiro. Lembrei-me de uma mulher reclamando para a caixa do supermercado o preço da alimentação.

Pera aí! Vamos voltar ao moço! Ou serei mais uma reclamona na multidão.

Contei a uma amiga o episódio da gentileza. Queria passar este exemplo a frente, passar esta luz adiante. Ela olhou atônita para mim e gritou revoltada:

- Que risco você correu, doida!
- Como assim? — indaguei perplexa.
- Conheço este tipo de cara, é um tarado de fila.
- O quê?

Segundo ela, temos vários tipos de tarados. Tais como os de fila, que atacam em bancos, farmácias, supermercados, padaria, quitanda, etc. Se houver duas pessoas, uma atrás da outra, já é suficiente. Após isso, ouvi uma longa explanação sobre outros tipos com as suas devidas peculiaridades.

Não, não tire meu chão, amiga! Eu quero acreditar! Não faça isto, por favor! Não me contamine com a sua descrença.

Bufei para ela, porém de nada adiantou. Preciso aprimorar a técnica.

— Segunda intenção na certa, aposto que estava esperando no estacionamento. Filho da puta! Quando teremos paz?

Pensei: O homem ia me interpelar no estacionamento e falar, o quê?

— Podemos tomar nossas medicações em algum lugar? Eu posso dividir um analgésico com você.

E eu diria:

- Só se não for genérico.

Entendo a desconfiança da amiga com a bondade do outro. Não acreditamos mais em boas ações. Vejo por mim, através do quanto fiquei chocada com o comportamento do moço. E este deveria ser um



comportamento natural em nós, se não fossemos tão egoístas.

Dou-me conta do quanto é negativo ficar chocada com uma gentileza. Quão miserável está o nosso mundo, que isto se tornou raro? Será que nos empenhamos em conseguir sair de si, de nossas mazelas e interagir na coletividade, como seres pensantes? Ou estamos virando animais?

Pensar que todos fazem assim, é tirar a responsabilidade de si de fazer diferente, mesmo que seja um numa multidão.

Será que também estamos percebendo as gentilezas do outro?

Não dá para saber a intenção do moço. Se era espontânea, ou se ele queria uma troca. Não vou ficar esperando boas ações dos outros, quando vier serei grata. Vou focar em perceber se faço o mesmo, se atento para o fato de que sou um ser humano inserido num grupo, ou se acho que existe só a mim e aos meus desejos dentro dessa coletividade.

Por enquanto, obrigada tarado gentil!





Trabalhinho

Hilton Görresen
Joinville - SC

Peguei na geladeira a última latinha de cerveja, me sentei na poltrona já puída e fui saboreando a bebida aos pouquinhos. Puta miséria!

Foi quando tocou o celular. Era o Pivica.

– E aí, tá a fim de um trabalhinho?

Porra, eu estava desempregado há seis meses, sem crédito no celular, espremendo a última latinha de cerveja e o puto me perguntava se queria um trabalhinho.

– Demorô, mano. Topo, seja o que for – eu respondi.

O Pivica era da pesada, mas nunca havia se metido em coisas como roubos ou assassinatos. Eu também, nunca me passou pela cabeça mandar alguém desta para a melhor, ou para a pior, sei lá, nunca me preocupei com o que acontece depois desta bosta de vida.

– Então me espere amanhã, às nove da noite, em frente do bar do Julião.

– Certo, mano. E qual é o trampo desta vez?

– Lá eu te explico.

Isso era pelas onze da manhã, acabei a cerveja, calcei os tênis e fui andando até o mercadinho ali do bairro. Tava economizando os trocados feito um desgraçado para pelo menos um sanduba na hora do almoço. Mesmo assim, depois que abandonei a academia por falta de dinheiro havia até engordado alguns quilos. Mas era um cara bombadão, com 1,83m e 42 cm de bíceps. Por isso, o Pivica me chamava quando havia um serviço que precisava de força bruta. Era eu que carregava o piano.

No outro dia, quinze para as nove eu já estava de plantão, encostado num poste, na frente do bar. Estava quente pra caramba. Mariposas voavam em torno do poste, davam cabeçadas no bocal da lâmpada. Havia colocado a camiseta regata da academia, azul com letras brancas, gostava de andar exibindo os músculos. Porra, era tudo o que eu tinha. Como diz o ditado: se você só tem um limão, faça uma limonada. Meu corpo ainda impressionava as meninas.

O Pivica só pintou aí pelas nove e quinze. Vinha tranquilo, de calça jeans rasgada num joelho, camiseta do Flamengo. Era mais baixo e mais magro de que eu, os braços eram finos e lisos. O cabelo, como sempre, numa desorganização que ele dizia ser um penteado. Tinha uma enorme pinta no lado esquerdo do rosto, os lábios arqueados para baixo, o que fazia que ele parecesse sempre estar triste.

– E aí, mano. Qual é o negócio?

– Um cara tá transando com a mulher do nosso cliente. Vamos pegá os



dois no flagra e dar um pau no sujeito.

E mais não disse. O Pivica era assim, caladão, guardava os detalhes para ele, como se a posse deles lhe desse mais poder. Como se fosse um general montando as estratégias e mandando seus soldados cumprirem à risca suas ordens sem saberem para que porra de buraco estavam indo.

Entramos no fusquinha 69 do Pivica, para-lamas pintados de fresco, e seguimos pela avenida até o bairro Itaum. Escoado o movimento do dia, as ruas estavam quase desertas. Após rodados uns 10 quilômetros, o Pivica estacionou o carro debaixo de uma árvore que coava a luz vinda dos postes. O calor me fazia o suor pingar das axilas. Saímos e andamos alguns metros. Nos postamos detrás de outra árvore na calçada e ficamos ali de campana. A casa que vigiávamos era baixa, de pintura descascada, guarnecida por um muro baixo, com portãozinho de madeira. Por trás de uma cortina simples brilhava uma luzinha fraca. Fiquei desconfiado.

– É a esposa do cara, mesmo? Será que não é uma daquelas putas sustentadas pelo trouxa?

– E daí? – respondeu ele. Eu não falei que era esposa do cara. Pra nós, basta completar o serviço e receber a grana.

– Tá certo, brother. Bobagem minha.

Já eram mais de 10 horas, estávamos na espera há uns vinte minutos e o Pivica não me adiantava mais nenhum detalhe. Quem viria? Como íamos entrar na casa para dar o flagra?

Foi aí que parou uma caminhonete Honda, de cor indefinida, um pouco adiante da casinha. Um homem desceu do carro, apertou o controle, as luzes dos faróis deram uma piscada. Estava de chapéu com a aba abaixada. Veio se esgueirando como um gato, empurrou o portão, a porta da casa se abriu alguns centímetros e vupt!, entrou rápido.

Esperamos mais uns quinze minutos, até que o Pivica falou: é agora!

Passamos o portão, que abriu com um rangido fraco, quase imperceptível. O Pivica disse “me acompanha” e se dirigiu para a parte de trás da casa. Ali havia um diminuto espaço gramado até o muro traseiro, cheio de varais com roupas penduradas. Ao lado de um tanque de cimento, encostado na parede, estava uma porta fechada. Ali estava escuro. Pivica colocou a mão no bolso da calça e tirou uma chave. Riscou um fósforo, mas custou um pouco achar o buraco da fechadura. Enfim, nos esgueiramos para dentro da casinha. O interior era pequeno, bem simples, cozinha, banheiro, salinha com televisão e um quarto. No quarto havia luz. A porta, apenas encostada.

Eu estava tenso. Mesmo que tivesse efetuado um trabalho desses todos os dias ainda assim ficaria nervoso. Era o temor do desconhecido. Dali a pouco estaria espancando uma pessoa que eu nunca havia visto antes. Que modo estranho de ganhar uns trocados. Nessas horas me dava um tremor nas pernas, uma vontade de largar o negócio, ir embora para a minha toca. Mas era a vida, se você se arriar nas cordas perde a luta, a vida passa.

De súbito, o Pivica deu um empurrão na porta do quarto. A mulher estava



deitada de bruços na cama, só de calcinha. Era magra, uma falsa magra, daquelas de ombros estreitos, cintura fina, mas os quadris largos, a bunda achatada. Tinha a pele morena, cabelos louros mal pintados. Levantou a cabeça do travesseiro, os olhos muito abertos.

O homem estava em pé, perto da cama. Ainda de calças, mas sem camisa. Ia desabotoando a braguilha. Com o susto, deu um pinote, quase se amontoou numa cadeira no meio do quarto. Voltou-se para nós. Era gordinho, meio careca. Fui eu que o reconheci primeiro. Segurei o Pivica, que já ia partindo para a agressão.

– Porra, Pivica, é o Doutor Célio!

Doutor Célio era um velho cliente nosso, político safado, pagava bem por alguns servicinhos, nada de muito violento. Uns cascudos em adversários, pequenas ameaças.

– É mesmo! – espantou-se o Pivica. Doutor Célio, o senhor por aqui – foi o que ele encontrou para dizer.

Ele nos cumprimentou de modo um pouco arrogante como sempre fazia, mesmo naquela situação esquisita. Já havia adivinhado o que viéramos fazer ali. Quem está pagando pra vocês?

– Não pergunte isso, Doutor Célio. Não fica bem a gente entregar um cliente.

– Tá bem. Então quanto estão pagando? Eu cubro o valor.

O Pivica estava encrocado. O que fazer? Dar um pau no Doutor Célio? Nem pensar. Por outra, certamente ele não gostaria de falar em valores na minha frente. Eu nunca soube quanto na verdade ele recebia pelos nossos serviços. Contentava-me com a minha parte.

Engasgou-se um pouco, franziu a testa, olhou para o chão em direção aos seus tênis, e afinal chegou-se para perto do cliente e falou baixinho. O homem disse: tá bom, me procure amanhã no escritório.

– E agora? Vamos dar o cano no cliente? – eu falei quando estávamos já fora da casa.

– Foda-se. A vida é dos mais espertos. Trocar o Doutor Célio por um trouxa qualquer é trocar doze por meia dúzia. Vamos dizer que o homem não apareceu e desistir do negócio.

– Você é quem manda. Mas sabe o que me deu vontade ali no quarto?

– Nem imagino, mano.

– Dar um pau naquela vagabunda.





Viva o Extraordinário

Paulo Cezar Alves Monteiro

Florianópolis/SC

Manhã de sábado, ao volante e solitário em uma “freeway” Floripa/Curitiba anormalmente amigável, com seus horizontes abertos a prometer um final de semana com tudo por escrever, era uma sensação que se renovava, agora enriquecida pelos benefícios que o tempo premiava com um ritmo mais reflexivo. Tal era o identificado “playground” de telúrico prazer onde a baleia paleolítica, que assomara das profundezas oceânicas que carregou na alma, e ressurgira outrora na quietude atemporal dos fundos de piscinas, nos quais, durante a infância, me mantinha submerso e extático, plasmava agora o seu próprio e redescoberto habitat.

Quer tenha sido pelas emotivas reminiscências do pacífico cetáceo ancestral, quer pela excitação de trafegar pelo desconhecido, quer pelo enfileiramento de “hits” dos Pixies, dos Drowners e do Woods - estraçalhando nos “riffs” de guitarra de “With Light and With Love” -, uma trilha sonora habitual na estrada, o fato é que o aguçamento dos sentidos levou-me à percepção de detalhes que usualmente me teriam passado despercebidos. Logo eu, notório distraído, cuja capacidade de observação para minúcias do meu entorno beira a absoluta nulidade.

No aguardo do momento propício para ultrapassar os gigantescos caminhões que seguiam na mesma rota, aproveitei para esmiuçar os dizeres inscritos nos para-choques: “Quem ama cuida”, “Deus é a Luz do meu caminho”, “Em rio de piranha jacaré nada de costas”, “União apoia: “Crack nem pensar”, “Deus dá o juízo, a cachaça o tira”, entre tantos outros aforismos que reproduzem o fio de pensamento condutor dessa camada mais direta do nosso povo, enquanto acompanhava a sucessão de “outdoors” que, em pontos estratégicos, ocupavam as margens da rodovia.

Na divisa de Barra Velha e Joinville, um desses, mais afoito, convidava: “Entenda o Apocalipse, em livros, palestras e DVD’s”, e o inusitado apelo ao ocultismo levou-me a questionar com meus botões se, particularmente, conseguiria ter a ousadia necessária para tentar cruzar os portais dos aterrorizantes cataclismas, que na certa me seriam prometidos, enquanto admirava a praticidade e oportunismo daquela criatura, que, na antecâmara de tantas e tão calamitosas desgraças, conseguira encontrar ânimo e disposição para não descurar dos cuidados com a comezinha sobrevivência do dia a dia; afinal de contas, se investira em tantas mídias para propagandear o fim do mundo próximo, é porque certamente seria adepto do otimista ditado luso: “Enquanto o pau vai e vem, folgam as costas”!

Alheio a tal espectro sombrio, o grupo Fanfarlo exultava em “We’re the future”, oferecendo dançante pano de fundo para o dia luminoso de outono e o carro



ondulava pelas verdejantes e extensas planuras do litoral norte catarinense, trazendo à tona uma sensação de “déjà vu” que remetia a sonhos vívidos e recorrentes nos quais me “sentia” em solitária cavalgada, flanando na “imensitude” (estupendo neologismo que propõe a simbiose entre imensidão e quietude) das estepes russas de alguns séculos atrás e despertavam a mesma sensação de plenitude que experimentava agora.

Chegara, porém, à fronteira com o estado do Paraná, nos contrafortes da Serra de Dona Francisca – terra de gente cordial e hospitaleira, serranos de parques convívios, mas amaciados pelo singelo cultivo de orquídeas – e a solar paisagem catarinense já fora bruscamente substituída pela úmida e fosca neblina que caracterizava a prolongada subida da Serra, trecho ermo em que apenas os variados avisos de trânsito pareciam coexistir com os onipresentes “outdoors” e a luxuriante vegetação da Floresta Atlântica do Paraná; eis que, de repente, numa dessas curvas do destino - ou do imaginário fantástico - uma topetuda calopsita pareceu pular para fora do cartaz onde fora aprisionada, para ganhar vida e, marotamente piscar para mim enquanto sentenciava:

“Aqui qualquer topete fica famoso”!

A essa altura, eram quase palpáveis os sutis liames a unir e dar sentido às várias vidas pregressas evocadas no decurso dessa jornada de autoconhecimento, ilusoriamente separadas por barreiras de tempo e espaço, mas que conduziam indisfarçadamente ao garoto tímido que se deliciava com os primaveris sons que só ele parecia perceber no silêncio dos campos de milho do Minho português e desembocavam no adulto introspectivo que “viajava” ao volante, numa rodovia do Sul brasileiro. O sinuoso trecho de serra tinha já ficado para trás há alguns minutos e o carro deslizava cauteloso pelo asfalto molhado no altiplano que dava acesso à capital paranaense, quando a inesperada e divertida visão de um “outdoor” no qual um castor dentuço advertia: “Não durma no volante...durma num colchão Castor”, fez-me tornar consciente de um leve cansaço, talvez anestesiado pelos sussurros do “crooner” australiano, Steve Kilbey, na inebriante balada, cujo nome, “Intense”, selava um anticlímax para a sucessão de eventos tão ordinários e, no entanto, mágicos.

Eis que, já na periferia de Curitiba, desponta um derradeiro “outdoor” divulgando um daqueles espigões que proliferam como preás no cenário das urbes modernas; nele, um monólito vertical, “kubrickiano” no enigma de sua imponência, erguia-se em direção ao infinito do firmamento, enquanto em letras garrafais, se liam simplesmente os dizeres:

“Viva o Extraordinário”!

www.cultseraridades.com



Casablanca

Especial 75 anos

Luiz Roberto da Costa Júnior

Campinas/SP

As hélices do adeus despertam os olhos, em meio à neblina. O sacrifício pessoal, em prol de um objetivo maior, está consumado. A renúncia e a abnegação contribuem para a nobre causa da vitória sobre os nazistas. *Casablanca* parece nunca se esgotar como filme, com a melodia e a letra da música *As Time Goes By* de maneira indissociável e que provoca impacto. A fotografia em preto-e-branco permanece na memória, assim como os diálogos.

Casablanca nos lembra que o planeta está em constante movimento, como o globo que gira no início do filme. A ficção aborda o drama de refugiados que procuravam escapar da Europa dominada pelos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Um mundo em crise de identidade e que passava por mudanças.

O *Rick's Café Américain* é o ponto de encontro de personagens emblemáticos: Rick Blaine (Humphrey Bogart) como dono do bar, Victor Laszlo (Paul Henried) representa o líder da resistência checa e Ilsa Lund (Ingrid Bergman) completa o triângulo amoroso. Além disso, Ugarte (Peter Lorre) que rouba as cartas de trânsito, o capitão Renault (Claude Rains), como chefe da polícia local, e o major Strasser (Conrad Veidt), como representante do Terceiro Reich, são personagens que influenciam a tomada de decisão do trio central da trama.

O filme é repleto de personagens ambíguos que escondem sentimentos e intenções, mas que revelam ambições e desejos nos momentos decisivos. Rick Blaine aparenta ser isolacionista (como os Estados Unidos), mas se torna intervencionista dada as circunstâncias da guerra. O capitão Renault aparenta ser colaboracionista (apoio ao governo de Vichy), mas acaba revelando-se





aliado da França Livre. Ilsa Lund parece ser solteira para proteger o marido (a ideia é dele), mas no final do filme acaba tomando a consciência de ser a Senhora Laszlo (como preenchido na carta de trânsito).

Ilsa Lund aparece em posição triangular em várias cenas, no meio de Victor Laszlo e Rick Blaine, reforçando a ideia de triângulo amoroso na trama do filme. O caso de paixão e sacrifício envolve Rick Blaine e Ilsa Lund, após ele rejeitar Yvonne (Madeleine LeBeau) no início do filme e depois pagar tributo ao amor (casal búlgaro ajudado na roleta com o número 22, duas vezes seguidas, para fornecer dinheiro suficiente para os dois vistos de saída).

Victor Laszlo não consegue obter as cartas de trânsito em poder de Rick Blaine, após a prisão de Ugarte. Diante da situação extrema e sem outra opção, Victor Laszlo demonstra publicamente os motivos e as razões porque ele amava tanto a esposa como a causa que defendia. O duelo dos hinos é não apenas a resolução de um conflito externo de lutar por uma causa, como a resolução de um conflito interno de lutar pelo amor da esposa.

Ao longo do filme, a personagem Ilsa Lund aparece trajando quase uma dezena de figurinos, que é acompanhada ora por um lenço na cabeça, ora por um chapéu diferente, ora por um broche no vestido, ora por uma pequena bolsa ou um par de luvas nas mãos. Entretanto, apesar do filme ser em preto-e-branco, o vestido azul mencionado no primeiro diálogo, quando Rick Blaine e Ilsa Lund reencontram-se em Casablanca, possui uma conotação importante: um homem lembrar-se da roupa utilizada por uma mulher em Paris.

Ilsa Lund afirma, neste diálogo, que só voltaria a usá-lo quando os alemães



marchassem de lá. Ao estar com o vestido azul, na cena final, ela se mostra pronta no plano interior para ficar com Rick Blaine, enquanto no plano exterior



mostra-se confiante na causa da Resistência. O chapéu inclinado era *pièce de résistance* durante a França Ocupada (1940-1944). O azul da roupa, cor do céu e do mar, demonstra paz de espírito, segurança, tranquilidade e harmonia. Algo que Rick Blaine e Victor Laszlo precisavam contemplar para seguir em frente na luta travavam, na certeza de que estariam do lado vencedor da guerra.

Há 75 anos, o filme *Casablanca* era apresentado em *avant-première*, em 26 de novembro de 1942, no Teatro Hollywood, em Nova York. Aproveitou-se assim a situação de que, no início daquele mesmo mês, havia ocorrido a libertação do Norte da África, o que incluía Casablanca, pelos Aliados. O filme entrou em cartaz, em Los Angeles, em 23 de janeiro de 1943. Por este motivo, *Casablanca* concorreu ao Oscar com os filmes de 1943. Na noite de 2 de março de 1944, *Casablanca* ganhou os prêmios de melhor filme, melhor diretor e melhor roteiro adaptado.

A peça de teatro *Everybody Comes to Rick's*, escrita por Murray Burnett, serviu de base para o roteiro do filme. Durante o verão europeu, em 1938, Murray Burnett, professor de inglês numa escola vocacional de Nova York, estava de férias com sua esposa Frances. O casal foi a Viena, após a anexação da Áustria



pela Alemanha, para ajudar parentes judeus e, assim, eles começaram a ter contato com o drama dos refugiados. Na França, o casal esteve num nightclub chamado *Café Américain*, onde tocava e cantava um pianista negro, numa pequena cidade chamada Cap Ferrat, à beira do Mar Mediterrâneo, na Riviera Francesa. A partir de suas experiências, ele começou a escrever uma peça de teatro, nos Estados Unidos, durante o verão de 1940. Para terminar a peça, Murray Burnett contou com a colaboração de Joan Alison que colocou as cartas de trânsito no enredo. Em 12 de janeiro de 1942, a Warner Brothers comprou



os direitos para uma adaptação para o cinema. As gravações do filme ocorreram entre os dias 25 de maio e 3 de agosto daquele mesmo ano. O filme foi rodado nos estúdios da Warner Brothers, com exceção da cena inicial do aeroporto que foi rodada no Aeroporto Van Nuys, em Los Angeles, e do clip mostrado com cenas reais de Paris que aparecem na cena do flashback.

Há claros elementos de Propaganda Anti-Nazista no filme. Por exemplo, a própria abertura do filme na voz de Lou Marcelle, que fez narração em duas dezenas de filmes na década de 1940, baseia-se na ideia de criar no espectador a verossimilhança com a realidade, como se fosse o cinejornal comum na época. Ao transportar a realidade para o campo da ficção, busca-se trabalhar os elementos necessários na formação de um quadro amplo que permita uma análise da realidade com base em personagens fictícios. Ao criar a identificação do espectador com a realidade, o filme permite a construção do consentimento ativo (plano das ideias) e de um posicionamento pró-ativo (plano da ação), atingindo-se assim o objetivo da Propaganda Anti-Nazista.

Provavelmente, o elemento de Propaganda Anti-Nazista mais oculto no filme seja o de ter o desejo de ver o coronel Strasser morto, desde o começo do filme, e esperar este acontecimento com grande expectativa na sequência final. Logo no início da película, há a imagem do avião com o prefixo D-AGDF aproximando-se para aterrisar no aeroporto. A frase *Death to Acting Great Dictador Führer* seria uma mensagem subliminar? O prefixo do avião D-AGDF parece um epitáfio para um caixão pousando na pista do aeroporto. Após o avião taxiar e parar, com a imagem congelada do filme, pode-se ver claramente uma pequena bandeira com a suástica nazista, ao lado da porta do avião, e outra bandeira bem maior no leme do avião. Além disso, quando o coronel Strasser desce do avião, há a saudação nazista ao seu ajudante de ordens, o capitão Heinze, bem abaixo das letras GDF que estão na asa do avião. Vale lembrar que, dois anos antes do filme *Casablanca*, havia sido produzido o magnífico filme *The Great Dictator* (1940) de Charles Chaplin. Portanto, as letras GD já estavam no imaginário coladas à figura de Hitler. O filme *Casablanca* acrescentou o F (de Führer) nesta cena e, assim, de maneira inconsciente, deseja-se a morte do nazista, que está atuando no lugar de Hitler, naquele lugar distante na ficcional Casablanca do filme.

Casablanca possui um gênero híbrido que é muito diferente dos outros filmes de sua época. Isto foi amplamente analisado por Umberto Eco no *paper* "*Casablanca: Cult Movies and Intertextual Collage*", apresentado no Simpósio de Semiótica, em 1984, em Toronto, no Canadá. A análise semiótica considera



que o filme trabalha com arquétipos que frequentemente reaparecem em narrativas e desempenham uma vaga sensação de *dèjà vu*: situações em que se tem a impressão de já ter visto ou vivido.

Determinadas cenas também já foram amplamente analisadas: o significado da posição da Defesa Francesa no tabuleiro de xadrez, incluída por sugestão de Humphrey Bogart (para sua primeira cena com Peter Lorre), assim como o significado do número 22 na cena da roleta, com o croupier, no cassino.



O Acaso e a Obra-Prima

O Acaso desempenha papel importante tanto na produção do filme como dentro do filme de forma a construir uma Obra-Prima.

Uma peça de teatro chamada *Everybody Comes to Rick's*, que não consegue ser encenada, acaba chamando a atenção e é comprada e adaptada para roteiro de cinema. Diversos roteiristas trabalham no texto enfocando diferentes aspectos. Um elenco, nunca antes reunido de astros e coadjuvantes, tem atuação magistral numa impressionante sinergia. O contexto da época permite uma identificação com personagens e seus dramas pessoais. O filme representa o *zeitgeist* (espírito da época), pois o roteiro chega a Warner Brothers no calor do Ataque a Pearl Harbor. As filmagens iniciam-se no momento em que acontece o atentado da resistência checa em Praga, em maio de 1942. O filme estreia em janeiro de 1943 nos Estados Unidos, momento em que transcorre a Conferência de Casablanca.

O Acaso aparece também no filme como se pode ver no início, quando é determinado que os suspeitos de sempre fossem presos, mas um homem tenta fugir e morre baleado. No cassino do *Rick's Café Américain*, um apostador anônimo consegue ganhar 20.000 francos também ao Acaso para surpresa de



Emil, o Croupier. A grande virada do filme ocorre no momento em que Rick Blaine decide tomar os destinos nas próprias mãos e influenciar os acontecimentos ao escolher o número 22 na roleta. A partir dali, os personagens começam a tomar suas decisões e não ficam mais ao sabor do Acaso, sendo que isso fica bem representado pelo duelo dos hinos.

Naquele ano de 1942, *Casablanca* era apenas uma dentre as 50 produções da Warner Brothers. Nas sucessivas tentativas de se produzir um sucesso de público e para que este tenha êxito, às vezes é necessário contar com a sorte como com o Acaso. A produção do filme teve um último e feliz Acaso, quando Ingrid Bergman cortou o cabelo curto para interpretar Maria em *Por Quem os Sinos Dobram* (1943). Isso impediu que a música *As Time Goes By* fosse substituída por interesses comerciais de Max Steiner, pois ele desejava colocar uma canção de sua autoria. A interação da letra da música com o filme provoca um impacto tão grande que se tornam indissociáveis na lembrança do público e isso está muito além de *Casablanca*.

Referências:

Casablanca - Cult Movie <http://www.bookess.com/read/4896-casablanca-cult-movie/>

Casablanca: o Clássico do Cinema e as Diversas Interpretações do Filme

<http://www.bookess.com/read/26393-casablanca-o-classico-do-cinema-e-as-diversas-interpretacoes-do-filme/>





Doce Poesia Doce

De 17 de setembro a 8 de outubro o projeto DOCE POESIA DOCE vai distribuir gratuitamente nada menos que 10 mil “poesias doces” (poesias impressas embalando balas doces) em praças, escolas, hospitais e postos de atendimento em Salvador.

Na primeira fase do projeto, mais de 900 e-mails foram enviados para a Convocatória Doce Poesia Doce. Foi tamanha a quantidade e qualidade das poesias enviadas que a seleção aumentou dos 200 previstos para mais de 400 poetas participantes de todos os cantos Brasil e até do exterior. Além disso o projeto faz uma justa homenagem a 21 poetas consagrados cuja obra já se encontra em domínio público: os brasileiros Gregório de Mattos, Castro Alves, Junqueira Freire, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Alphonsus de Guimaraes, Augusto dos Anjos, Olavo Bilac, Mário de Andrade, Cruz e Souza, Machado de Assis, Casimiro de Abreu, Cláudio Manuel da Costa, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho e os portugueses Luís de Camões, Tomás Antônio Gonzaga, Bocage, Fernando Pessoa e Florbela Espanca.

São cerca de 20 cópias de cada um dos poemas selecionados, totalizando as 10.000 poesias doces que serão distribuídas. Além disso, todos os poemas serão postados no blog (poesianasarvores.blogspot.com.br) e na página do projeto no Facebook (<https://www.facebook.com/poesianasarvores>).

DOCE POESIA DOCE é um fruto simbólico e também literal do projeto PÉ DE POESIA, que em 2016 decorou as árvores de Salvador com 500 poesias de mais de 200 poetas de todo o Brasil. Os idealizadores de ambos os projetos, o escritor e músico Fabio Shiva e a fotógrafa Fabíola Campos, buscam sensibilizar as pessoas para o poder da Poesia de trazer doçura e beleza, para a vida, gerando transformações positivas. E da mesma forma que as poesias impressas serão distribuídas em Salvador, a proposta é que as poesias postadas do blog e no Facebook sejam compartilhadas por todos, gerando uma poética reação em cadeia. Principalmente neste momento em que vivemos no Brasil, quando somos diariamente brutalizados pela violência urbana e pela ganância dos poderosos, a Poesia surge como possibilidade de transcendência.

E é por isso que, motivada pela intensa participação dos poetas no envio das poesias, é aberta uma nova Convocatória Doce Poesia Doce, para o envio de



vídeos que serão editados e postados no YouTube e na página do projeto. Os interessados devem gravar um vídeo até 3 minutos respondendo à pergunta: "QUAL A IMPORTÂNCIA DA POESIA HOJE?" Caso queiram, podem também fazer um depoimento sobre o projeto Doce Poesia Doce e/ou declamar uma poesia. O vídeo deve ser enviado (via Google Drive, Dropbox ou Wetransfer) para o e-mail poesianasarvores@gmail.com até o dia 10/10/17.

Em Salvador, todos estão convidados a participar da distribuição de poesias doces e recitais em diversos pontos da cidade.





Doce Poesia Doce

DISTRIBUIÇÃO DE POESIAS DOCES CRONOGRAMA

17/09 - Domingo - 15h

Sarau poético de abertura do projeto na Praça da Sé,
com declamação e distribuição de poesias doces.

19/09 - terça-feira - 9h

Escola Municipal Cidade Vitória da Conquista
(R. Fernando Tórres, S/N - Itapuã)

19/09 - terça-feira - 14h

UPA Dr. Hélio Machado
(R. da Cacimba, S/N Itapuã)

19/09 - terça-feira - 16h

UPA Parque São Cristóvão
(R. Arquiteto Marcos Moreira Solter, s/n - São Cristóvão)

20/09 - Quarta-feira - 14h

Escola Municipal Ana Nery (R. Alto da Sereia, 5 - Rio Vermelho)

23/09 - sábado - 10h

Hospital Municipal de Salvador - HMS (Via Coletora B Cajazeiras)

26/09 - terça-feira - 10h

CAPS Gregório de Matos
(Largo Terreiro de Jesus - Faculdade de Medicina da Bahia/UFBA)

28/09 - quinta-feira - 10h

SEMPs - Secretaria de Promoção Social e Combate à Pobreza
(Rua Miguel Calmon, 28 Comércio)

30/09 - sábado - 10h

Orla de Itapuã a Piatã

03/10 - terça-feira - 14h

Da Rua Chile ao Terreiro de Jesus (Centro)

05/10 - quinta-feira - 14h

Do Largo da Mariquita ao Largo de Santana (Rio Vermelho)

08/10 - domingo - 15h

Sarau poético de encerramento do projeto no Campo Grande,
com declamação e distribuição de poesias doces.

APOIO



REALIZAÇÃO



Fundação
Gregório de Matos

Secretaria de
Cultura e Turismo



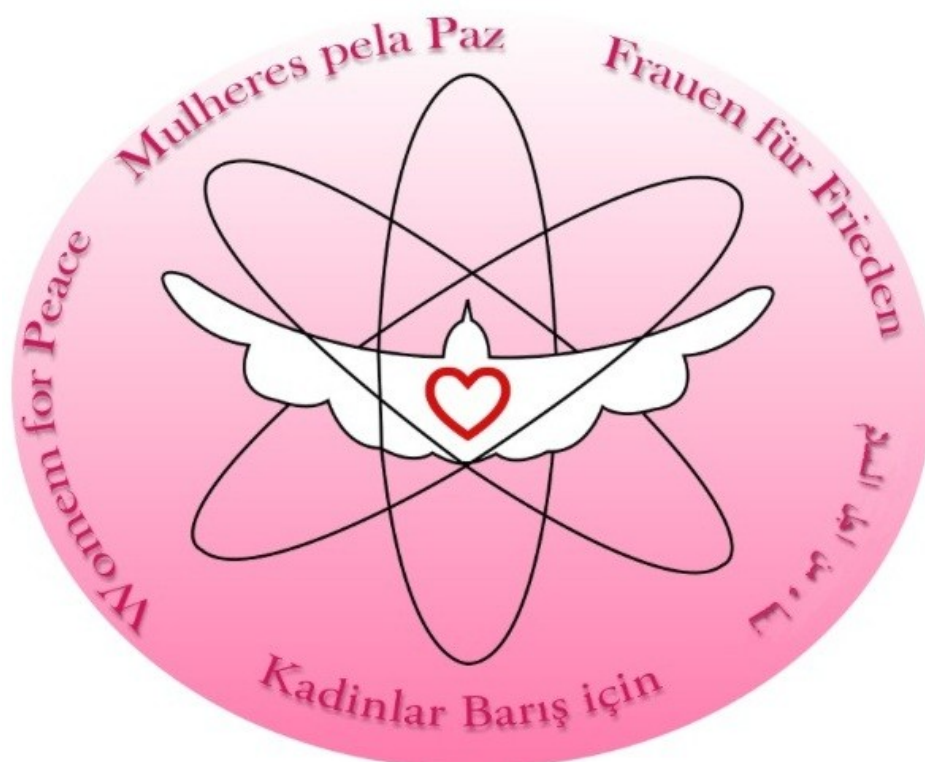


Mulheres Pela Paz

Frauen für Frieden

Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.

O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.



<https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-456642538000869/>



LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:



"Revista Varal do Brasil" - uma revista criada na Suíça pela escritora brasileira Jacqueline Aisenman, que por sete anos uniu escritores num varal cultural que se estendeu por todo o mundo. Esta revista é a "Mãe" da LiteraLivre.

Leiam as edições:

<http://varaldobrasil.ch/leia-as-revistas/>



"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

<https://www.facebook.com/casabrasil.li/>



Coloque-se no mapa com o PoemAPP

Com o aplicativo gratuito PoemApp - O Mapa da Poesia do Brasil, é possível divulgar e localizar os poetas, editoras, eventos literários e pontos de poesia de sua cidade ou de qualquer lugar do Brasil.

Disponível também no www.poemapp.com.br

Link do aplicativo para Android:

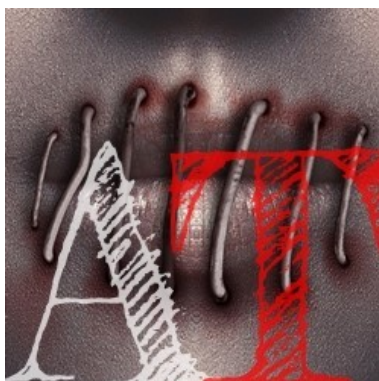
https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.poem_app



"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

<http://mulheresaudiovisual.com.br/>

(+ de 15.000 acessos no site!!)



A Arte do Terror é um projeto independente criado pelos autores, Faby Crystall, Donnefar Skedar e Carlos Henrique Fernandes Gomes, com o intuito de divulgar contos de Terror escrito por autores independentes.

O projeto é totalmente gratuito e digital. Em cada volume o autor pode disponibilizar seu conto de Terror que irá para o volume criado e publicado pelo selo independente Elemental Editoração.

Todos os volumes são digitais e o leitor pode fazer o download gratuitamente nos principais sites de livros no mundo todo. Acesse o site para ler os e-books e saber mais sobre como participar:

<http://aartedoterror.wixsite.com/home>

Nova Convocatória: "A ARTE DO TERROR REESCREVE O PASSADO" :

<https://www.facebook.com/aartedoterror/posts/1926139034301622>



**Leia e baixe
gratuitamente
e-books com
coletâneas de
vários autores.**

Rosimeire Leal Da Motta Piredda - Escritora e Poetisa.



**E-BOOKS GRATUITOS EM PDF
REVISTAS LITERÁRIAS**

<http://www.rosimeiremotta.com.br/e-books-gratuitos.htm>



Não deixe de participar da próxima edição!!!

O prazo para envio é até 15/10

Envie seu(s) texto(s) o quanto antes.

Também aceitamos, fotos, desenhos, tirinhas, etc...

Leia as edições anteriores em nosso site!

Assine a revista e não perca nenhuma edição.

**Os textos enviados fora do prazo serão reservados
para edições futuras.**

Revista LiteraLivre

<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliterativre>

<https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre>